



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA AMAZÔNIA
LINHA DE PESQUISA: POPULAÇÃO, FAMÍLIA, MIGRAÇÃO E GÊNERO

FELIPE GUSTAVO PEDROSA SOUZA

*MASCULINIDADES EM BELÉM DO GRÃO-PARÁ DE DALCÍDIO JURANDIR, UM
OLHAR CALEIDOSCÓPICO: História e Literatura. (1920-1950).*

BELÉM-PA

2025

FELIPE GUSTAVO PEDROSA SOUZA

*MASCULINIDADES EM BELÉM DO GRÃO-PARÁ DE DALCÍDIO JURANDIR, UM
OLHAR CALEIDOSCÓPICO: História e Literatura. (1920-1950).*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em História Social da Amazônia da Universidade Federal
do Pará como exigência para obtenção do título de Mestre
em História Social da Amazônia.

Orientador: Prof. Dr. Décio Marco Antônio de Alencar
Guzman.

Belém-PA

2025

FELIPE GUSTAVO PEDROSA SOUZA

*MASCULINIDADES EM BELÉM DO GRÃO-PARÁ DE DALCÍDIO JURANDIR, UM
OLHAR CALEIDOSCÓPICO: História e Literatura. (1920-1950).*

Data: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Décio Marco Antônio de Alencar Guzman (Orientador)
Doutor em Civilizações, culturas, literaturas e sociedades/Universidade de Paris
Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. Antônio Maurício Dias Costa (Membro Interno)
Doutor em Ciência Social/ USP
Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. Paulo Jorge Martins Nunes (Membro Externo)
Doutor em Letras/PUC Minas Gerais
Programa de Pós-Graduação em Comunicação, linguagens e cultura/UNAMA

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

S719m Souza, Felipe Gustavo Pedrosa.
Masculinidades em Belém do Grão-Pará de Dalcídio Jurandir,
um olhar caleidoscópico : História e Literatura (1920-1950) / Felipe
Gustavo Pedrosa Souza. — 2025.
105 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Décio Marco Antônio de Alencar
Guzman

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-
Graduação em História, Belém, 2025.

1. Belem do Grão-Pará. 2. Dalcidio Jurandir. 3.
Masculinidade. I. Título.

CDD 981.15

À minha mãe/avó Maria Cândida Pedrosa Souza (in memoriam).

A meu pai/avô Osvaldo Cunha Souza (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

Um mar tortuoso que tornou a navegação difícil, rotas confusas, cantos que quase naufragaram minha embarcação e que pareciam me retirar do traçado desejado até o destino. Colheitas de uma semente tardia e angústias que pareciam não se explicar. Esse foi o caminho traçado até aqui. Agradeço à minha família, ao meu pai e ao meu avô, Oswaldo Cunha Souza, pelas abdicações e projeção de um sonho que hoje eu posso realizar; à minha mãe e à minha avó, Maria Cândida Pedrosa Souza, pela continuidade na minha formação e pela demonstração de astúcia e inteligência. Minha mãe, Oneide Pedrosa, sua dor não foi em vão e esse trabalho faz parte da sua semente; a Raimundo Pedrosa pela integridade e apoio; à minha tia Esterlina Araújo por sempre acreditar e apoiar com muito carinho.

Agradeço à Universidade Federal do Pará pelo acolhimento e novas rotas para navegar, ao meu orientador, Décio Marco Antônio de Alencar Guzman, pela paciência, humanidade e por acreditar nesse projeto. Agradeço a Maurício Costa e Paulo Nunes pela participação nesta pesquisa e pela contribuição para seu engrandecimento. Grato a Raimundo William Tavares Junior pela amizade que se estende desde a graduação e pela proposta de investigar as masculinidades. A Capes pela concessão da bolsa. Agradeço ao amigo que a UFPA me deu, Raimundo Neto, pelo riso solto, passeios, leitura crítica e conselhos sempre pontuais. Ao amigo que me acompanha desde a graduação, Daniel Miranda, que contribuiu com esta pesquisa por sua leitura sempre pontual. Elaine Maia, pela amizade de longa data e contribuição crucial no meu desenvolvimento pessoal e profissional. Agradeço à Tamara Almeida pela amizade singular em que o uso de máscaras não é uma exigência; à Osiney Souza pela amizade e ensinamentos em forma de demonstração de calma e paciência; à Cláudia Campos e Janete Cardoso pela amizade e carinho que ultrapassaram as fronteiras de portos nebulosos.

Ao meu sogro, José Maria dos Santos Carvalho, por me oferecer o porto mais seguro e confiável para um viajante.

A Capitu, que viveu comigo por oito anos e agora virou uma linda estrela, e que neste tempo de convivência me ensinou a ternura que devo praticar todos os dias.

Por último, agradeço à Leila Alves de Carvalho, a mais perfeccionista lapidadora de pedra bruta, pelo carinho, paciência e amor ao nosso único e incompreensível modo.

RESUMO

Esta pesquisa tem por finalidade investigar as masculinidades apresentadas pelo escritor paraense Dalcídio Jurandir em sua obra romanesca: *Belém do Grão-Pará* e os elementos que a compõem, identificando uma pluralidade que oferece subsídios para estabelecer um conceito de masculinidade a partir dos problemas levantados pela filósofa estadunidense Judith Butler. Transitando entre os anos 1920, em que a obra está ambientada, e os anos 1950, nos quais o referido escritor constrói sua obra, propõe-se identificar aspectos presentes no tempo em que o literato viveu sobre o contexto que selecionou para estabelecer a sua escrita. Nesse ínterim, a investigação estabelece a comparação entre a obra literária de *Belém do Grão-Pará* e demais fontes históricas, com predominância das fontes impressas, os jornais que circulavam na imprensa paraense em 1950.

Palavra-chave: Belém do Grão-Pará; Dalcídio Jurandir; Masculinidade.

ABSTRACT

The purpose of this research is to investigate the masculinities presented by the Para writer Dalcídio Jurandir in his novel *Belém do Grão-Pará* and the elements that make it up, identifying a plurality that offers support for establishing a concept of masculinity based on the problems raised by the American philosopher Judith Butler. Transitioning between the 1920s, in which the work is set, and the 1950s, in which the writer constructs his work, the aim is to identify aspects present in the time in which the writer lived and the context in which he chose to establish his writing. In the meantime, the research establishes a comparison between the literary work *Belém do Grão-Pará* and other historical sources, with a predominance of printed sources, the newspapers that circulated in the Pará press in 1950.

Keywords: Belem of Great-Pará; Dalcídio Jurandir; Masculinity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 01: DALCÍDIO JURANDIR, O ILUSTRADOR “PÉ NO CHÃO” DA AMAZÔNIA.	20
1.1 Dalcídio Jurandir: escritor, cidadão e sujeito	21
1.2 A obra Belém do Grão-Pará e sua recepção pela crítica.	35
1.3 As imagens do escritor: o masculino que sorri.	40
1.4 Conclusão	46
CAPÍTULO 02: OS MASCULINOS NA BELÉM DO GRÃO-PARÁ DE DALCÍDIO JURANDIR.	47
2.1 A Belém “decadente” após Antônio Lemos.	49
2.2 Virgílio Alcântara, o masculino decadente, e Lamarão, o grã-fino da “Belém do Grão Pará”.....	54
2.3 Pelos fios do bigode.	67
2.4 Conclusão	71
CAPÍTULO 03: AS MASCULINIDADES “PÉ NO CHÃO”	71
3.1 Seu Lício e Virgílio Alcântara: o masculino e o consumo de álcool.	72
3.2 O paradoxo masculino em Inácia Alcântara: o feminino que incomoda ou o masculino que fracassou?	81
3.3 Conclusão	91
FONTES IMPRESSAS	95
REFERÊNCIAS	97
APÊNDICE	102

LISTA DE FIGURAS

Desenho 01 - O escritor Dalcídio Jurandir em caricatura de Biratan Porto.....	9
Figura 02 - Sr. Alfredo Pereira e Sra. Margarida Ramos, pais de Dalcídio Jurandir.....	21
Figura 03 - Boletim escolar de Dalcídio Jurandir. Ginásio Paes de Carvalho.....	23
Figura 04 - Capas das primeiras edições da Revista “O Cruzeiro”.....	24
Figura 05 - Revista “O Cruzeiro”, 1945.....	25
Figura 06 - Capa da Revista “Fon-Fon!”, de 1907 e 1934, respectivamente.....	25
Figura 07 - Dalcídio encarcerado no presídio São José em Belém.....	28
Figura 08 - Correspondência de 27 de julho de 1940.....	29
Figura 09 - Agradecimento de Dalcídio pelo recebimento do Prêmio Machado de Assis.....	30
Figura 10 - Dalcídio e Graciliano Ramos em viagem pela União Soviética em 1952.....	32
Figura 11 - Capa da primeira edição de Belém do Grão-Pará.....	33
Figura 12 - Dalcídio recebendo o prêmio Machado de Assis e sendo cumprimentado por Jorge Amado em 1972.....	34
Figura 13 - QR CODE direcionado para o site Dalcídio Jurandir, o romancista da Amazônia.....	35
Figura 14 - Anotações soltas de Dalcídio, documento sem data.....	37
Figura 15 - Dalcídio sorrindo, por Eneida de Moraes.....	42
Figura 16 - A imagem que Dalcídio passou ao público.....	43
Figura 17 - Praça Dr. Justo Chermont, centro de Belém e a Estrada de Nazaré.....	50
Figura 18 - Boulevard Castilho França, 1910.....	55
Figura 19 - Outdoor da propaganda <i>American Way of Life</i>	57
Figura 20 - Propaganda do jornal O Globo.....	57
Figura 21 - Anúncio do Jornal “O Liberal”.....	58
Figura 22 - Propaganda no jornal “O Liberal”.....	62
Figura 23 - Propaganda da fábrica de Sapatos Polar.....	63
Figura 24 - Propaganda das meias de liga nos anos 50.....	64
Figura 25 - Palacete Augusto Montenegro.....	66
Figura 26 - Vista da Av. São Jerônimo com o Palacete à sua esquerda.....	66
Figura 27 - Propaganda da Gillette, 1944.....	68
Figura 28 - Propaganda de jornal.....	69
Figura 29 - Jornal “O Liberal”, 1951.....	75
Figura 30 - Portas de residências familiares na área do meretrício em Belém.....	78

Figura 31 - Chegada de Errol Flynn ao Brasil, 1940.....	79
Figura 32 - Mapa da chamada zona do meretrício entre as décadas de 1940 e 1970.....	80
Figura 33 - Jornal das Moças, anúncio de creme dental e sabonete, 1935.....	83
Figura 34 - Marta Rocha (Miss Brasil); Marilyn Monroe é uma pin-up símbolo de influência nos anos 50.....	84
Figura 35 - O uso de jeans e calças cigarretes como marcador de quebra de padrões nos anos 5.....	84
Figura 36 - Entre com o QRCODE e escute a versão de Nora Ney para o clássico de Bill Haley.....	85
Figura 37 - Jornal “O Liberal”, 1951.....	89
Figura 38 - Jornal “O Liberal”, 1951.....	90

LISTA DE ABREVIATURAS

- AIB Ação Integralista Brasileira.
ANL Aliança Nacional Libertadora.
DOPS Departamento de Ordem Policial e Social.
UBE União Brasileira de Escritores.

INTRODUÇÃO

Dividida em três capítulos, a presente pesquisa em fase de produção vem por hora, apresentar esta proposta de sumário comentado, o qual tem por objetivo principal averiguar a masculinidade apresentada na obra: *Belém do Grão-Pará*¹ do escritor paraense Dalcídio Jurandir. Com o intuito de estabelecer um elo entre as masculinidades dalcidianas presentes na criação e aquelas percebidas na sociedade dos anos cinquenta, marco temporal em que a produção literária foi disposta e que está inserida no chamado *Ciclo do Extremo Norte*, lançado no ano de 1960.

Belém do Grão-Pará é marcada pela sua riqueza de detalhes, tanto pelo ponto de vista estrutural quanto pelo cotidiano da cidade retratada, tal qual o próprio autor enfatiza ao afirmar que tende a representar em seus romances “esse pessoal miúdo, aqueles a quem eu chamo de aristocracia pé no chão.”² Sob tal ótica, para dar vazão a esta temática, considero valoroso trazer como abordagem inicial, até para uma questão de contextualização, um breve, mas importante panorama sobre a vida do escritor paraense Dalcídio Jurandir.

Nessa lógica, levaremos em consideração sua vivência, aspirações e relações pessoais, para assim tentar perceber tais influências em sua escrita, partindo do pressuposto de que Dalcídio descreve a Belém dos anos vinte, retratando a corrupção e o abandono em que a população se encontrava em virtude da decadência da borracha. Nesse sentido, buscaremos também refletir sobre a relevância comportamental de alguns personagens que consideramos peças-chave para analisarmos a questão da masculinidade na obra.

Como frisamos anteriormente, a dissertação, de modo geral, abordará as vivências de Dalcídio Jurandir e as influências que sua escrita sofreu, considerando suas experiências com o comunismo e suas relações sociais com importantes nomes da literatura, como foi o caso de Eneida de Moraes, Jorge Amado e Bruno de Menezes. Além dos representantes da chamada Academia do Peixe Frito, como o já citado Bruno de Menezes, De Campos Ribeiro e Abguar Bastos, dentre outros. Outrossim, abriremos um espaço para discutirmos a relação entre história e literatura e como estas duas ciências podem se complementar.

Por meio da leitura da obra de Dalcídio Jurandir e das diversas pesquisas acadêmicas das quais tive contato, tanto no campo da história como no da literatura, pude perceber que há uma preocupação pontuada e explicada nestes trabalhos, nos quais se abordam os diversos estereótipos femininos em suas lutas e resistências. Todavia, é importante ressaltar que pouco

¹ Nesta pesquisa, a obra sempre estará referenciada em itálico.

² Entrevista concedida ao Jornal **Folha do Norte**, em 23 de outubro de 1960.

ou quase nada se fala sobre os personagens masculinos ali representados, sendo assim, há uma lacuna historiográfica que pretendemos ajudar a preencher com a presente pesquisa. Partindo desta premissa e dos questionamentos por ela iniciados, entendemos que esta investigação se justifica pela necessidade de compreender em que medida a questão da masculinidade está sendo representada na obra já citada. A partir desse contraponto, observamos se estes sujeitos, excluindo a licença poética do autor, tendem a representar os modelos masculinos consoante o seu tempo, isto é, a década de vinte.

De acordo com Tereza Lopes Miranda e Edina Shimanski, o conceito de masculinidade deve se articular a diversos contextos e suas especificidades, pois o sujeito deve ser considerado singular. Todavia, sem esquecer que este mesmo sujeito está envolto pela realidade sociocultural de seu tempo. Ou seja, em um espaço determinado que contém em si uma história própria, mas que também se apresenta como coletiva, portanto, não pode ser considerada de maneira isolada das demais questões.³

Sendo assim, buscaremos compreender a masculinidade representada por Dalcídio Jurandir, a qual está relacionada a uma conjuntura social, política e econômica; as permanências e continuidades históricas retratadas em uma Belém em “decadência” após o fim da intendência de Antônio Lemos e que sofreu com a perda do poder aquisitivo em decorrência da notável crise na economia da borracha. Isto nos permitirá conhecer os “sujeitos dalcidianos”, homens comuns e/ou “homens de valor”, suas histórias, cultura, comportamentos, princípios e formas de organização, pois inferimos que tais elementos, apesar de considerados fictícios, em verdade fizeram parte da vivência experimentada pelo autor.

Isto posto, entendemos que os elementos apresentados nos ajudarão a compreender, a partir de alguns conceitos, dentre eles o da heteronormatividade, que existe uma imposição masculina sobre o feminino, que considera as características atribuídas aos homens como vantagens e respaldo para um processo de dominação e inferiorização das mulheres. Conforme Maria Izilda Matos, os perfis masculino e feminino se definem à medida que:

[...] se constituem social, cultural e historicamente num tempo, espaço e cultura determinados. Não se deve esquecer, ainda, que as relações de gênero são um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças hierárquicas que distinguem os sexos e são, portanto, uma forma primária de relações

³MIRANDA, Tereza Lopes; SHIMANSKI, Edina. Relações de gênero: algumas considerações conceituais. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus, (Org.). **Relações étnico-raciais, de gênero e sexualidade: perspectivas contemporâneas**. Ponta Grossa: editora Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2014, p. 66-91. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/btydh/pdf/ferreira-9788577982103.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2024.

significantes de poder. Sendo uma de suas preocupações evitarem as oposições binárias fixas e naturalizadas, os estudos de gênero procuram mostrar que as referências culturais são sexualmente produzidas, por meio de símbolos, jogos de significação, cruzamentos de conceitos relações de poder, conceitos normativos e relações de parentesco econômicas e políticas.⁴

É substancial apontar a relevância da categoria de análise de gênero e suas especificidades para a pesquisa aqui proposta, compete ainda justificar a importância da literatura como fonte histórica, uma vez que, amparada por outras fontes históricas, pode ajudar a investigar uma sociedade em seu determinado contexto histórico. Necessário se faz salientar que a Literatura, mesmo possuindo as suas características de ficção, tende a retratar personagens fictícios, mas que, em contrapartida, não pode ser desassociada de uma conjuntura social e da vivência de mundo compreendida pelo autor, isto é, a literatura é produto de seu tempo e reflete as condições socioculturais do meio em que os autores se inserem.⁵

Desta forma, e concordando com a afirmação de Nicolau Sevcenko, Luís Felipe Ribeiro reitera e complementa que a Literatura possui vida, devendo ser encarada como um organismo complexo e não somente como uma mera obra ficcional que se distancia do real e social. Neste sentido, Luís Ribeiro conclui que a Literatura deve ser apreendida como um processo histórico, político e filosófico; semiótico e linguístico; individual e social, a um só tempo. Sua realidade transcende o texto para assumir o discurso, que conta, minimamente, com as dimensões do enunciador, do enunciado e do enunciatário.⁶ Desta feita, nossa proposta consiste na necessidade de enfatizar os estudos de gênero na Amazônia, especificamente o enfoque nas masculinidades, mediante a análise de uma fonte literária em intersecção com outras fontes, tais como jornais e revistas.

Foi pensando em como as masculinidades são retratadas na obra *Belém do Grão-Pará* que chegamos ao seguinte questionamento: O homem heteronormativo deve seguir um padrão ou existem interposições, tipologias ou variações sobre a masculinidade? Torna-se prudente mencionar que muitos foram os caminhos no campo da pesquisa que se dispuseram a olhar para as obras de Dalcídio Jurandir, principalmente na área da educação. Nessa conjuntura, houve na história merecidas referências às “mulheres dalcidianas”. Todavia, percebemos que não há uma

⁴ MATOS, Maria Izilda Santos. Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros - percursos e possibilidades. In: _____. **Gênero em debate**: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea. São Paulo: Educ. 1997, p. 97-98.

⁵ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2003, p. 29.

⁶ RIBEIRO, Luis Filipe. **Geometrias do Imaginário**. Santiago de Compostela: Edicións Laidovento, 2000. p. 97.

pesquisa sobre seus personagens masculinos e foi justamente o estranhamento causado por este hiato que nos propusemos a contribuir por intermédio desta pesquisa.

Nesta perspectiva, traçamos um recorte temporal correspondente à década de 1920 para investigar, sob a ótica da literatura e da história. Mas, além disso, perceber a verossimilhança entre seus personagens masculinos inseridos no meio urbano, com a população masculina urbana de Belém dos anos vinte retratada no romance. Nesta medida, buscamos refletir como essas masculinidades e seus comportamentos poderiam nos apontar os caminhos da compreensão do “ser homem” na década de vinte em Belém. Levamos em conta que tanto o aspecto biológico quanto econômico, social e étnico servia de condição para a certificação desta masculinidade(s).

O argumento central é de que partimos de uma pluralidade que abarca o masculino, sendo possível afirmar que existem masculinidades presentes na obra *Belém do Grão-Pará* de Dalcídio Jurandir. Torna-se imprescindível mencionar que as masculinidades são identificadas em variados aspectos: no sapato Polar que levanta a distinção de classe com o marcador da elegância; o bigode como identificação para cada homem; a gordura como uma característica que não é apenas física e sim como uma maneira de destacar o indivíduo, que acompanha a sua condição social em que o masculino se encontra, o que podemos verificar no personagem de Virgílio Alcântara, que acabou por engordar muito conforme a decadência o atingia.

Adentrando nessa perspectiva, no primeiro capítulo, intitulado: “**Dalcídio Jurandir: o ilustrado ‘pé no chão’ da Amazônia**”, busco, por meio da trajetória de Dalcídio Jurandir, partindo do município de Ponta de Pedras no arquipélago do Marajó até a cidade de Belém e sua estadia na cidade do Rio de Janeiro, compreender por meio da historiografia em que medida suas relações pessoais e sua vivência, perpassando pela militância comunista e sua breve detenção - ocorridas em 1935 e 1937 - puderam influenciar seu modo de enxergar as vicissitudes da vida urbana na cidade de Belém. Para além da trajetória pessoal de Dalcídio, será apresentado neste capítulo o modernismo amazônico representado pela Academia do Peixe Frito, a qual o próprio Dalcídio e Bruno de Menezes integravam.

De mais a mais, este capítulo trará duas subdivisões. No primeiro tópico: **1.1 Dalcídio Jurandir: escritor, cidadão e sujeito**, estruturado com base em pesquisas historiográficas acerca do percurso de vida do escritor paraense, pretendo apontar os diversos eventos ocorridos desde sua origem carente até o reconhecimento público de sua obra. No subitem seguinte **1.2 A obra *Belém do Grão-Pará* e sua recepção pela crítica**. Terá como ênfase os anos de 1920 em que a obra *Belém do Grão-Pará* é ambientada e analisaremos até os anos de 1950, período em que Dalcídio Jurandir produz sua obra.

Outrossim, é fulcral discorrer a respeito do exercício de escrita do autor, com base em suas vivências. Tencionamos perceber as possíveis interposições e juízos de valor que ele possa ter inserido em sua escrita ao retratar os anos 20. Também faremos uma discussão de lugares de memória a partir do que foi posto pelo historiador francês Pierre Nora. Em paralelo, buscaremos identificar os fragmentos que compõem a memória de Dalcídio para construir a obra *Belém do Grão-Pará* e que podem ser mais bem identificados.

Neste sentido, para que possamos compreender melhor os fatos mais relevantes deste período, as pesquisas de Maria de Nazaré Sarges, Aldrin Figueiredo, Maíra Maia, Paulo Nunes e Willi Bolle serão de grande valia, tendo em vista a importância em se perceber a pertinência histórica e cultural de Dalcídio para a região amazônica. Além dos autores já citados, contaremos com a contribuição dos trabalhos de Keila Monteiro, Wanessa Silva, Thiago Souza e Heraldo Galvão para tratarmos o cenário modernista em Belém do Pará.

No capítulo dois, intitulado: “**Os masculinos na *Belém do Grão-Pará* de Dalcídio Jurandir,**” apresentarei o conceito de masculinidade e suas implicações para o estudo. Desse modo, seguirei a partir do princípio estabelecido por Judith Butler, em que a autora propõe, ao pensar a implantação do sexo nos corpos, que a sociedade atribui sentidos e significados às características físicas do corpo humano, sendo possível definir o que é masculino, feminino, viril ou delicado, sempre levando em consideração que tais características podem variar conforme a sociedade se compõe historicamente.

É primordial levar em consideração que, como propõem Tereza Lopes Miranda e Edina Shimanski, o masculino, enquanto pertencente a uma categoria de análise de gênero, não pode ser visto de maneira isolada, apenas analisando o homem pelo homem, mas o homem inserido em um contexto histórico e social, relacionando com os eventos que o cercam, como a economia e o Estado, portanto, todo o estrato social ajuda a compor o conceito do que é ser homem e sua possível pluralidade.

Compondo o segundo capítulo, o primeiro tópico, nomeado: **2.1 A Belém “decadente” pós-Antônio Lemos**, busca apresentar o contexto histórico no qual a obra *Belém do Grão-Pará* está inserida, além dos desdobramentos a partir do final do chamado ciclo da borracha e como estes afetam a cidade de Belém do Pará. Nesse cenário, o jogo político laurista e a derrocada do intendente Antônio Lemos. Além do que, a decadência econômica não atinge a todos na sociedade e isto pode ser evidenciado tanto na obra quanto nas publicações periódicas da época. Para tal, incluiremos as significativas pesquisas de Patrícia Sampaio, Maria de Nazaré Sarges, Geraldo Mártires Coelho e Adriana Coimbra, além das fontes históricas em suporte de papel,

como jornais e revistas, que documentam eventos e olhares da sociedade em determinada periodicidade.

Já o segundo tópico do capítulo **2.2 Virgílio Alcântara, o masculino decadente, e Lamarão, o grã-fino da Belém do Grão-Pará**, apresentará a problemática que envolve a proposta de pesquisa e que ofereceu sustentabilidade para que o projeto se tornasse viável e exequível. Nesse ínterim, serão assinalados os traços de masculinidade que os personagens apresentam e que foi possível sustentar a hipótese de que existem masculinidades, além do que, encontra-se uma pluralidade de concepções sobre o que é ser homem. Nesse âmbito, cada personagem apresenta um traçado que pode ser entendido como masculino. O personagem principal, chamado de Alfredo, é o ponto de partida para que se compreendam as masculinidades em Virgílio e Lamarão. Todavia, as personagens femininas também lançam conjecturas sobre o entendimento do que é ser homem.

Sob essa visão, é a partir dos personagens que será buscada a classificação dessas masculinidades. Ademais, o item **2.3 Pelos fios do bigode**, trará o confronto entre obra e fontes de jornais e revistas, demonstrando que certas características e estereótipos ditavam e definiam aspectos da masculinidade. Para tal, as pesquisas de Gilda de Mello e Souza, Thorstein Veblen, Maria Izilda Matos e Denise Bernuzzi nos ajudaram a compreender a formação destes estereótipos.

O terceiro e último capítulo, intitulado: “**As masculinidades pé no chão**”, abordará as características dos homens e/ou mulheres que compõem a principal base de sujeitos representados por Dalcídio Jurandir, os trabalhadores que conhecem as dificuldades impostas pela realidade, assim como seus vícios e suas lutas a cada dia pela sobrevivência. Desta feita, no tópico **3.1 Seu Lício e Virgílio Alcântara: o masculino e o consumo de álcool**, trataremos da utilização dos vícios, principalmente o consumo do álcool, como combustível para expressar a masculinidade em diversos aspectos da sociedade. Nessa lógica, estes dois personagens irão abrir margem para podermos compreender, por meio do estudo das fontes de jornais, o comportamento dos homens da década de cinquenta, representados pelo escritor em seu romance, apontando que os vícios também podem ser utilizados como imposição de poder.

Por fim, o item **3.2 O paradoxo masculino em Inácia Alcântara: o feminino que incomoda ou o masculino que fracassou?** Traz a personagem Inácia Alcântara, que em nosso entendimento possui uma composição singular para o cerne da discussão. Posto isso, a figura feminina é a matriarca da família Alcântara, que após a falência passou a tomar as rédeas da casa, apresentando atitudes que de praxe “pertencem” ao mundo masculino, como principalmente, se tornar “a cabeça da família”, ocupando assim um lugar que seria de seu

marido Virgílio, mas que em virtude da degradação, renunciou a seu papel perante a família. Logo, para este capítulo, utilizaremos como fonte o romance *Belém do Grão-Pará*, os jornais locais e nacionais da década de 50, além do apoio historiográfico de Michel Foucault, Erving Goffman, Françoise Thébaud, Mary Del Priore, Nukácia Meire Araújo e José Dias Júnior para discorrer a temática em questão.



Dalcídio Jurandir

Fonte: Biratan Porto, 2011.⁷

⁷ Disponível em: <https://cenaaberta.com.br/2023/02/10/dalcidio-jurandir-o-romancista-das-aguas/>. Acesso em: 05 maio 2024.

CAPÍTULO 01: DALCÍDIO JURANDIR, O ILUSTRADO “PÉ NO CHÃO” DA AMAZÔNIA.

Apesar de Dalcídio Jurandir ser considerado um dos maiores literatos da região Norte, sua importante produção intelectual ainda é pouco valorizada nos grandes centros brasileiros, a exemplo do Rio de Janeiro e São Paulo, mesmo sendo admirado por grandes nomes, como Jorge Amado e Milton Hatoum. Além disso, duas de suas obras, dentre elas *Belém do Grão-Pará*, premiadas,⁸ poucos têm a percepção do quanto sua produção é necessária para interpretar a amplitude dos povos amazônicos. Em caráter mais específico, compreender a política, os costumes e o comportamento da sociedade urbana, em se tratando da obra *Belém do Grão-Pará*, durante os dois primeiros quartéis do século XX. Haja vista que a sociedade neste período estava passando por um processo de “depauperamento” econômico com o fim da comercialização da borracha em escala regional.

Dito isto, a proposta deste capítulo inicial é a de demonstrar as diversas facetas do literato paraense, quer dizer, o sujeito; o escritor; o cidadão, e, além disso, perceber o quanto Dalcídio explora e adapta suas experiências pessoais em seus personagens masculinos, particularmente em *Belém do Grão-Pará*, levando em conta o contexto histórico e o caráter subjetivo em que a obra foi escrita.

Para nos dar suporte, o escrito *Belém do Grão-Pará*, será nosso fio condutor para pensar esta aproximação entre a história e a literatura, questionar até em que ponto existe “um Dalcídio” em cada personagem, e, em que medida o retrato social representado em sua obra está agregado à conjuntura social, política e econômica em que o mesmo viveu. Haja vista que, a obra supracitada foi ambientada nos anos de 1920, contudo, foi escrita no decorrer da década de 50. Assim sendo, para analisar tais conjunturas, utilizaremos a documentação disponibilizada pela Casa de Cultura Dalcídio Jurandir e do acervo de jornais e revistas da Fundação Cultural do Pará. (CENTUR).

No ponto de vista historiográfico, a micro-história de Carlo Ginzburg e Giovanni Levi irá nos ajudar a observar os pequenos fatos em que o enredo da vida do literato passa a ser representado em seus principais personagens masculinos, tanto nos aspectos culturais quanto sociais e econômicos. Para além destes, Edward Thompson é acompanhado da história vista de

⁸ Prêmio Paula Brito da Biblioteca do Estado da Guanabara e o Prêmio Luiz Claudio de Souza da Pen Club do Brasil.

baixo, nos ajudará a compreender a sociedade dalcidiana, representada pelo “seu pessoal miúdo”⁹ e a que o autor vivia a partir de seu próprio contexto.

De igual maneira, para o aporte teórico voltado para uma historiografia dalcidiana, temos a historiadora Maíra Maia; os letrólogos Willi Bolle e Paulo Nunes; o escritor e filósofo Benedito Nunes e a jornalista e escritora Eneida de Moraes, com contribuições substanciais para compreender a complexidade da vida e da *Belém do Grão-Pará* de Dalcídio Jurandir.

1.1 Dalcídio Jurandir: escritor, cidadão e sujeito.

O escritor paraense, Dalcídio Jurandir, possui uma trajetória de vida pessoal e profissional bastante singular. Nascido em 1909, na vila de Ponta de Pedras - a qual faz parte do arquipélago da Ilha do Marajó - e foi criado em Cachoeira do Arari, o sujeito era filho de Alfredo Pereira e de Margarida Ramos, por sinal, sua mãe acabou por ser a grande responsável pelo contato de Dalcídio com o universo literário.

Figura 02 - Sr. Alfredo Pereira e Sra. Margarida Ramos, pais de Dalcídio Jurandir.



Fonte: Acervo Casa da Cultura Dalcídio Jurandir, s.d. Editado pelo autor.

Adentrando nesse âmbito, considerado um dos grandes escritores da Amazônia paraense, ele foi responsável por uma extensa produção literária, dentre estas a chamada Ciclo do Extremo Norte, composta por dez livros que possuem como cerne apresentar um retrato da cultura e da sociedade nortista, privilegiando como personagens centrais aqueles que representavam as pessoas comuns.

⁹ Jornal **Folha do Norte**, 23 out. 1960.

Conforme Carlo Ginzburg fez em sua grande obra: *O queijo e os vermes* (1976), ao abordar o processo de Menocchio para com a Inquisição e, a partir dele, compreender as estruturas e a mentalidade daquela sociedade. Sob esse viés, o autor utiliza-se da micro-história para reconstruir o universo psíquico de um moleiro italiano do século XVI, acusado de heresia. Ginzburg, mediante o caso de um camponês, consegue revelar aspectos profundos da mentalidade popular do período, além de enfatizar o poder exacerbado da Igreja para com os demais membros da comunidade.

Arelado a essa perspectiva de análise, Dalcídio, com seu olhar antropológico, enfatizou a chamada “aristocracia do pé no chão”, por estar mais conectada com a realidade, e fez o mesmo, revelando assim as relações fundamentadas entre seus personagens, o espaço, a cultura e as contradições sociais da Belém do Grão-Pará.

Desta maneira, Dalcídio faz uma “história vista de baixo” ao trazer para o cerne de sua narrativa o cotidiano e as contradições entre as classes sociais apresentadas na narrativa. Ademais, Edward Thompson explica a importância de se entender a história a partir da perspectiva das classes populares,¹⁰ “a gente miúda” de Dalcídio, destacando suas lutas e contribuições para o corpo social.

Sob esse panorama, consoante à biografia¹¹ do paraense, foi no ano de 1922, aos 13 anos, que ele chegou a Belém para dar continuidade aos seus estudos no Grupo Escolar Barão do Rio Branco. Lá permaneceu até 1924, ano em que concluiu o primário. Em 1925, consegue se matricular, aos dezesseis anos, em uma das instituições públicas mais antigas e respeitadas de Belém, o Ginásio Paes de Carvalho,¹² mantendo-se lá até o final do segundo ano, como podemos observar em seu boletim escolar.

O ano de 1928 foi marcante para o crescimento e amadurecimento pessoal de Dalcídio, pois foi quando, aos dezenove anos,¹³ resolveu parar seus estudos devido ao seu baixo

¹⁰ THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa**. São Paulo: Paz e Terra, v. 1. A Árvore da Liberdade, 2011.

¹¹ Casa da Cultura Dalcídio Jurandir. Disponível: <https://dalcidiojurandir.com.br/biografia-dalcidio-jurandir-escritor-br.html>. Acesso em: fev. 2024.

¹² Fundada em 1841, é a mais antiga instituição pública de ensino em funcionamento no Brasil. Ver: *Jornal O Liberal* de 26/06/2021.

¹³ LIRA, Osileide de Jesus. **Dalcídio Jurandir**: uma leitura da cultura cabocla paraense e a educação. Itatiba: Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Francisco, São Paulo, 2016, p. 94. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4066330. Acesso em: 11 abr. 2024.

rendimento¹⁴ e partir em viagem para o Rio de Janeiro, clandestinamente, a bordo do navio Loide Duque de Caxias.

Figura 03 - Boletim escolar de Dalcídio Jurandir. Ginásio Paes de Carvalho.

Fonte: Acervo Casa da Cultura Dalcídio Jurandir. Acervo documental, 1925. Editado pelo autor.

Outrossim, escolher a capital federal para tentar a sorte era abraçar o sonho de um futuro melhor, afinal, o Rio de Janeiro passava por um período de modernização cultural e social. Nesse sentido, neste período foi inaugurado o Cine Odeon no bairro da Cinelândia;¹⁵ a Gafieira Estudantina no bairro do Flamengo¹⁶ e a Faculdade de Medicina no bairro da Urca.¹⁷

Foi também o primeiro ano de publicação da revista *O Cruzeiro*,¹⁸ que primou em seu editorial um projeto moderno de jornalismo ao inserir a fotojornalismo e valorizar as grandes reportagens, assim como as originalidades em grafismo e cores, como bem podemos observar nas figuras abaixo. Portanto, Dalcídio foi testemunha de um período áureo, do ponto de vista

¹⁴ FARIAS, Fernando Jorge dos Santos. **Dalcídio Jurandir e a Educação: De letrado provinciano a intelectual nacional.** Orientadora: Dislane Zerbinatti Moraes. 2018. 175 f. Tese (Doutorado em História da Educação e Historiografia) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-20032018-155518/publico/FERNANDO_JORGES_DOS_SANTOS_FARIAS_rev.pdf. Acesso em: 10 dez. 2024.

¹⁵ O prédio Odeon foi construído em 1925, mas o cinema entrou em funcionamento apenas em 1928. Ver. *História do cinema brasileiro*. Disponível em: <http://www.historiadocinemabrasileiro.com.br/cinema-olinda-rio-de-janeiro-rj/>. Acesso em: 10 de dezembro de 2024.

¹⁶ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/10/16/gafieira-estudantina-fecha-as-portas-no-rio-com-quase-r-800-mil-em-alugueis-atrasados.htm>.

¹⁷ Disponível em: <https://cives.ufrj.br/medicina/FM-UFRJ.html>.

¹⁸ CARVALHO, Luiz Maklouf. **Cobras criadas.** David Nasser e *O Cruzeiro*. São Paulo: Senac, 2001.

cultural, do país. Todavia, como veremos mais adiante, “os ventos da bonança” não sopravam para todos.

Inclusive, é a título de curiosidade mencionar que Dalcídio, entre os anos de 1945 e 1946, trabalhou como colaborador da revista “O Cruzeiro”, como observado na figura 03, tinha como principal pauta denunciar as agruras da II Grande Guerra e o fim do governo de Getúlio Vargas. Ao retomarmos nossa narrativa para os primeiros anos do escritor no Rio de Janeiro, entendemos que, por mais que sua estadia em terras cariocas tenha sido por um período curto, visto que ao enfrentar dificuldades financeiras, precisou trabalhar como lavador de pratos e foi esta situação precária que o fez retornar para a região Norte do país.

Figura 04 - Capas das primeiras edições da Revista “O Cruzeiro”.



Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1928.

Figura 05 - Revista “O Cruzeiro”, 1945.

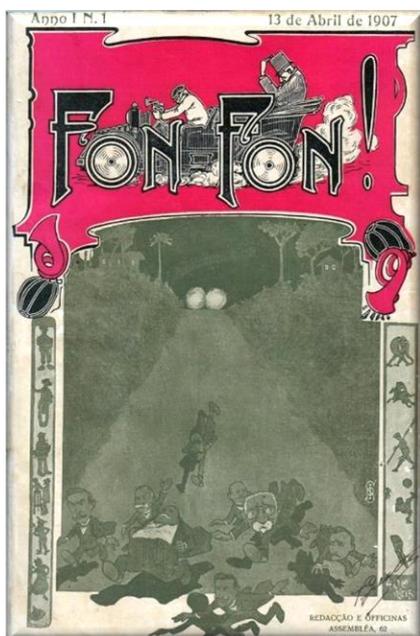


Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 09 de junho e 10 de novembro de 1945.

Inclusive, é a título de curiosidade mencionar que Dalcídio, entre os anos de 1945 e 1946, trabalhou como colaborador da revista “O Cruzeiro”, como observado na figura 03, tinha como principal pauta denunciar as agruras da II Grande Guerra e o fim do governo de Getúlio Vargas. Ao retomarmos nossa narrativa para os primeiros anos do escritor no Rio de Janeiro, entendemos que, por mais que sua estadia em terras cariocas tenha sido por um período curto, visto que, ao enfrentar dificuldades financeiras, precisou trabalhar como lavador de pratos e foi esta situação precária que o fez retornar para a região Norte do país.

Entretanto, antes de seu caminho de volta, Dalcídio também pôde atuar, voluntariamente, como revisor de textos para a revista “Fon-Fon”, periódico fundado em 1907 e que teve sua última edição publicada no ano de 1958. É imperioso ressaltar que a revista - durante o período do Estado Novo - demonstrou estar alinhada à política varguista ao abandonar as charges e reportagens de viés político e social (1907) e passar a enfatizar um papel censor, dando maior visibilidade em matérias sobre beleza, culinária e comportamento, evidenciando o papel da mulher como esposa e mãe (1934).

Figura 06 - Capa da Revista Fon-Fon! De 1907 e 1934, respectivamente.



Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1907 e 1934. (Imagem editada pelo autor).

Assim, após este período em terras cariocas, o jovem Dalcídio, sem ter mais condições de se sustentar, resolve retornar a Belém, trazendo em sua bagagem um aporte literário que iria

vir a moldar não apenas o literato, mas também o cidadão Dalcídio. Todavia, sua chegada à capital paraense ainda lhe traria frutos ao ser nomeado pelo amigo, Dr. Rainero Maroja, no ano de 1929, foi Secretário Tesoureiro da Intendência Municipal no município de Gurupá.

Sob tal conjuntura, neste mesmo município, findou os escritos de um de seus mais emblemáticos trabalhos, denominado: “Chove nos campos de Cachoeira”.¹⁹ Porém, apesar do cargo de confiança oferecido a Dalcídio, é possível que suas preferências políticas - flertava com as questões que envolviam as lutas de classes - ao ter compreensão das moléstias da sociedade, a pobreza e as desigualdades sociais, possam ter influenciado para que um ano depois, Dalcídio deixasse este cargo e fosse trabalhar na Região das Ilhas, exercendo a função de educador.²⁰ As andanças do escritor pelo interior da Amazônia nos fazem crer em um amadurecimento pessoal, resultando nele uma “bagagem de vida” que serviu sobremaneira como inspiração para seus personagens.

Sua vida pessoal, durante algum tempo, reflete um importante paradoxo, que pode ter influenciado suas produções futuras, pois, vindo de uma família humilde e empático às questões sociais que envolviam as lutas de classe, ele acabou por continuar a exercer funções como servidor público em cargos de confiança do governo; afinal, como dito, era uma questão de sobrevivência. Assim, assumiu as funções de auxiliar de gabinete da Interventoria do Estado durante a governança de Magalhães Barata.²¹ Função esta que pode ter sido determinante para que, anos depois, Dalcídio se alinhasse à ANL,²² fatos dos quais trataremos mais adiante. Além disso, Dalcídio também atuou como colaborador nos jornais “O Imparcial”, “Crítica” e “Estado do Pará”.²³

Em 1932, além de contribuir para as revistas “Guajará-mirim” e “A Semana”, também chegou a ocupar o cargo de arquivista do gabinete da interventoria. Aproximadamente trinta

¹⁹ MAIA, Máira Oliveira. **Para além da decadência: a “aristocracia do pé no chão” na Belém de Dalcídio Jurandir**. Orientadora: Maria de Nazaré Sarges. 2017. Tese (Doutorado em História Social da Amazônia) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017, f. 16. Disponível em: <https://www.dalcidiojurandir.com.br/pdf/estudos-academicos/para-alem-da-decadencia-a-aristocracia-do-pe-no-chao-na-belem-de-dalcidio-jurandir.pdf>. Acesso em: 10 de dezembro de 2024.

²⁰ NUNES, Benedito. **Dalcídio Jurandir, romancista da Amazônia: literatura e memória**. Belém: SECULT/PA. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 2006.

²¹ Para saber mais sobre a vida e importância política de Magalhães Barata para o Estado do Pará, ver: **Jornal O Liberal** de jun. 2024.

²² Aliança Nacional Libertadora.

²³ MAIA, Máira Oliveira. **Para além da decadência: a “aristocracia do pé no chão” na Belém de Dalcídio Jurandir**. Orientadora: Maria de Nazaré Sarges. 2017. Tese (Doutorado em História Social da Amazônia) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017, p. 17.

dias depois, foi remanejado para a Secretaria da Polícia Civil e, em seguida, foi novamente transferido, a seu pedido, para a Diretoria Geral de Educação e Ensino Público do Estado. A passagem de Dalcídio por diversos cargos da administração pública e, somado, como mencionado anteriormente, por suas experiências vividas desde a tenra idade, moldaram o cidadão e deram a ele um senso de justiça baseado em uma utopia pela busca por uma sociedade justa e igualitária, uma “realidade” que poderia ser usufruída por seus descendentes.²⁴

Foi justamente esta quimera a responsável por aflorar o escritor ativista ao ponto de, em 1935, se solidarizar e participar do movimento de apoio aos presos políticos que se envolveram na famosa Intentona Comunista²⁵ e, como resultado, Dalcídio foi encarcerado por dois meses no Presídio São José Liberto. Ademais, em 1937, Dalcídio foi reiteradamente preso sob a alegação de sua filiação ao Partido Comunista.

Sob tal ótica, outros intelectuais também estavam vinculados ao referido partido, como Graciliano Ramos e Jorge Amado.²⁶ Para mais, sua participação na campanha contra o avanço do fascismo no Brasil, principalmente com o “fortalecimento” da Ação Integralista Brasileira,²⁷ por meio de uma possível aproximação de alguns de seus membros com o governo varguista na ineficaz tentativa de vir a se tornar um partido único no país. O fato é que o envolvimento do literato paraense nesta empreitada gerou a ele, como consequência, mais quatro meses de detenção no presídio São José - PA.

²⁴ Dalcídio se casou em 1934 com Guiomarina Luzia Freire e desta união nasceram quatro filhos. A saber: Alfredo, que faleceu ainda bebê, aos onze meses de idade; João Sérgio, falecido aos vinte e quatro anos; João Roberto e Margarida Maria. (Cf. LIRA, Osileide de Jesus. **Dalcídio Jurandir: uma leitura da cultura cabocla paraense e a educação**. Orientadora: Luiza Batista de Oliveira Silva. 2016. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Sociedade e Processos Formativos) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Francisco, Itatiba, 2016, p. 95. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4066330. Acesso em: 11 abr. 2024.)

²⁵ Ocorrida nos anos de 1935 e 1937, a Intentona Comunista, também conhecida como Revolta Vermelha, foi um movimento político-militar que tentou retirar Getúlio Vargas do poder. Uma ação comandada pela Aliança Nacional Libertadora, ao ser considerada ilegal no governo Vargas, teve por principais objetivos a queda do presidente e a implementação do comunismo no Brasil, o qual passaria a ser comandado por Luís Carlos Prestes. (Cf. REIS, Daniel Aarão. **Luís Carlos Prestes**. Companhia das Letras, São Paulo, 2014.)

²⁶ MAIA, Máira Oliveira. **Para além da decadência: a “aristocracia do pé no chão” na Belém de Dalcídio Jurandir**. Orientadora: Maria de Nazaré Sarges. 2017. Tese (Doutorado em História Social da Amazônia) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017, p. 54.

²⁷ Fundada em 1932 por Plínio Salgado, teve um caráter nacionalista influenciado pelo nazifascismo que identificava como seus inimigos o liberalismo, o socialismo e o capitalismo financeiro internacional, em mãos de judeus. Apoiou o Estado Novo de Getúlio Vargas na esperança de ter seus mais caros membros inseridos no governo, todavia, após Vargas assumir o poder, acabou por deixar a AIB na ilegalidade, fato que gerou - no ano de 1938 - o ataque ao palácio do governo. (Cf. FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. São Paulo: Edusp. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002, p. 353.)

Figura 07 - Dalcídio encarcerado no presídio São José em Belém.



Fonte: Acervo da Casa da Cultura Dalcídio Jurandir, s.d. (Editado pelo autor).

Nessa conjuntura, somente em 1938, Dalcídio retorna ao Marajó, assumindo seu cargo na Diretoria de Educação e, no ano seguinte, foi enviado para Oeiras, onde passou a executar e conciliar a função de inspetor escolar com suas atividades como literato e colaborador de diversos periódicos, apesar de seus afazeres e constantes mudanças. Nessa lógica, Dalcídio sempre considerou a falta de incentivo do governo para com a produção local um sério problema, todavia, apesar das dificuldades econômicas e financeiras, ele nunca deixou de produzir. Por fim, antes de seu regresso ao Rio de Janeiro, Dalcídio foi enviado à cidade de Santarém-PA, na qual prestou serviços na função de recenseador na seccional da 5ª zona no Baixo Amazonas,²⁸ como bem podemos observar no envelope abaixo endereçado a ele no ano de 1940, enquanto esteve em Santarém.

²⁸ FARIAS, Fernando Jorge dos Santos. **Dalcídio Jurandir e a Educação: De letrado provinciano a intelectual nacional.** Orientadora: Dislane Zerbinatti Moraes. 2018. 175 f. Tese (Doutorado em História da Educação e Historiografia) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-20032018-155518/publico/FERNANDO_JORGES_DOS_SANTOS_FARIAS_rev.pdf. Acesso em: 10 dez. 2024.

Figura 08 - Correspondência de 27 de julho de 1940.



Fonte: Acervo da Casa da Cultura Dalcídio Jurandir, 1940. Editado pelo autor.

Como já mencionado, Dalcídio não perdeu de vista seu perfil literário e continuou a produzir. Dessa maneira, foi justamente a partir de 1940 que sua obra passou a ter maior prestígio nacional ao ser consagrado com o Prêmio Dom Casmurro, diante de um júri composto por nomes importantes do cenário literário brasileiro, como Oswald de Andrade, Rachel de Queiroz e Álvaro Moreira, que ofertaram ao paraense a possibilidade de se relacionar com importantes intelectuais e ampliar suas relações sociais.

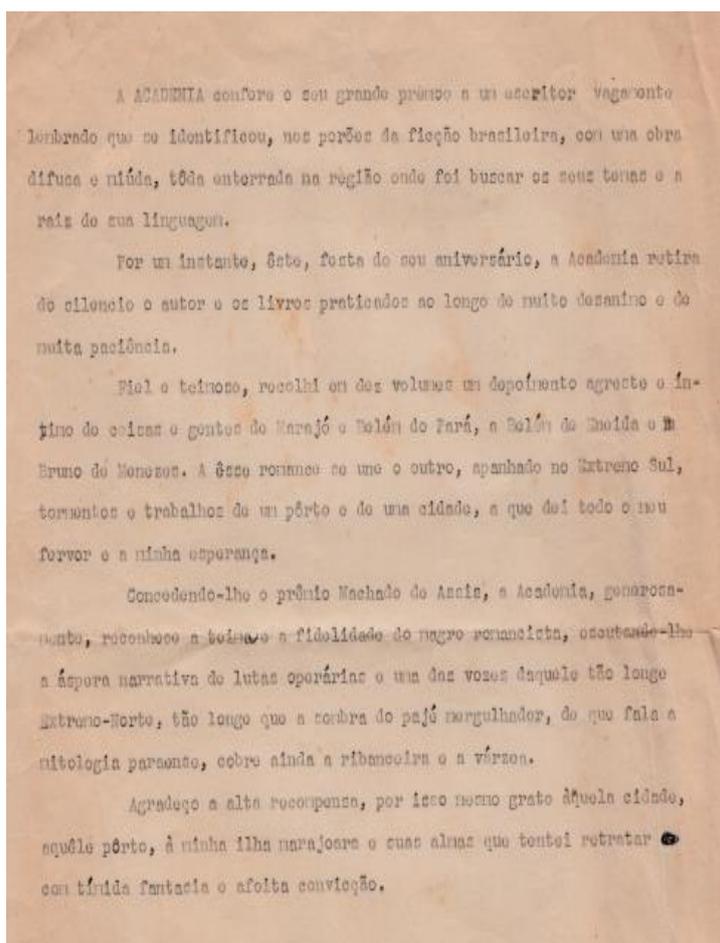
Não devemos esquecer do papel de Abguar Bastos,²⁹ amigo influente de Dalcídio, que, sem seu conhecimento, acabou por enviar para o mesmo concurso uma cópia de *Marinatambalo*³⁰, um conto escrito por Dalcídio Jurandir e que está inserido na narrativa de “Três Casas e Um Rio”,³¹ que só seria publicado em 1958.

²⁹ Abguar Bastos Damasceno foi um escritor, jornalista e político paraense. Atuou também como promotor público, diretor e redator de periódicos como: “A Semana” e “A Tribuna”. Foi chefe de gabinete de Magalhães Barata, além de membro fundador da Aliança Nacional Libertadora, em 1935. (Cf. “A grande chama de Abguar Bastos.” **Jornal da UBE**, out. 2002.)

³⁰ O nome *Marinatambalo* foi substituído por *Marajó*.

³¹ TORRES, Breno Machado; FURTADO, Marli Tereza. O reino de *marinatambalo*: um conto de fadas em *Três Casa e Um Rio*, de Dalcídio Jurandir. In: ANAIS ELETRÔNICOS DO XIV CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC, 2015, Belém, PA. **Anais...**, Belém, PA: UFPA, 2015. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1456146586.pdf. Acesso em: 15 jan. 2025.

Figura 09 - Agradecimento de Dalcídio pelo recebimento do Prêmio Machado de Assis.



Fonte: Acervo da Casa da Cultura Dalcídio Jurandir, 1958. Editado pelo autor.

Apesar da importância do prêmio, o autor paraense continuou sem incentivos financeiros por parte dos órgãos competentes vinculados à cultura no Estado do Pará e era comum o autor fazer referência a esta situação, como bem podemos observar: “Sai com dois romances, mas fiquei devendo dois meses de casa, a sessenta mil por mês, e cento e quarenta mil no Veloso, que ainda não pude pagar”.³² Ocorreu nesse período uma invisibilidade da produção local por parte do Estado e uma supervalorização em relação a outras produções de fora do Estado. Sob tal conjuntura, de acordo com Dalcídio: “Aparece uma turminha de malandros metidos a literatos, cantoras, e caem em cheio em cima do governo, sangrando o Tesouro, os da terra ficam no peixe frito.”³³

³² JURANDIR, Dalcídio. Tragédia e Comédia de um Escritor Novo do Norte. Rio de Janeiro: **Revista Dom Casmurro**. 31 ago. 1940, n. 164, p. 3.

³³ *Id. Ibid.*

Nesse prisma, quando Dalcídio usa o termo “peixe-frito”, ele está fazendo uma referência direta a um costume local de consumir peixe frito nas barracas da feira, consumo este realizado pelas camadas mais pobres da sociedade, ou seja, pela população mais simples. Em outras palavras, para o autor, o “peixe frito” foi utilizado como marcador social. Vejamos:

Ah! é notável a influência do peixe frito na literatura paraense! Peixe frito é o peixe vendido em postas nos tabuleiros do Ver-o-Peso ao lado do mercado em Belém. É a comida para quem não deixa almoço comprado em casa. Ao chegar o meio-dia, o pobre se tem a felicidade de haver arranjado dois mil réis leva um embrulhinho envergonhado de peixe para casa. A vida literária do Pará tem se movimentado em torno do peixe frito.³⁴

Para além da referência aos costumes alimentares, Dalcídio também vincula seu comentário à Academia do Peixe Frito, a qual, na época, foi formada por jornalistas, literatos e artistas locais sob a liderança do jornalista e poeta Bruno de Menezes. Nessa lógica, estes intelectuais faziam seus encontros no Mercado do Ver-o-Peso e lá discutiam as conquistas e dificuldades da produção local quando comparada à de estados mais centrais, como o Rio de Janeiro.³⁵ É substancial mencionar que Dalcídio passou a se alinhar tanto estética quanto politicamente a este grupo, chamando-os de “Grupo dos Novos”, e ele compreende que, por força das perseguições políticas, principalmente nos anos 30, o cenário artístico no Norte do país acabou por se isolar. Todavia, e sempre que possível, houve da parte do escritor a preocupação em mencionar seus companheiros durante o recebimento de prêmios ou entrevistas em periódicos, pois ele sempre se mostrou em defesa dos considerados excluídos da sociedade, fossem intelectuais ou gente comum.

Acabei gramando xadrez comum, o mesmo xadrez onde os ladrões de galinhas e porristas passam vinte e quatro horas. Nele passei três meses, apenas porque a infâmia dos camisas verdes³⁶ chegava a tudo naquele tempo. Me ficava bem, aliás, estar em companhia daquela pobre gente em vez de estar na companhia dos autores da infâmia e outras histórias. E outras misérias. E a vida do chamado intelectual na província é mais trágica do que se pensa. Bancamos bobos de rei, mas de graça. A não ser a honra dum convite para uma qualquer chateação literária e mais nada. O resto é o peixe frito.³⁷

³⁴ *Id. Ibid.*

³⁵ CARVALHO, Lorena Bolsanello de; SILVA, Marcia Cabral. Dalcídio Jurandir: do peixe frito às páginas de Dom Casmurro. Rio de Janeiro: **Revista Teias**, v. 25, n. 78, jul/set., 2024, p. 270. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/83718>. Acesso em: 29 abr. 2024.

³⁶ Referência aos integralistas.

³⁷ JURANDIR, Dalcídio. Tragédia e Comédia de um Escritor Novo do Norte. Rio de Janeiro: **Revista Dom Casmurro**. 31 ago. 1940, n. 164, p. 3.

Apesar das dificuldades já apresentadas, em 1942, ao retornar para o Rio de Janeiro após o lançamento de “Chove nos campos de Cachoeira”, Dalcídio passou a atuar intensamente como jornalista vinculado aos periódicos: “O Radical” e “Diretrizes”, dirigida por Abguar Bastos, que fazia oposição ao Estado Novo³⁸ de Getúlio Vargas. Nesse prisma, nestes ambientes de trabalho, Dalcídio criticou o quanto a sociedade brasileira estava sendo dominada pela cultura e costumes em massa advindos da Europa e da América e pela exploração dos recursos naturais do país.

Em 1947, teve seu romance “Marajó” publicado pela Editora José Olympio e, em 1958, como já citado anteriormente, ocorreu o lançamento de “Três Casas e Um Rio”. Sem dúvida, sua escrita crítica é afiada e ainda lhe levaria a terras longínquas, como ocorreu em 1952, quando o autor esteve em viagem pela União Soviética, em companhia do também escritor Graciliano Ramos. Ademais, foi neste mesmo ano que ele produziu o romance intitulado “Linha do Parque”, de teor socialista, tendo o autor utilizado como enredo a luta dos trabalhadores do porto no Estado do Rio Grande do Sul. Todavia, foi somente em 1962 que a produção denominada “Linha do Parque” receberia uma tradução para o idioma russo.

Figura 10 - Dalcídio e Graciliano Ramos em viagem pela União Soviética em 1952.



Fonte: Acervo da Casa da Cultura Dalcídio Jurandir, 1952. Editado pelo autor.

Em 1960, foi publicada a obra *Belém do Grão-Pará*, produção que dá sentido a esta pesquisa é que começaremos a tratar com maior ênfase no próximo capítulo. Nesse sentido, o romance retrata os percalços da família Alcântara em meio ao seu depauperamento econômico e moral em uma Belém “decadente”. Vista pelos olhos do jovem Alfredo, que não compartilha

³⁸ (Cf. “A grande chama de Abguar Bastos.” **Jornal da UBE**, out. 2002.)

da visão de mundo e da escala de valores dos Alcântara,³⁹ a vida citadina da Belém elitizada dos anos de 1920, que está representada na capa de sua primeira edição, a qual traz “um túnel de mangueiras levando a um sobrado com azulejos, fazendo lembrar que, na época retratada no romance, a classe abastada vivia de costas para o rio.”⁴⁰

Figura 11 - Capa da primeira edição de Belém do Grão-Pará.



Fonte: Acervo do Laboratório Virtual da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFPA, 1960. Editado.

Três anos após a publicação de *Belém do Grão-Pará*, Dalcídio estava no Rio de Janeiro e, de acordo com o relato de Benedito Nunes, ele parecia bastante abalado emocionalmente, senão traumatizado, pela leitura do romance modernista “Grande Sertão: Veredas” de Guimarães Rosa. Escritor nato, ele jamais tentaria imitar Rosa, mas esse impacto estético serviu para despertar nele as mais recônditas potencialidades de sua linguagem, um tanto recalcada pela vigilância realística, senão política, que exerce sobre o seu estilo, sem que jamais tivesse podido afiná-lo ou desafiná-lo pelo metrônomo do realismo socialista, então fórmula adotada pelo Partido Comunista Brasileiro, a que desde a juventude pertencera.⁴¹

³⁹ BOLLE, Willi. Boca do Amazonas: sociedade e cultura em Dalcídio Jurandir. **Edições Sesc**, São Paulo, 2019, p. 152. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/16000/10867>. Acesso em: 03 mar. 2024.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 153.

⁴¹ NUNES, Benedito. Dalcídio Jurandir: as oscilações de um ciclo romanesco. (Org.) **Marques Editora; Casa de Cultura Dalcídio Jurandir**. Belém: Estudos Dalcidianos, 4ª ed., 2015, p. 12.

Finalmente, em 1972, o conjunto da obra de Dalcídio foi agraciado ao receber da Academia Brasileira de Letras o prêmio Machado de Assis de literatura, honraria entregue pelas mãos do renomado e admirador de Dalcídio, o escritor Jorge Amado. Como já mencionamos, apesar de Dalcídio Jurandir ser reconhecido por seus pares como um grande intelectual e sua obra ser de extrema importância para a representatividade literária da Amazônia paraense, em contrapartida, falta ainda para o autor este mesmo reconhecimento do grande público em escala nacional.

Figura 12 - Dalcídio recebendo o prêmio Machado de Assis e sendo cumprimentado por Jorge Amado em 1972.



Fonte: Acervo da Casa da Cultura Dalcídio Jurandir, 1972. Editado pelo autor.

Adentrando nessa conjuntura, podemos perceber que, ao visualizar de maneira cronológica a trajetória de Dalcídio Jurandir, conseguimos compreender que sua jornada humana foi cheia de percalços e que sua trajetória comprova que a imagem do escritor em posse de seus prêmios literários e livros publicados é resultado de um processo de amadurecimento e experiência de vida. A qual cada personagem está imbuído em demonstrar um pouco do escritor, suas alegrias e aflições. Isto posto, atinamos ser uma impressão errônea pensar que a rica produção literária do paraense surgiu em alguns momentos de escrita oriundas apenas de uma mente criativa, quando em verdade cada obra está demonstrando pontos importantes de sua vida desde sua tenra idade.

Para saber mais sobre o escritor Dalcídio Jurandir, faça a leitura do QR CODE⁴² abaixo, que será direcionado para o site Dalcídio Jurandir, o romancista da Amazônia. O site contém inúmeras informações sobre o autor.

Figura 13 - QR CODE direcionado para o site Dalcídio Jurandir, o romancista da Amazônia.



Fonte: Dalcídio Jurandir, o romancista da Amazônia.

1.2 A obra *Belém do Grão-Pará* e sua recepção pela crítica.

Com a queda do velho intendente Antônio Lemos, no Pará, os Alcântaras se mudaram da Vinte e Dois de Junho para uma das três casas iguais, a do meio, de porta e duas janelas, n° 160, na Gentil Bittencourt. Era o trecho em que passava o trem, atrás do quartel do 26 de caçadores. O toque da alvorada acordava o seu Virgílio para a Alfândega. Foi o tempo em que seu Virgílio engordou muito, a mulher também e a Emília ficou moça, gorda à semelhança dos pais. “Com os ares desta aprazível residência, engordamos, benza-nos o Diabo”, dizia sempre a d. Inácia, com o seu riso entre dois suspiros de mofa e logo o pelo-sinal.⁴³

Nesse panorama, assim, inicia-se o quarto romance do Ciclo do Extremo Norte, intitulado *Belém do Grão-Pará*. A obra publicada em 1960 pela Editora Martins, segue a esteira na jornada de Alfredo, que naquele momento se encontrava no contexto da cidade de Belém, que se apresenta latejante, incompreensível e assustadora.⁴⁴ É neste novo cenário, distante do bucólico e saudoso Marajó, que Jurandir vai construir seus personagens, tendo como cerne a

⁴² A utilização do QR CODE consiste em uma abordagem de explorar as técnicas digitais de pesquisa e interação, o que permite ao leitor uma nova e detalhada imersão sobre o assunto em questão.

⁴³ JURANDIR, Dalcídio. *Belém-do-Grão-Pará*. Belém: EDUFPA, 2004, p. 45.

⁴⁴ *Ibid.*, p. 85.

família Alcântara e apresentando como conjuntura uma Belém urbana após a queda do Intendente Antônio Lemos.⁴⁵ Ademais, lembrando que os Alcântara foram uma família que viveu das bem-aventuranças do período áureo da extração gomífera no Estado e que agora se tornou uma família decadente, fazendo o que for possível para recuperar o status que possuíam para assim tentar manter as aparências dentro desta nova remodelação social.

A leitura do romance *Belém do Grão-Pará* pode nos trazer a sensação de que Alfredo é seu protagonista principal, contudo, em verdade, é a cidade quem assume este papel, como bem afirmam Paulo Nunes e Willi Bolle:

A verdadeira protagonista é a cidade de Belém na medida em que a descrição de sua topografia social resume todos os personagens, individuais e coletivos. A metrópole da Amazônia é apresentada como um espaço de lutas sociais e, ao mesmo tempo, de mitologias e utopias. Sobre o lugar do enredo, que se passa no início dos anos de 1920, é projetado um nome aparentemente anacrônico: Belém do Grão-Pará, que é uma referência ao tempo colonial. Dessa forma, o romancista criou uma superposição de épocas. Sua representação da história não se limita à descrição do período da decadência que se iniciou em 1912, quando a Amazônia sofreu a queda abrupta do preço da borracha; nem à rememoração do tempo anterior da *Belle Époque*; mas, sobrepondo a esses dois períodos a dimensão histórica da época colonial, o autor retrata a cidade sob a perspectiva de um tempo de longa duração.^{46,47}

O escritor Benedito Nunes reafirma esta característica da obra ao identificar que:

Belém não figura neste romance apenas como pano de fundo tropical. É mais do que um simples conjunto de quadros pitorescos enlaçados para realçar o conteúdo humano da narrativa. A cidade está presente em Belém do Grão-Pará com a sua atmosfera característica é mais do que isso, com a personalidade inconfundível de seus aspectos sociais, integrando um vasto panorama, uma paisagem, que é a síntese da sociedade do Extremo Norte.⁴⁸

⁴⁵ Falaremos mais sobre Antônio Lemos no capítulo posterior.

⁴⁶ O conceito de Longa Duração foi criado pelo historiador Fernand Braudel e está inserido na historiografia, fazendo parte da segunda geração da Escola de Annales. Para Braudel, a longa duração ou a noção de estrutura se refere ao ambiente geográfico, aos ciclos da natureza e à lentidão dos processos geológicos, pelos quais o autor reclamava prioridade. (Cf. CRACCO, Rodrigo Bianchini. **A longa duração e as estruturas temporais em Fernand Braudel**: de sua tese O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Felipe II até o artigo História e Ciências Sociais: a longa duração (1949-1958). Orientador: Hélio Rebelo Cardoso Júnior. 2009. 115 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2009. Disponível em: http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93349/cracco_rb_me_assis.pdf?sequence=1/>. Acesso em: 21 fev. 2024).

⁴⁷ BOLLE, Willi. **Boca do Amazonas**: sociedade e cultura em Dalcídio Jurandir. São Paulo: Edições Sesc, 2019, p. 151. (Cf. NUNES, Paulo. **Útero de areia**: um estudo do romance Belém do Grão-Pará, de Dalcídio Jurandir. Orientador: Audemaro Tarando Goulart. 2007. 16 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007).

⁴⁸ NUNES, Benedito. *Belém do Grão-Pará. Crônica de Belém: “Belém do Pará. (Org.). Marques Editora; Casa de Cultura Dalcídio Jurandir*. Belém: Estudos Dalcidianos, 4ª ed., 2015, p. 16.

Vale ainda destacar que *Belém do Grão-Pará* é uma obra que pode ser classificada como um romance histórico⁴⁹ em que utiliza informações de um determinado período da história, ocorrida durante os anos de 1920. Dessa maneira, mesmo o autor não utilizando marcadores temporais exatos, as informações contidas na obra nos permitem supor que a família Alcântara já vivia na Av. Gentil Bittencourt, casa de número 160 há pelo menos dez anos,⁵⁰ e que a mudança para a Av. Nazaré, mesmo com a casa em péssimas condições estruturais, se deveu como condição *sine qua non* para se manter perto da elite latifundiária em ascensão e assim tentar preservar uma pseudo grandeza e requinte.

[...] Heim? Não te disse? O Cão me soprou. Vai arriar em cima da gente dormindo. Da gente uma osga, que eu azulo. Me sumo. Tu não?” Com pouco, Libânia ali na porta da alcova. Os dois até se espantavam. Tinha vindo no ar? Debaixo do braço, os panos do seu dormir. Sentou-se no chão, calada, repetindo mentalmente: “que cabeça deu de mudar da Gentil. Ao menos na Gentil os sapos serviam de escora. E aqui? Os cupins?”⁵¹

Como vimos no trecho acima, a escrita de Dalcídio, sempre marcada por uma densa descrição,⁵² traz fatos cotidianos e pessoas comuns, além de apresentar os animais e a flora tão presentes na Amazônia paraense. Esta forma comum a toda sua obra foi tratada pela crítica especializada como um projeto estético regionalista que tendeu a valorizar a vivência nortista. Porém, entendemos que a crítica apresentou apenas uma impressão parcial sobre a produção dalcidiana, pois não conseguiram atender à profundidade apresentada pelo autor por meio de seus cheiros, sua gente e sua paisagem. A isto, o escritor Benedito Nunes saiu em defesa de Dalcídio ao afirmar que ele foi o “introdutor da paisagem urbana da Amazônia na literatura brasileira de ficção”.⁵³

⁴⁹ A obra não é exclusivamente um romance histórico e sua classificação mudará de acordo com cada abordagem. Para essa pesquisa, um romance histórico se enquadra com mais comodidade.

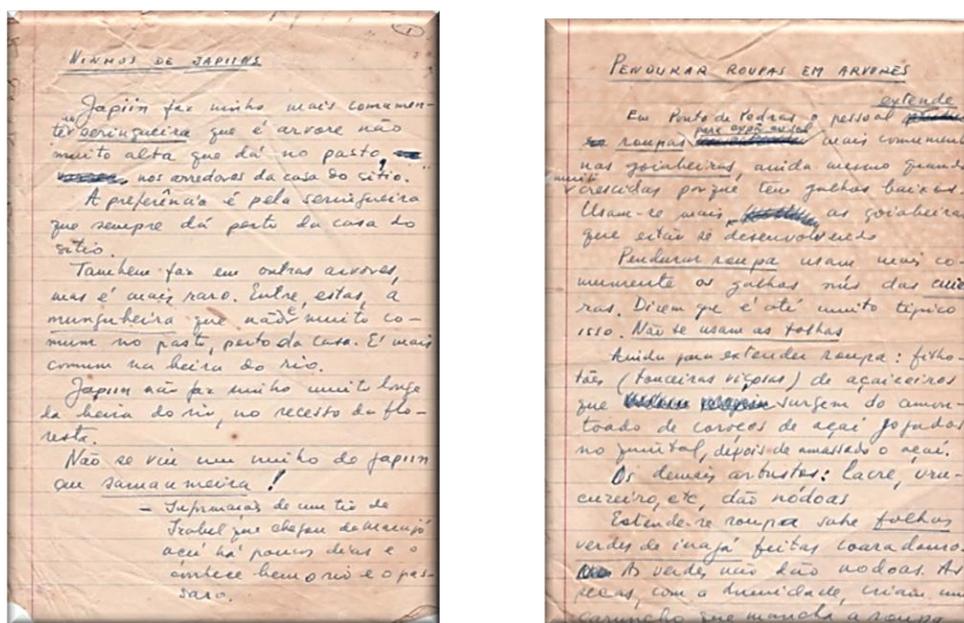
⁵⁰ JURANDIR, Dalcídio. *Belém-do-Grão-Pará*. Belém: EDUFPA, 2004, p. 45.

⁵¹ *Ibid.*, p. 511.

⁵² A descrição densa é um método criado por Clifford Geertz que tem por objetivo compreender, por meio da observação, as estruturas, as ações e suas particularidades na sociedade. Apesar do conceito ter sido apresentado apenas na década de 70, ou seja, ao menos 20 anos após a publicação de *Belém do Grão-Pará*, compreendemos que a escrita de Dalcídio foi precursora quanto à utilização deste recurso para descrever suas paisagens e personagens.

⁵³ (Cf. <https://cmb.pa.gov.br/os-cheiros-de-belem/>).

Figura 14 - Anotações soltas de Dalcídio, documento sem data.



Fonte: Acervo Casa da Cultura Dalcídio Jurandir, s.d. Editado pelo autor.

A composição de um ficcionista com a pertinência de um geógrafo ou ecólogo metucioso, cronista pitoresco e observador dos costumes locais.⁵⁴ Assim inicia a crítica de Álvaro Lopes no periódico “A Cigarra” no ano de publicação da *Belém do Grão-Pará*, em 1960. O destaque para a observação de Dalcídio aos costumes locais é uma marca registrada de suas obras, pois evidencia as características que somente um amazônida marajoara pode conhecer, o que ganha evidência em função da habilidade de descrição do literato, é como a construção de um mosaico da região e das pessoas em suas características e detalhes que poderiam passar despercebidas. Este tipo de construção narrativa faz parte da segunda e terceira fase do modernismo brasileiro, na qual a obra de Dalcídio está inserida.⁵⁵

Nesse ínterim, a obra de Dalcídio também foi chamada de metuciosa, pois é mediante essa preocupação com os pormenores que acaba por enriquecer a narrativa, sendo possível até classificar como perfeccionista no sentido de lapidação da trama e das peculiaridades que compõem os personagens. Ademais, os críticos definiram Dalcídio como um geógrafo ou ecólogo por se referirem às descrições do meio em que o literato se propôs a observar e descrever. Ainda no mosaico construído por Dalcídio, podemos ter a clara visualização das

⁵⁴ BARBOSA, Wilson Ferreira. **A recepção crítica da obra de Dalcídio Jurandir**: Rio de Janeiro e Belém do Pará (1940 – 1980). Orientador: Carlos Alexandre Baungarten, 2016, 193 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016, f. 127. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/6509>. Acesso em: 11 dez. 2024.

⁵⁵ *Id. Ibid.*, f. 30.

características geográficas, seja na região marajoara, seja na região metropolitana de Belém, foco da obra em questão.

Para mais, o ecólogo refere-se a descrever a relação dos seres vivos, plantas e animais da região amazônica, que também é uma forte característica das obras de Dalcídio Jurandir. Na obra *Belém do Grão-Pará*, os personagens são comparados aos animais durante toda a trama, para exemplificar uma característica ou situação, para destacar uma qualidade ou para depreciar um sujeito ou alguma condição. Algo que veremos enfatizado em nossos personagens masculinos no capítulo posterior.

Descrito também como o “cronista pitoresco”, o termo encaixa perfeitamente quando realizamos uma leitura das obras do romancista paraense. Pois, quem nunca se divertiu ao acompanhar a trajetória em declínio da família Alcântara? Os seus acordos geram desconfiança do ponto de vista do certo e do errado, as ações sempre visando alguma posição que trará benefício para a família, construir a cena do Virgílio Alcântara expulsando Zito Neiva de casa e rompendo o primeiro namoro e sentimento sincero de Emília pela falta de perspectiva do futuro da família,⁵⁶ em meio aos arrotos⁵⁷ de grandezas de uma era que não voltará mais. O humor que transmite uma ácida crítica social compõe a escrita do literato, tornando-se um aspecto visível a qualquer leitor, tornando-o um “cronista pitoresco” inconfundível.

Para o cronista Álvaro Lopes, o personagem principal é a própria cidade de Belém, com seus aspectos paisagísticos, a intensidade urbana e trepidante de costumes⁵⁸. No lugar de personagem principal, entendemos que a cidade é o palco principal, contendo seus bastidores para sua intensidade urbana e a trepidação de seus costumes representados em seus personagens.

Dalcídio Jurandir também é classificado como um autor etnógrafo,⁵⁹ que não está contido na crítica de Álvaro Lopes, mas é interessante mencionar. Sob tal lógica, o literato pode ser entendido como etnógrafo enquanto registra, por meio de um romance ficcional, diversas características de uma região que perpassam pelas características regionais descritivas de paisagens, os hábitos alimentares, as expressões regionais, as características físicas dos sujeitos

⁵⁶ JURANDIR, Dalcídio. *Belém-do-Grão-Pará*. Belém: EDUFPA, 2004, p. 73.

⁵⁷ BARBOSA, Wilson Ferreira. *A recepção crítica da obra de Dalcídio Jurandir*: Rio de Janeiro e Belém do Pará (1940 – 1980). Orientador: Carlos Alexandre Baungarten, 2016, 193 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016, f. 125. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/6509>. Acesso em: 11 dez. 2024.

⁵⁸ *Id.*, p. 126.

⁵⁹ CHEMELO, Thainá Oliveira; MAIA, Máira Oliveira; NUNES, Paulo Nunes. Narrativa e memória na Amazônia de Dalcídio Jurandir. *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, n. 34, jul./dez. 2020, p. 56. Disponível em: <https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/561>. Acesso em: 26 ago. 2024.

por intermédio dos integrantes da obra, os aspectos psicológicos que permitem profundidade aos personagens construídos na ficção. Destacar Dalcídio Jurandir como um escritor etnógrafo permite que suas obras assumam condição favorável para uma fonte histórica primordial, para que se estude nela, fazendo uso dela e a colocando em confronto com fontes que irão ampliar a compreensão de sua leitura.

Na crítica elaborada por Adonias Filho, afirma que *Belém do Grão-Pará* “nos convence de que o documentário é a consequência imediata do material ficcional e que, no quesito de temática amazônica, explode uma realidade através da matéria ficcional em que costumes, condições sociais, situações humanas e normas da vida são captados”⁶⁰ e uma configuração de documentário e romance se alinha em uma simbiose. Adonias estabelece um pareamento entre Dalcídio Jurandir e Inglês de Souza, Gastão Cruels, Ferreira de Castro e Peregrino Júnior no quesito de elaboração de escritas documentaristas e na ficção brasileira. Para mais, o autor equipara “Fogo Morto” de José Lins do Rego, “Jubiabá” de Jorge Amado e “Marafa”, de Marques Rêbello. Nessas equiparações, vemos o nível da produção literária de Dalcídio Jurandir e o seu alcance na qualidade da construção literária. Assim sendo, concordamos quanto à afirmação de que o “projeto dalcidiano se situa dentro da tradição do romance realista e naturalista, retomada no Brasil pelo romance social da década de 1930, ou seja, por autores contemporâneos a Dalcídio, como José Lins do Rego e Jorge Amado, além de Octavio Faria”,⁶¹ todavia, ainda falta para o nortista um reconhecimento nacional equiparado ao de seus colegas supramencionados.

Belém do Grão-Pará, é considerado por Adonias Filho um “romance de costumes”, um “romance social” e um “romance psicológico”.⁶² Esse último aspecto deve ser ressaltado, pois é reconhecendo o caráter psicológico que os personagens ganham profundidade e, ao realizar a leitura, temos a dimensão de que estamos de fato lidando com um sujeito social e em que suas características enquanto sujeito emergem. É por meio dos indícios psicológicos que a obra

⁶⁰BARBOSA, Wilson Ferreira. **A recepção crítica da obra de Dalcídio Jurandir**: Rio de Janeiro e Belém do Pará (1940 – 1980). Orientador: Carlos Alexandre Baungarten, 2016, 193 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016, f. 127. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/6509>. Acesso em: 11 dez. 2024.

⁶¹ BOLLE, Willi. Boca do Amazonas: roman-fleuve e dictio-narium caboclo em Dalcídio Jurandir. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, Belém, v. 6, n. 2, mai./ago., 2011, p. 426.

⁶² BARBOSA, Wilson Ferreira. **A recepção crítica da obra de Dalcídio Jurandir**: Rio de Janeiro e Belém do Pará (1940 – 1980). Orientador: Carlos Alexandre Baungarten, 2016, 193 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016, f. 128. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/6509>. Acesso em: 11 dez. 2024.

oferece que buscamos construir as masculinidades que perpassam pela construção literária de Dalcídio Jurandir.

1.3 As imagens do escritor: o masculino que sorri.

- No começo, não entendi por que Guilherme tinha adentrado àquela douta discussão e justo com um homem que parecia não gostar de tais assuntos, mas a resposta de Jorge me disse quanto meu mestre tinha sido sutil.

“Aquele dia não se estava discutindo sobre comédias, mas apenas sobre o caráter lícito do riso”, disse Jorge, franzindo o cenho. E eu me lembrava muito bem que, quando Venâncio se referia àquela discussão, justamente no dia anterior, Jorge tinha afirmado não se lembrar dela.

“Ah”, disse Guilherme com indiferença, “achava que falavas das mentiras dos poetas e dos enigmas argutos...”

“Falava-se do riso”, disse Jorge secamente. “As comédias eram escritas pelos pagãos para levar os espectadores ao riso, e nisso faziam mal. Jesus Nosso Senhor nunca contou comédias nem fábulas, mas apenas límpidas parábolas que alegoricamente nos instruem sobre como alcançar o paraíso, e assim seja.”

“Pergunto-me”, disse Guilherme, “por que sois tão contrário em pensar que Jesus jamais tenha rido, pois acho que o riso é bom remédio, como os banhos, para curar os humores e as outras afecções do corpo, em particular a melancolia.”

“Os banhos são boa coisa”, disse Jorge, “e o próprio Aquinate os aconselha para remover a tristeza, que pode ser má paixão, quando não está voltada para um mal que possa ser removido através da audácia. Os banhos restituem o equilíbrio dos humores. O riso sacode o corpo, deforma as linhas do rosto, torna o homem semelhante ao macaco.”

“Os macacos não riem, o riso é próprio do homem, é sinal de sua racionalidade”, disse Guilherme.

“Também a palavra é sinal de racionalidade humana e com a palavra se pode ofender a Deus. Nem tudo aquilo que é próprio do homem é necessariamente bom. O riso é sinal de estultice. Quem ri não acredita naquilo que está rindo, mas tampouco o odeia. E, portanto, rir do mal significa não estar disposto a combatê-lo e rir do bem significa desconhecer a força com a qual o bem se difunde a si próprio. Por isso a regra diz: *‘decimus humilitatis gradus est si non sit facilis ac promptus in risu, quia scriptum est: stultus in risu exaltat vocem suam’*⁶³ (O décimo grau de humildade é se ele não estiver fácil e pronto para rir, porque está escrito: Um tolo levanta a voz ao rir.)” (Eco, 1980, p. 2003).

O diálogo acima está presente no livro “O Nome da Rosa” do escritor e filósofo italiano Umberto Eco e reproduz uma conversa entre dois religiosos: o monge beneditino e bibliotecário Jorge de Burgos e o frei franciscano Guilherme de Baskerville. Os dois se encontram em uma discussão sobre o caráter lícito do riso, se rir com espontaneidade durante vários momentos do dia é correto. Nessa perspectiva, Umberto Eco fez em sua obra uma referência direta a Aristóteles e ao segundo livro intitulado “Poética”, o qual buscou fazer uma exaltação ao riso e suas qualidades ao considerá-lo sendo inerente ao homem e à sua racionalidade, ou seja, é a instrumentação do riso como forma de vencer as adversidades do dia a dia.

⁶³ ECO, Umberto. **O Nome da Rosa**. Rio de Janeiro: Editora O Globo, 2003, p. 130.

Durante a discussão, um questionamento que divide as opiniões é levantado: Jesus sorria? Certamente sim! Todos os indivíduos sorriem devido a ser uma condição humana inerente, mas por tratar-se de Jesus, a dúvida é estabelecida pelo fato de que o teor sagrado não convém afirmar que poderia sorrir. A relação estabelecida entre o conflito presente no “Nome da Rosa” e Dalcídio Jurandir é exatamente sobre o sorriso e a imagem sólida que se busca divulgar e que transitará entre a respeitabilidade e a leviandade. É importante ressaltar que não há nenhuma intenção em comparar Dalcídio Jurandir a Jesus Cristo, mas de reconhecer que todos os homens sorriem e que o riso não diminuirá sua importância, mas irá realçar a faceta de sua humanidade.

À vista disso, em uma entrevista concedida a Eneida de Moraes, em 14 de agosto de 1960, uma faceta de Dalcídio Jurandir foi apresentada que até então era pouco conhecida pelo público e diz respeito ao fato de que o literato procurou construir uma imagem de seriedade e respeito perante os leitores, levando em conta a necessidade de uma postura sisuda enquanto escritor de um complexo ciclo que é o Extremo Norte. Indubitavelmente, é esta noção que temos ao abordar o escritor, uma representação de um literário intocável no campo da escrita, que antecede até mesmo o humano Dalcídio Jurandir, o que em certa medida, ofusca os aspectos do indivíduo enquanto sujeito.

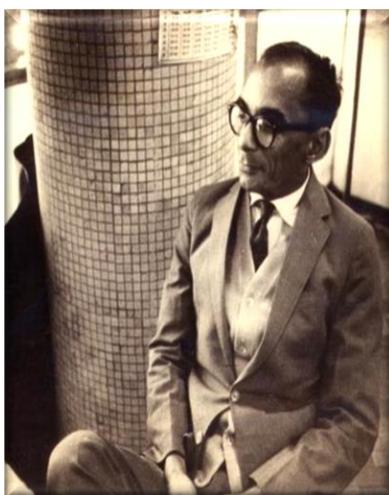
Figura 15 - Dalcídio sorrindo, por Eneida de Moraes.



Fonte: Acervo pessoal da escritora. Entrevista concedida em 14 de agosto de 1960. Editado pelo autor.

A foto acima representa o escritor conhecido por poucos; somente os que estiveram próximos demais puderam presenciar esta alegria. Este registro fotográfico está presente no acervo de Eneida de Moraes e nunca foi visto por Dalcídio Jurandir, pois provavelmente não permitiria sua publicação. O registro proposital escolheu a faceta que seus leitores não conheciam e certamente nunca conheceriam, já que a eles era divulgada a imagem do escritor austero e do comunista ferrenho que teve a liberdade cerceada pela luta contra o fascismo. Nesse ínterim, o fato de o registro ser feito por Eneida revela o ângulo de uma amiga, uma mulher e uma comunista, o que torna nosso escritor marajoara ainda mais interessante em suas particularidades.

Figura 16 - A imagem que Dalcídio passou ao público.



Fonte: Acervo Casa da Cultura Dalcídio Jurandir, s.d. Editado pelo autor.

Eneida apresenta Dalcídio Jurandir como alguém que não acredita em propaganda de livro, que não gosta de falar de si mesmo, que em hipótese alguma permitia que um retrato seu fizesse parte da ilustração da entrevista e que foi uma conversa custosa, pois o literato pouco inflamou o bate-papo para que se tornasse extenso. Eneida classificou a entrevista como difícil e precisou puxar daqui e dali⁶⁴ para que as informações surgissem. Nesse sentido, características que vão para além do romancista, além do militante comunista, começam a se configurar.

Os indícios da construção da obra no aspecto que se referem à cidade de Belém aparecem durante a forçosa conversa que Eneida desenvolve. Sob tal ótica, “Em *Belém do Grão-Pará*, está muito do meu primeiro amor à cidade e um pouco do meu desprezo e enjoo pelo que a enfeia... falo da Belém suburbana e assim são cidades diferentes que vejo e imagino.”⁶⁵ A

⁶⁴ MORAIS, Eneida de. *Belém do Grão-Pará*, de Dalcídio Jurandir. **Diário de Notícias**, Suplemento Literário, Rio de Janeiro, 14 ago. 1960.

⁶⁵ *Ibid.*

literatura em análise é uma obra que relata uma cidade sob impressões dos anos 1920, entretanto, com a afirmação de Dalcídio sobre os amores e enjoos sobre a cidade, é possível pensar que a obra é em grande medida um relato do que o autor sente e pensa sobre a cidade. Entendendo por primeiro amor a chegada de Dalcídio a Belém em 1922, momento em que sua relação com a urbe e o meio urbano começa. Nesse sentido, é possível visualizar memórias pessoais e históricas⁶⁶ que se entrelaçam com a construção do romance, a partir das experiências do personagem Alfredo ao atracar no Ver-o-Peso.

Compreendemos que, durante a entrevista, Dalcídio afirmou que “há mais de trinta anos está recolhendo e acumulando experiências, anotações, estudos, pesquisas, memória, imaginação, indagações, o que faço ou não faço, no sentido da obra.”⁶⁷ Esse aspecto revela um indício importante que foi seguido para o desenvolvimento dessa árdua pesquisa. Os personagens construídos por Dalcídio Jurandir possuem reflexo na sociedade em que estavam inseridos. Apesar de *Belém do Grão-Pará* estar ambientada nos anos de 1920, os aspectos que compõem seus personagens estão em diálogo com os parâmetros da sociedade dos anos de 1950. As masculinidades apresentadas estão em contraponto com as masculinidades que circundam o literato em sociedade, revelando um difícil, porém fascinante, contraste entre a história e a literatura, entre o fictício e o real, a fonte histórica e a licença poética do autor.

No puxa daqui e dali de Eneida de Moraes, mais informações vieram à tona sobre o literato. “Para um escritor pobre, que vende de mil a mil e quinhentos exemplares, sem vagares e ócios remunerados, o esforço é, às vezes, desesperado, de tão braçal e tão de graça”.⁶⁸ Esse aspecto revela um contraste interessante em relação ao literato. Nessa lógica, ao conhecer sua trajetória e criação literária, temos a impressão de que as obras que as compõem foram construídas pela mente mais brilhante, que as ideias surgem sem uma referência concreta e não visualizamos o escritor enquanto sujeito e as dificuldades que perpassam pela escrita.

“Teus romances tomam partido? Meus romances, sim, tomam partido.”⁶⁹ A escritora e jornalista pergunta a Dalcídio Jurandir sobre um aspecto fundamental de sua obra, o posicionamento político e social, e a resposta não poderia ser outra. A trajetória comunista do

⁶⁶ MAIA, Máira Oliveira. **Para além da decadência** – A “aristocracia do pé no chão” na Belém de Dalcídio Jurandir. Tese (Doutorado em História Social da Amazônia) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017, f. 35.

⁶⁷ MORAIS, Eneida de. Belém do Grão-Pará, de Dalcídio Jurandir. **Diário de Notícias**, Suplemento Literário, Rio de Janeiro, 14 ago. 1960.

⁶⁸ MORAIS, Eneida de. Belém do Grão-Pará, de Dalcídio Jurandir. **Diário de Notícias**, Suplemento Literário, Rio de Janeiro, 14 ago. 1960.

⁶⁹ *Id. Ibid.*

literato não poderia estar ausente de sua produção, pois é ela quem fundamenta sua crítica social, levando como contexto a região amazônica marajoara e urbana da capital Belém. A visão do mundo em movimento fica clara quando Jurandir afirma que: “minha visão do mundo não se inspira em Deus nem no demônio, nem no bem, nem no mal, mas nesta vida em movimento, em que há classes sociais em luta.”⁷⁰ A afirmação do literato revela o aspecto humano de sua trajetória enquanto sujeito.

“Objetividade, imparcialidade olímpica, não há, o Olimpo se mete em tudo, é só ver na *Iliada*, ou na Bíblia, os deuses são da política mais rasgada, do puro campanário. Todo romancista não é político?”⁷¹ A assumida parcialidade de Dalcídio Jurandir é um aspecto fundamental para a compreensão historicizante do romance *Belém do Grão-Pará*,⁷² em que a literatura está sendo traçada nos aspectos históricos, sociais e culturais do autor, revelando que a produção literária não é um mero aspecto imaginativo e criativo do escritor literário para compor a trama e seus personagens, mas uma imbricação entre ficção e os aspectos que estão disponíveis em seu laboratório natural de criação, a vida. Assim, a literatura torna-se local para profanação do historiador e os símbolos desse rito serão o literato, a obra e o momento histórico que está envolto⁷³.

Ainda nessa discussão, a parcialidade de Dalcídio Jurandir nos remete à afirmação de Walter Benjamin, em que a literatura não é uma “história literária isenta e independente”⁷⁴, mas possui uma série de relações com o seu escritor, em que perpassam por suas preferências sociais, pela crítica que se estabelece à sociedade, ao que é considerado belo e o que é considerado feio, isso se remete ao caráter da isenção proposta por Benjamin. Nessa conjuntura, o aspecto do independente é a relação do literato com o seu compromisso social que estabelece vínculo com as escolhas políticas e de atuação do escritor. Como já é de nosso conhecimento, Dalcídio atuou pelo partido comunista como um integrante ávido e de representatividade, logo, sua visão do mundo no estabelecimento de uma crítica vai ser identificada em sua obra, sendo representada mediante seus personagens divididos em: elitizados e pobres trabalhadores.

⁷⁰ MORAIS, Eneida de. *Belém do Grão-Pará*, de Dalcídio Jurandir. **Diário de Notícias**, Suplemento Literário, Rio de Janeiro, 14 ago. 1960.

⁷¹ *Id. Ibid.*

⁷² MAIA, Máira Oliveira. **Para além da decadência** – A “aristocracia do pé no chão” na Belém de Dalcídio Jurandir. Tese (Doutorado em História Social da Amazônia) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017, f. 35.

⁷³ MAIA, Máira Oliveira. **Para além da decadência** – A “aristocracia do pé no chão” na Belém de Dalcídio Jurandir. Tese (Doutorado em História Social da Amazônia) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017, f. 35.

⁷⁴ BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, v. 1, 2006.

De mais a mais, mesmo diante da dificuldade de prolongar a conversa, a entrevista de Dalcídio à Eneida é fundamental para se compreender que a memória do literato é construtiva,⁷⁵ pois permite visualizar diversos aspectos que fazem parte da construção da literatura enquanto fonte para o historiador, ao problematizar uma realidade e a configuração de dois períodos temporais, os quais o autor escolhe retratar e está inserido, permitindo assim compreender a literatura como resultado de um processo humano que perpassa por tudo que há na produção de vida de um autor. Tornando a obra cada vez mais próxima de seus leitores e tomando a ficção como algo mais próximo da nossa realidade, assim a trama deixa de ser meramente fictícia, passa a ser produzida por uma escrita regada a muita imaginação.

Desta maneira, os masculinos (ponto central desta pesquisa) foram compostos pela elite, calçando sapato Polar, bem-vestidos e sorridentes. Os masculinos em decadência que nem sequer sabem cumprimentar alguém, que se conformaram com a escolha certa a ter que correr riscos. Os masculinos que pouco se preocupam com a aparência, com a barba em ferrugem ou com a elegância. Os mesmos masculinos que bebem demais até feder e aqueles que se excedem ao verem Libânia passando pelo Ver-o-Peso. Diversos, controversos, elegantes ou deselegantes, mas sempre com o pé no chão, são os masculinos na nossa ácida, porém encantadora, *Belém do Grão-Pará*.

⁷⁵ MAIA, Máira Oliveira. **Para além da decadência** – A “aristocracia do pé no chão” na Belém de Dalcídio Jurandir. Tese (Doutorado em História Social da Amazônia) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017, f. 23.

Conclusão

Ao findar este capítulo, verificamos que foi possível elucidar o literato Dalcídio Jurandir como um sujeito social, denunciante de uma realidade que considera injusta a partir de seus referenciais. Sob tal ótica, um sujeito ativo na produção literária que colocou a Amazônia paraense em visibilidade por intermédio de seu Ciclo Extremo Norte, aqui ilustrado pela decadência da família Alcântara na obra *Belém do Grão-Pará*.

Outrossim, verificou-se também que Dalcídio Jurandir, enquanto pessoa, tem direito a sorrir, a admitir frustrações perante o trabalho literário que em muitas vezes pode parecer fácil de realizar, mas que em verdade não o é. Sem contar a falta de incentivos financeiros e o devido reconhecimento da arte pelo público, pois, em certa medida, ainda existe uma diminuta valorização de suas obras quando comparadas a outros escritores contemporâneos aclamados pelo público e pela mídia. Destaca-se Dalcídio Jurandir, que assume o campanário da parcialidade em suas obras, já que toda literatura é política. Esses aspectos precisos de Jurandir são evidenciados através de um atento olhar de Eneida de Moraes.

Logo, foi possível conhecer a recepção crítica da *Belém do Grão-Pará*, que esclareceu características pertinentes à obra que perpassa para além da construção de uma história local e fictícia. *Belém do Grão-Pará* é um romance que resulta de um processo de ficcionalização da cidade de Belém, por meio da família Alcântara. Portanto, é fulcral conhecer as impressões sobre a obra de Dalcídio Jurandir, tendo em vista que se tornou possível ter a compreensão do rigoroso processo de sua criação, da escrita literária que possibilita ao historiador problematizar diversos aspectos da sociedade, dentre eles o masculino que perpassa entre as elites aos que possuem o “pé no chão”.

CAPÍTULO 02: OS MASCULINOS NA *BELÉM DO GRÃO-PARÁ* DE DALCÍDIO JURANDIR.

O fundamental em cada história abordada não é ‘descobrir o que realmente se passou’ [...] e sim tentar compreender como se produzem e se explicam as diferentes versões que os diversos agentes sociais envolvidos apresentam para cada caso. (Chalhoub, 1986).⁷⁶

Para o historiador, descobrir a realidade dos fatos é como navegar em um rio cuja margem nunca se aproxima! A “verdade” tal como se apresenta poderia resolver o problema da incerteza, entretanto, a verdade, que pode se apresentar sob diversas facetas, torna-se o combustível que nos mantém navegando. Trilhar este caminho com suas (in)certezas pode vir a nos levar a uma margem até então desconhecida. Desta feita, é a partir da busca pela terceira margem deste rio⁷⁷ que daremos continuidade à nossa investigação, trazendo para o cerne da discussão a representação das masculinidades na obra *Belém do Grão-Pará* do escritor Dalcídio Jurandir.

Nesse prisma, sabemos que manter um diálogo entre história e literatura pode vir a se tornar um entrave, à medida que precisamos separar a ficção da realidade ou, no caso, identificar dentro da ficção traços da realidade, do contexto histórico em que ela foi produzida. Todavia, devemos levar em conta que a literatura - como ciência - não está estática no tempo, mas é um organismo vivo⁷⁸ a partir do momento em que ela descreve uma sociedade e nos ajuda a compreender seus sujeitos e sua cultura.

Assim sendo, tomemos por masculinidade um conjunto de atribuições destinadas ao indivíduo que se pretende compreender como masculino. Ou seja, são características construídas em sociedade ao longo do tempo e que se modificam conforme as exigências da sociedade moderna. Sendo assim, para esta sociedade, compreender o que vem a ser masculino está além do corpo biológico, partindo assim das descrições e conceituações lançadas sobre este assunto, e que na prática é descrita por Judith Butler como a “implantação do sexo nos corpos”.⁷⁹

Em acréscimo, tomemos a masculinidade integrada aos indicadores de gênero como uma categoria de análise para lançar uma ótica sobre um objeto, que nesse caso é a literatura e, em

⁷⁶ CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 22-23.

⁷⁷ Alusão à narrativa “A Terceira Margem do Rio” de João Guimarães Rosa.

⁷⁸ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 2003, 2 ed. p. 29.

⁷⁹ BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

específico, a *Belém do Grão-Pará* de Dalcídio Jurandir. Antes de entrarmos nesta seara, precisamos ressaltar a distinção entre masculinidade e patriarcalismo,⁸⁰ pois distinguir os aspectos que compõem um masculino não é o mesmo que entender o funcionamento de uma sociedade patriarcal, em que o homem é tido como um representante e que terá influência na constituição normativa social. Nesse ínterim, o plural que compõe os masculinos é tomado como princípio a ideia de que não há apenas um tipo de masculino, mas de variadas formas de masculinos que se constituem, que se sobrepõem e que são conflitantes entre si.

A obra *Belém do Grão-Pará* nos oferece uma pluralidade de possibilidades no sentido de compreender a estruturação dessa sociedade dos anos vinte. Isto posto, é em meio a este conjunto de indivíduos que encontramos a viabilidade de investigar o masculino composto em masculinidades, quer dizer, partimos do princípio de que não há apenas uma masculinidade, mas várias a serem apresentadas no decorrer desta obra dalcidiana, contextualizada no espaço urbano de uma Belém decadente após o declínio econômico da comercialização da goma elástica.

Entretanto, uma questão nos chama a atenção: a temporalidade existente entre a produção da obra e o período que ela retrata. Observamos que, a rigor, uma parcela significativa das pesquisas se preocupou em abordar a obra, dando ênfase a Belém de 1920, marcada pela já conhecida decadência em virtude do declínio no comércio da borracha. Contudo, Dalcídio Jurandir produz sua obra durante os anos cinquenta, fato este que nos leva ao seguinte questionamento: Dalcídio está nos apresentando a Belém dos anos vinte ou, em suas minúcias, nós iremos encontrar aspectos da Belém de 1950, que é contemporânea a Dalcídio? A partir deste questionamento, tomaremos por norte a década de 1950, período em que o autor utiliza ferramentas e referências para conceber sua obra, partindo da hipótese de que há mais do próprio tempo do literato do que o tempo a que ele se propôs ambientar na obra.

Nesta oportunidade, nos propomos a identificar os possíveis traços da Belém dos anos 1950 na *Belém do Grão-Pará* que Dalcídio nos convidou a decifrar. Assim, como suporte para este capítulo, utilizaremos como fontes, além da própria obra, os acervos de jornais. As produções historiográficas de Leila Mourão, Franciane Lacerda, Maria de Nazaré Sarges, José Maia Bezerra Neto, Adriana Coimbra e Maíra Maia serão de essencial contribuição para orientar o debate sobre Belém e seus aspectos históricos.

⁸⁰ HAYNES, John. **New Soviet Man**: Gender and masculinity in Stalinist Soviet cinema. Manchester and New York: Manchester University Press, 2003, p. 14.

2.1 A Belém “decadente” após Antônio Lemos.

Antes de trabalharmos as masculinidades na obra de Dalcídio, compreendemos a necessidade de abirmos um espaço para retratar o contexto histórico de uma Belém remodelada pelo então intendente municipal, Antônio Lemos. Consequentemente, o período pós-lemista, marcado pelas adversidades e privações causadas a uma parcela da sociedade que até então vivia sobre os louros adquiridos com a comercialização da borracha, também será levado em consideração nesta pesquisa. A economia gomífera teve seu desenvolvimento durante os anos de 1870 a 1915, momento em que ocorreu seu crescimento e expansão na Amazônia, ao ponto de transformar o Brasil no maior fornecedor dessa matéria-prima em escala mundial, sendo, até então, responsável por cerca de 90% deste mercado.⁸¹ Esta posição privilegiada no campo internacional acabou por trazer inúmeras possibilidades de desenvolvimento para as cidades da Amazônia, leia-se Belém e Manaus, possibilitando uma série de melhorias na área central das cidades, com o projeto de instaurar um modelo de metrópole com base nos moldes europeus, em especial o modelo francês.⁸²

As cidades de Belém e Manaus, durante esta fase, receberam a infraestrutura econômica e social que os *nouveaux-riches*⁸³ tanto almejavam. A exemplo do Pará, a administração de Antônio Lemos transformou Belém em uma cidade moderna, mediante a implantação do abastecimento de água e redes de esgoto em locais privilegiados como a Av. Presidente Vargas e os bairros de Nazaré e Marco;⁸⁴ a instalação de luz elétrica, sendo Belém a segunda capital do Norte a receber este benefício, a primeira foi Manaus. Adicionalmente, a urbanização da cidade e a utilização de bondes elétricos como meio de transporte público tornaram-se uma realidade; a construção de casas de espetáculos como o esplendoroso Teatro da Paz, além da idealização de ruas arborizadas e largas, um próspero centro comercial que, com a construção

⁸¹ (Cf. SOARES, Karol Gillet. **As formas de morar na Belém da Belle Époque (1870-1910)**. Orientador: Geraldo Mártires Coelho. 2008. 247 f. Belém: Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/4376>. Acesso em: 03 maio 2024).

⁸² (Cf. SARGES, Maria de Nazaré. Um outro olhar sobre a Paris dos Trópicos. In: SOLER, Maria Angélica; MATOS, Maria Izilda (Org.). **A cidade em debate**. São Paulo: Olho d'água, 1999, p. 49-74).

⁸³ Novos ricos.

⁸⁴ (Cf. COIMBRA, Adriana Modesto. O clarão que iluminou a cidade: as concessões Bolonha e a derrocada da “Era Lemos” - modernização e disputas políticas na cidade de Belém do Pará. **Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**, [S.I.], v. 5, n. 2, jul. 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/login>. Acesso em: 21 abr. 2024).

do Boulevard da República, que por ser próximo às docas viria a facilitar as transações comerciais, passaram a integrar o cotidiano dos cidadãos de Belém.⁸⁵

Antônio José Lemos, enquanto intendente, durante o período áureo da extração da borracha, fez um grande esforço em deixar um legado de grandes realizações vinculadas à sua imagem e, para tal, utilizou a imprensa a seu favor. Como proprietário do jornal “A Província do Pará”, era comum o intendente propagandear seus feitos através das publicações de seus relatórios municipais, demonstrado logo abaixo, sempre em tom de afirmação, dando destaque aos aspectos modernos da cidade⁸⁶, ao que o historiador, escritor e jornalista Leandro Tocantins chamou de Renascença lemistá:

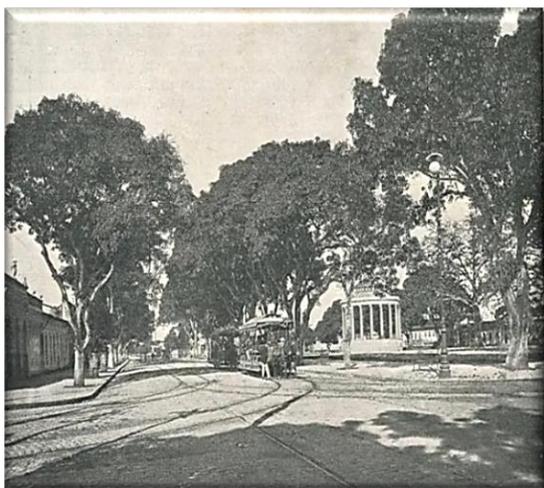
A abertura de novas avenidas, para fazer penetrar o ar e o sol em bairros e quarteirões insalubres; o calçamento em larga escala e conservação das vias públicas para impedir a infecção do solo; a arborização das praças e avenidas para entreter a pureza da atmosfera; a regulamentação da edificação urbana; a incineração das imundícies; o aterro e drenagem dos pântanos; a construção de um cemitério modelo; a remoção do matadouro e estabelecimentos insalubres; a construção de uma rede de esgoto destinada a recolher os resíduos da vida animal para transportá-los para longe e utilizá-los em proveito da agricultura a par com uma distribuição de água sã e largamente abundante, para satisfazer a todos os usos domésticos e todas as necessidades do serviço público.⁸⁷

⁸⁵ (Cf. SARGES, Maria de Nazaré. Um outro olhar sobre a Paris dos Trópicos. In: SOLER, Maria Angélica; MATOS, Maria Izilda (Org.). **A cidade em debate**. São Paulo: Olho d'água, 1999).

⁸⁶ NUNES, Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves. **O Boulevard da República**: um boulevard-cais na Amazônia. Curitiba: Appris, 2020, p. 164.

⁸⁷ MUNICÍPIO DE BELÉM. **O Município de Belém Relatório Lemos 1902 referente à 1897 a 1902**. Belém: Typografia Alfredo Augusto Silva, 1902. Disponível em: <https://obrasraras.fcp.pa.gov.br/publication/file/relatorios/lemos/omunicipiodebelemrelatoriolemos1902referentea1897a1902/4/>. Acesso em: 12 dez. 2024.

Figura 17 - Praça Dr. Justo Chermont, centro de Belém e a Estrada de Nazaré.



Fonte: Acervo Belém da Saudade, s.d. Editadas pelo autor.

Todavia, apesar dos esforços de Antônio Lemos em embelezar a cidade e empurrar os desvalidos para as áreas periféricas, esta prosperidade precisava também ser conciliada com a diplomacia política, haja vista que o ciclo se mantinha a partir do investimento do capital local e do capital estrangeiro. Contudo, o que se viu foram grandes disputas de poder e descontentamento por parte dos investidores locais que acabaram por ser motivados pela anuência do intendente aos interesses do arquiteto Francisco de Paula Lemos Bolonha, como foi o caso da construção de quiosques para o embelezamento da área urbana; a reforma do Mercado Municipal e o uso indevido do dinheiro público na construção da Vila Operária,⁸⁸ que inclusive era de propriedade do referido arquiteto.

Estas irregularidades foram de sobremaneira denunciadas pelos lauristas, apoiadores de Lauro Sodré, que mais tarde viria a se tornar governador do Estado, e compartilhadas pela imprensa opositora à administração de Antônio Lemos, como era o caso do jornal *Folha do Norte*. Sob tal conjuntura, esta situação trouxe enfraquecimento político a Lemos e, conseqüentemente, sua derrocada.

⁸⁸ COIMBRA, Adriana Modesto. O clarão que iluminou a cidade: as concessões Bolonha e a derrocada da “Era Lemos” - modernização e disputas políticas na cidade de Belém do Pará. **Urbana: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**, [S.I.], v. 5, n. 2, jul. 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/320575693_O_clarao_que_iluminou_a_cidade_as_concessoes_bolonha_e_a_derrocada_da_era_lemos_-_modernizacao_e_disputas_politicas_na_cidade_de_Belem_do_Para. Acesso em: 21 abr. 2024, p. 140).

Não obstante, a saída de Lemos do poder, o esgotamento da economia e a perda de poder aquisitivo provocada pela crise gomífera na Belém de 1920 se expressaram através da redução de empregos relacionados à indústria, aos salários atrasados dos funcionários públicos; os empréstimos destinados aos setores do comércio não eram mais realizados, a mão de obra não especializada estava excluída dos empregos formais, o que acarretou o aumento de trabalhos informais. Diante da necessidade de o Estado sanar as dívidas aos credores internacionais para a obtenção de empréstimos, foi preciso adicionar o aumento de impostos sobre a população, com o objetivo de arrecadação aos cofres públicos, o que aumentava ainda mais as dificuldades enfrentadas pela população já fragilizada pela diminuição econômica do comércio da borracha.⁸⁹

A despeito de a historiografia tratar o período como decadente em função do declínio da comercialização gomífera, é importante ressaltar que a cidade de Belém estava diversificando sua economia interna, neste momento, possibilitou que outros setores ganhassem desenvolvimento, mesmo não sendo compatíveis com os índices desenvolvidos pela economia da borracha em seu auge. Nesse âmbito, este crescimento diverso nos sugere que a decadência retratada tanto na historiografia como na obra dalcidiana está relacionada apenas aos seringalistas e aos que dependiam deste produto para manter seu *status* na sociedade. Nesse sentido, algumas características sugerem que o Estado do Pará e outras atividades econômicas além da borracha, como por exemplo, o significativo aumento da produção de algodão no final dos anos de 1910, assim como o fortalecimento e o crescimento da pecuária, acabaram por se tornar uma opção lucrativa diante da recessão econômica. Desse modo, enquanto as famosas casas comerciais ligadas à venda da borracha entraram em declínio, a pecuária se mantinha firme como uma opção econômica rentável.

Apenas a título de informação, foi durante o início do século XX, entre os anos de 1910 e 1915, que se teve uma drástica redução da exportação de borracha para os mercados consumidores europeus e norte-americanos, acarretando consequências para a região amazônica que, neste período, possui grande parte de sua economia atrelada à comercialização do látex. Vale ainda ressaltar que foi o inglês Henry Wickham o responsável por realizar a coleta e o envio de sementes de *Hevea brasiliensis* para o Jardim Botânico de Kew,⁹⁰ o qual

⁸⁹ MAIA, Maíra Oliveira. **Para além da decadência** – A “aristocracia do pé no chão” na Belém de Dalcídio Jurandir. Tese (Doutorado em História Social da Amazônia) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017, f. 158. Disponível em: <https://www.dalcidijurandir.com.br/pdf/estudos-academicos/para-alem-da-decadencia-a-aristocracia-do-pe-no-chao-na-belem-de-dalcidio-jurandir.pdf>. Acesso em: 10 de dezembro de 2024.

⁹⁰ Localizado no Reino Unido.

registrou sucesso no cultivo⁹¹. Essa medida possibilitou que as plantações oferecessem um abastecimento na Ásia, sendo um local mais próximo dos mercados que exigiam grandes quantidades do produto. A ação fez com que diminuísse a demanda até então exigida da Amazônia, já que o modo extrativista não foi modernizado para um sistema de maior colheita, visto que a planta poderia levar até seis anos para que ela estivesse novamente em boas condições para o uso.

É com essas ações que se inicia o período conhecido como decadente na cidade de Belém, em função do declínio das exportações da borracha para o exterior, fazendo com que a cidade perdesse sua posição estratégica no envio desta matéria-prima e tendo seu poder aquisitivo diminuído, perdendo também a bolsa de valores que operava em Belém durante a chamada *Belle Époque*. No mais, esta cidade decadente coberta de ruínas estruturais e morais⁹² é retratada por Dalcídio Jurandir, por meio de seu personagem Virgílio Alcântara na obra *Belém do Grão-Pará*.

Era uma cidade acabada! Visse a flotilha da Amazon River criando bicho no Guajará, a Caixa D'água com as suas três painelas grandes sempre vazias se cobrindo de ferrugem sobre um bairro infeliz. Visse a Estrada de Ferro, o Mercado de São Brás, a fachada já tão encardida, os avisos de guerra apodrecendo no Curro Velho.⁹³

Virgílio ainda acrescenta, demonstrando assim todo seu ressentimento com relação ao inglês: “o inglês fez o que bem quis. Nos explorou com a navegação... E ainda por cima nos rouba as sementes de seringueira. O que chega aí é o sobejo do circo”.⁹⁴ É nesta Belém do Grão-Pará que Dalcídio Jurandir desenvolve seu enredo. Neste contexto de decadência econômica e muitas vezes moral, caracterizado pelo fim do governo de Antônio Lemos e do processo de urbanização que promoveu no centro da cidade de Belém⁹⁵ e o avanço da metrópole

⁹¹ MAIA NETO, José. A Economia da Borracha e o Esforço de Guerra: os Soldados da Borracha na Amazônia. FILHO, Armando Alves. SOUZA JUNIOR, José Alves (Org.). **Pontos de História da Amazônia**. Belém: Editora Paka-Tatu, v. 2, 2000, p. 29.

⁹² Refere-se às ações da família Alcântara para alcançar o status social perdido após a perda de influência no período Antônio Lemos. Um exemplo é a interrupção do namoro de Emília com Zito Neiva, em que Inácia não acredita que a relação trará bons frutos à família, tendo em vista o fato de que Zito Neiva não possuía influência política e bens. A descrição do fim do namoro de Emília encontra-se na página 73 da obra *Belém do Grão-Pará*, o objeto de estudo.

⁹³ JURANDIR, Dalcídio. **Belém-do-Grão-Pará**. Belém: EDUFPA, 2004, p. 153.

⁹⁴ *Ibid.*

⁹⁵ COIMBRA, Adriana Modesto. O clarão que iluminou a cidade: as concessões Bolonha e a derrocada da “Era Lemos” - modernização e disputas políticas na cidade de Belém do Pará. **Urbana: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**, [S.I.], v. 5, n. 2, jul. 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/320575693_O_clarao_que_iluminou_a_cidade_as_concessoes_bolonh_a_e_a_derrocada_da_era_lemos_-_modernizacao_e_disputas_politicas_na_cidade_de_Belem_do_Para. Acesso em: 21 abr. 2024, p. 140). Acesso em: 21 abr. 2024.

nos moldes que utilizavam na França, surgindo daí o nome de *Belle Époque*, a proposta de uma Paris nos trópicos foi concretizada. Atrelado a isso, é a partir deste cenário, que se sucedeu a trama de uma família que acompanha a “decadência” da cidade e que busca alternativas para manter a imagem burguesa que possuíam durante o período lealista, os quais estão dispostos a realizar acordos, muitas vezes desonrosos, para manter o mínimo das aparências de seu antigo estilo de vida.

Dalcídio Jurandir buscou apresentar a gente miúda que ele chamou de aristocracia do pé no chão,⁹⁶ retratando as pessoas com menor peso na balança da história.⁹⁷ É também partindo desta decadência apresentada pelo autor que iremos perceber a construção de seus personagens masculinos, suas características e seus desvios sociais e como estes se exteriorizam na sociedade contemporânea a Dalcídio.

2.2 Virgílio Alcântara, o masculino decadente, e Lamarão, o grã-fino da “Belém do Grão Pará”.

A Belém do Grão-Pará, representada por Dalcídio Jurandir em sua obra homônima, nos revela uma metrópole em desalinho, marcada pela crise da borracha e pelo enfraquecimento econômico de uma parcela da sociedade que, com o declínio financeiro, passa a sobreviver apenas do prestígio que seus renomados sobrenomes possam vir a lhes oferecer. É deste ponto de partida que apresentaremos os notórios personagens desta trama e, levando em conta tais indivíduos, teremos como fio norteador a identificação das diversas formas de masculinidades representadas por estes sujeitos na obra *Belém do Grão-Pará*.

Relembrando que nossa pesquisa trabalha com o diálogo entre história e literatura, portanto, se faz necessário iniciarmos nossa investigação a partir dos personagens masculinos construídos pelo literato, enfatizando as características sociais que estes indivíduos apresentam e, compreendendo desta forma que a literatura tem o poder de se apropriar de fatos e/ou comportamentos sociais para assim construir sua narrativa. Isto posto, trataremos inicialmente para o cerne desta discussão o personagem de Virgílio Alcântara, esclarecendo que tal escolha se deu em virtude de sua riqueza descritiva, mesmo não sendo este o protagonista principal apresentado por Dalcídio.

Mas afinal, quem era Virgílio Alcântara? Virgílio era cearense e possivelmente fruto do intenso fluxo migratório que ocorreu na região amazônica durante o século XIX, que, assim como muitos, se fixou na região em busca de prosperidade. De acordo com Franciane Gama

⁹⁶ Entrevista concedida ao Jornal **Folha do Norte**, em 23 out. 1960.

⁹⁷ JURANDIR, Dalcídio. **Imprensa Popular**. Rio de Janeiro, 20 set. 1955.

Lacerda, durante o primeiro ciclo da borracha ocorrido entre o final do século XIX e início do século XX, houve forte movimento migratório proveniente do Nordeste, em específico do Ceará, que, para fugir da situação de fome e miséria causadas pelos longos períodos de seca,⁹⁸ acabaram por desenvolver estratégias concebidas mediante suas vivências para assim aprenderem a sobreviver na Amazônia. Por vezes, sendo impulsionados a contar com a possibilidade de enriquecimento através da exploração e comercialização da borracha.

Nessa perspectiva, Virgílio Alcântara aparentemente foi um destes casos. Como homem cidadão que gostava do conforto que o comércio gomífero podia lhe proporcionar, sem ao menos ter pisado uma única vez nos seringais, acabou por conseguir certa estabilidade financeira ao se envolver com assuntos políticos, mas principalmente, ao criar relações de apadrinhamento com políticos locais. Sob tal ótica, Virgílio viveu os louros do período lealista, viu a cidade se modernizar e se embelezar; caminhou pelo Boulevard e por ruas pavimentadas; usufruiu dos bondes elétricos; admirou os quiosques e coretos das praças e a imponência do Grande Hotel e do Teatro da Paz; viu com sagacidade a chegada das *cocottes*,⁹⁹ além do afrancesamento da elite local.

⁹⁸ LACERDA, Franciane Gama. Entre o sertão e a floresta: natureza, cultura e experiências sociais de migrantes cearenses na Amazônia (1889-1916). São Paulo: **Revista Brasileira de História**, v. 26, n° 51, 2006, p. 198. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/CM9bsZGrPQQqZhsfhpdczcx/>. Acesso em: 19 jan. 2024.

⁹⁹ Mulheres do Leste europeu que ganhavam a vida como meretrizes. Atendem uma clientela seleta de endinheirados da cidade e recebiam seus clientes em cafês de luxo como o Moulin Rouge, localizado no Largo da Pólvora. (Cf. AMADOR, Luiza Helena Miranda. **Vergonhosas saturnais**: a experiência prostibular em Belém do Pará (1900-1945). Orientador: Márcio Couto Henrique. 2022. 230 f. Tese (Doutorado em História Social da Amazônia) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2022, f. 42. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/15592>. Acesso em: 25 abr. 2024; CRUZ, Ernesto. Ruas de Belém: significado histórico e suas denominações. Belém: **CEJUP**, 2ª ed., p. 106. Disponível em: <https://fauufpa.org/2014/04/06/ruas-de-belem-significado-historico-de-suas-denominacoes-por-ernesto-cruz/>. Acesso em: 25 abr. 2024).

Figura 18 - Boulevard Castilho França, 1910.



Fonte: Site do Governo do Estado do Pará, 1910. Editada pelo autor.¹⁰⁰

Foi neste cenário que a família composta pelo personagem de Virgílio Alcântara experienciou a riqueza e o poder de uma Belém movimentada pelo primeiro ciclo do poderio econômico do látex da Amazônia. Ademais, foi um período que marcou a cidade com diversas construções em estilo *Art Nouveau*.¹⁰¹ Contudo, o personagem também conheceu as adversidades de uma Belém “decadente” do fim do período lemista¹⁰² que, em virtude da concorrência com o produto asiático, acabou por deixar a família dos Alcântara em uma situação difícil, tendo apenas, como já mencionado, o presumido prestígio do sobrenome como moeda de troca. Dito isto, iremos, a partir da análise da masculinidade, tentar perceber em que medida este conceito será reproduzido em Alcântara e como suas atitudes poderão refletir sua decadência social e moral. Haja vista que, Dalcídio Jurandir pode ter projetado no personagem Virgílio dos anos de 1920 as atitudes de um homem de seu tempo, isto é, de um homem dos anos 50, tendo em conta que o próprio Dalcídio vivenciou este período e conheceu a sobrevida desta economia na região.

¹⁰⁰ Disponível em: <https://www.pa.gov.br/pagina/55/historia>. Acesso em: 30 mar. 2024.

¹⁰¹ A Arte Nova foi um movimento artístico de origem francesa que ficou muito conhecido nos países europeus e que chegou à região amazônica através de Francisco Bolonha. (Cf. BASSALO, Célia Coelho. **O Art Nouveau em Belém**. Brasília-DF: Iphan/Programa Monumenta, 2008. Disponível: <https://fauufpa.org/wp-content/uploads/2011/03/o-art-nouveau-em-belc3a9m-cc3a9lia-bassalo.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2024).

¹⁰² Faz referência ao período em que o maranhense Antônio José de Lemos, assumiu a intendência de Belém e tinha o projeto de transformar a capital na Paris n’América. A modernização chegou patrocinada pelos lucros gerados com a exploração da borracha. Todavia, a partir de 1912, com o preço da borracha em queda no mercado internacional, Lemos se viu em situação difícil, pois era impossível continuar a ostentar o luxo e o poder quando seu governo passou a sofrer restrições no orçamento municipal, dando margem aos seus inimigos políticos - aliados do então governador Lauro Sodré - fato este que levaria à sua deposição. (Cf. SARGES, Maria de Nazaré. **Memórias do velho intendente**. Belém: Paka-tatu, 2002).

Sobre a trama, podemos ainda destacar que, apesar de Virgílio Alcântara não representar, como já enfatizamos, o personagem principal, que no caso é o menino Alfredo, sua presente frequência na narrativa oferece possibilidades para analisar os aspectos da masculinidade em função do seu poder descritivo, apresentando minúcias das características masculinas, sendo ainda possível visualizar os pontos que compõem a masculinidade neste personagem. Nesse âmbito, um ângulo descrito com certa regularidade, ao qual podemos destacar, faz referência à constante relação entre o “ser magro e o ser gordo” apresentado na obra, principalmente na correlação entre homens e mulheres. Este sentido pejorativo e muitas vezes alegórico da gordura, principalmente por conta da propaganda impressa, bem verdade, só passou a existir com a chegada dos anos de 1920. Antes deste período, de acordo com a historiadora Denise Sant’Anna:

Podia-se atribuir sentimentos nobres, como a coragem e a valentia, às pessoas “muito gordas” sem que suas características físicas interferissem desfavoravelmente nos julgamentos do caráter... A obesidade ainda não era um foco de problematização, como ocorrerá mais tarde...¹⁰³

Todavia, como podemos observar, esta abordagem detalhista de Dalcídio sobre os corpos nos leva a inferir que há um forte indício de que o autor está envolvido em uma sociedade na qual a cobrança social e os aspectos físicos são condições fundamentais para aceitação dos cidadãos respeitáveis, pertencentes a uma próspera elite. Abrimos aqui rapidamente um parêntese para explicar que na década de 50, período em que o literato paraense produziu *Belém do Grão-Pará*, uma parcela da população que procurou viver como a propaganda da *American Way of Life*, ou seja, um estilo de vida norte-americano, que no Brasil foi marcado pelo consumismo de produtos industrializados, como eletrodomésticos e carros proporcionados (Figura 18) pelos acordos políticos estabelecidos durante o governo de Getúlio Vargas.¹⁰⁴

¹⁰³ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. **Gordos, magros e obesos: uma história do peso no Brasil**. São Paulo: Estação Liberdade, 2016, p. 22.

¹⁰⁴ NETO, Lira: **Getúlio: da volta pela consagração popular ao suicídio (1945-1954)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Figura 19 - Outdoor da propaganda American Way of Life.



Fonte: *Life Magazine*, 1937. Editada pelo autor.

Figura 20 - Propaganda do jornal "O Globo".



Fonte: Acervo do jornal "O Globo", 1954. Editada pelo autor.

De acordo com Maria Izilda de Matos, os anos iniciais do século XX marcaram a sociedade em processo de crescimento industrial e financeiro com propagandas que influenciam este aumento do consumo.

O processo de urbanização, num contexto de industrialização, crescimento do comércio e dos serviços, levou a uma maior circulação dos corpos, aliada à expansão da circulação de periódicos, jornais diários e revistas para públicos variados, que veiculavam um número cada vez maior e diversificado de anúncios de produtos que também apareciam numa multiplicidade de cartazes espalhados pela cidade, nos bondes, dentro das farmácias, nos muros, nas avenidas, nos tetos dos edifícios, entre outros.¹⁰⁵

¹⁰⁵ MATOS, Maria Izilda de. Cabelo, barba e bigode: masculinidades, corpos e subjetividades. Juiz de Fora: LOCUS: *Revista de História*, v. 17, n. 2, 2011, p. 133.

Outrossim, com relação à Amazônia, era comum as colunas dos jornais da década de 1950 darem destaque ao *status quo* dos indivíduos, como bem demonstrado na Figura 20, no qual o ambiente era frequentado unicamente por homens aparentemente de alto poder aquisitivo, haja vista os produtos ofertados pelo local.

Figura 21 - Anúncio do Jornal O Liberal.



Fonte: Jornal “O Liberal”, 7 de junho de 1951. Editado pelo autor.

Por outro lado, havia reportagens em que a imprensa local enfatizava o aspecto físico das pessoas, dando um sentido descritivo e muitas vezes pejorativo/depreciativo, o qual fica nítido que estar fora dos padrões, isto é, ser gordo ou magro em demasia, era decadente, como bem observamos no trecho abaixo.

Tomou a frente desse movimento de exportação, fretando navios do SNAPP¹⁰⁶ e particulares, o avarento e rapinento Frederico Kzan, turco gordo e sebudo que o povo apelida de ‘Zebu reprodutor’, pelo grande número de mulheres que possui em todos os seus domínios ‘turquicos’.¹⁰⁷

O texto claramente faz referência à utilização do “ser gordo” de forma depreciativa ao enfatizar que o dito Frederico Kzan¹⁰⁸ só possuía várias mulheres por sua condição financeira.

¹⁰⁶ Serviço de Navegação da Amazônia e de Administração do Porto do Pará, instituição criada mediante o Decreto Lei nº 2.154 de 27 de abril de 1940.

¹⁰⁷ Notícias e Comentários. **Jornal O Liberal**, 11 jan. 1951, p. 03.

¹⁰⁸ Ao que tudo indica, consta nos processos da Comarca de Monte Alegre referente a alguns membros da família Kzan, dentre eles, Frederico Kzan. (Cf. Tribunal de Apelação do Pará. 1943. Comarca de Monte Alegre, Autos Cíveis de Reclamação. Fundo: TJE/PA. Centro de Memória da Amazônia, Belém-PA, Brasil; Juízo de Direito. 1939. Comarca de Monte Alegre, Autos Cíveis de Embargo. Fundo: TJE/PA. Centro de Memória da Amazônia,

Haja vista que, por ser considerado gordo, feio e de uma higiene inadequada, como sugere a palavra “sebudo”, não conseguiria ter êxito em relacionamentos afetivos. Entendemos que, este aspecto descritivo dos jornais dos anos 50, foi utilizado por Dalcídio em sua obra ao relatar o quanto Virgílio Alcântara, personagem o qual percebemos um esforço significativo em trazê-lo o mais próximo à realidade, mudou fisicamente no decorrer da narrativa, ou seja, engordou durante a sua decadência pessoal, social e econômica. Seu jeito matuto e pouco comprometido com os costumes burgueses, somado à sua aparência gorda e desleixada, o transforma em um indivíduo pouco aceitável aos padrões, tanto daqueles que sobreviviam apenas pelo prestígio de seus nomes como daquela parcela da população que não ficou empobrecida com a decadência do comércio da borracha na Amazônia.¹⁰⁹

Dito isto, devemos considerar significativa a percepção na narrativa dalcidiana em sua obra à medida em que ele transita entre os anos 20 e os anos 50 e como estas interlocuções se mesclam entre seus personagens e o homem do cotidiano vivenciado pelo autor. Outro fato pertinente na narrativa de Dalcídio são as especificidades regionais ao comparar indivíduos a animais pertencentes à fauna amazônica. Exemplo disto é a relação que Dalcídio faz entre Virgílio Alcântara e um peixe-boi, possivelmente por sua corpulência, lentidão e compulsão por alimento. Esta certamente é uma particularidade do homem urbano amazônida,¹¹⁰ que mesmo vivenciando uma vida de consumo midiático, não perde “de vista” suas características regionais, fato inclusive bastante perceptível em toda a sua obra, como podemos ver no excerto abaixo.

[...] as chuvas desabaram, desmanchava-se a cidade no aguaceiro. Alfredo via na rede de costas, arquejando e resfolegando, aquele peixe-boi que era o seu já chamado padrinho Alcantara...¹¹¹ O homem branco, cheio de pelos e mamas, lembrava um grande peixe esfolado e suspenso numa linha invisível.¹¹²

A forma descritiva/pejorativa utilizada por Dalcídio Jurandir ao se referir a Virgílio Alcântara, apresenta ecos quando percebemos a abordagem utilizada pelo autor ao se referir a

Belém-PA, Brasil. Disponíveis em: <https://www.cma.ufpa.br/pdf/comarcainteriorcivel.pdf>. Acesso em: 28 de jul. 2024)

¹⁰⁹ A partir da década de 20, produtos como a pimenta, cacau e algodão tiveram sua produção otimizada e voltada ao mercado externo. (Cf. MOURÃO, Leila. Memórias da Indústria Paraense. In: XII CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA ECONÔMICA E 13ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DE EMPRESAS. 2017, Niterói. **Anais...** Niterói: ABPHE, 2017. Disponível: <https://www.abphe.org.br/uploads/ABPHE%202017/10%20Mem%C3%B3rias%20da%20ind%C3%BAstria%20Paraense.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2024).

¹¹⁰ Para fins de delimitação, utilizamos o homem urbano amazônida para nos referirmos ao homem que vive na Amazônia, mas na cidade de Belém.

¹¹¹ JURANDIR, Dalcídio. **Belém-do-Grão-Pará**. Belém: EDUFPA, 2004, p. 108

¹¹² *Ibid.*

outro personagem: Dr. Pennafort! Com fama de sultão local, o dono da fábrica de gelo era conhecido por sua sagacidade como engenheiro e polemista.¹¹³ Vestia-se sempre de branco impecável com uma flor na lapela, sapatos brancos, sem chapéu, rosto limpo e óculos escuros, sua aparência transmitia a todos uma imagem de lascivo.¹¹⁴ Pennafort é um personagem que está conectado à realidade de Belém dos anos de 1950, por ser comum esta associação entre homens e sultões em virtude de sua condição financeira. Tanto Pennafort como Frederico Kzan, citado no Jornal “O Liberal” de 1951, estão condicionados ao sucesso em suas relações pessoais e à sua situação financeira.

A título de esclarecimento, os jornais da década de 50, utilizavam referências à aparência pessoal, “o ser gordo”, para evidenciar o bem-estar de um determinado indivíduo. Talvez esta diferença demonstrada pela imprensa no trato pessoal se deva a questões de apadrinhamento político ou até mesmo questões de intolerância étnico-racial com determinados indivíduos, condição que poderia se sobrepor à situação financeira do sujeito, como vimos a respeito de Frederico Kzan ao ser chamado de “turco gordo”.¹¹⁵ Esta discrepância no trato pode bem ser observada no excerto abaixo:

Ele foi informado de nossa presença nesta capital e nos aguardava no “Lafaiate”. Na verdade, em uma roda de amigos, fomos encontrá-los. Gordo, corado, forte e de charutão a boca, recebeu-nos com um cordial abraço e começou logo a indagar de Belém, da situação do Paysandu no certame.¹¹⁶

Posto isso, é importante enfatizar que estamos lidando com uma Belém que se apresenta em um viés decadente, o qual não se restringe apenas aos aspectos econômicos da cidade. Estes indivíduos são afetados por seu comportamento ético e moral. Ao acompanharmos a decadência da cidade na obra de Dalcídio, percebemos que o masculino retratado em alguns de seus personagens, como o caso de Virgílio Alcântara, se transforma no decorrer da obra e que, de homem “pacato”, ele acabou por seguir uma tendência à degradação moral e intelectual: “O Alcântara do bonde circular e da briga de galo sumia-se, nem mais fantasma. Só, único, irremediável, o Alcântara da Estrada de Nazaré”.¹¹⁷ Virgílio se tornou a representação da depravação dessa Belém “decadente”, haja vista o afloramento de seu caráter bajulador, possivelmente infiel, corrupto e sempre em busca de benefícios pessoais.

¹¹³ Por participar de forma ativa ou estar inserido em assuntos polêmicos.

¹¹⁴ JURANDIR, Dalcídio. **Belém-do-Grão-Pará**. Belém: EDUFPA, 2004, p. 236.

¹¹⁵ NOTÍCIAS e Comentário. Jornal **O Liberal**. 11 jan. 1951, p. 03.

¹¹⁶ CRÔNICA do Recife. Jornal **O Liberal**, 10 dez. 1951, p. 04.

¹¹⁷ JURANDIR, Dalcídio. **Belém-do-Grão-Pará**. Belém: EDUFPA, 2004, p. 488.

Outro indivíduo que se destaca na obra é Lamarão, o colega de turma na escola de Alfredo, personagem responsável por narrar a obra a partir da sua perspectiva. Sempre sorridente com os dentes à mostra e um pagante¹¹⁸ voluntário para os que o cercam. Sempre bem-vestido e elegante, calçava *sapato polar*, meia esticada com liga sem defeito.¹¹⁹ Este é Lamarão, tamanha sua elegância e o fato de ter mais idade, foram mecanismos utilizados por Alfredo como uma tentativa de impressionar a família Alcântara,¹²⁰ assim Alfredo passou a demonstrar que o considerado matuto estava assumindo posições relevantes na escola, afinal, seu amigo tinha porte imponente e se trajava elegantemente, o que deixava transparecer seu *status social*.

Assim como Virgílio, Lamarão também foi um ponto de convergência entre os anos vinte e os anos cinquenta. Um dos principais indícios está justamente na descrição feita por Dalcídio ao enfatizar que ele usava “sapatos polar”, tipo de calçado utilizado por uma parcela da sociedade da década de 50. Nessa conjuntura, o sapato polar era item de vestimenta requisitado não apenas em Belém, mas no Brasil. Houve um intenso comércio que partia da região Sul e distribuía para os demais estados brasileiros.

O sapato polar foi um símbolo de modernidade e de elegância e acrescentava ao seu usuário bom gosto e refinamento. E é nesse clima de requinte que, em 1951, a sapataria Granfina convidava a sociedade belenense para sua inauguração, a qual recebeu a alcunha de “sapataria mais chic de Belém”.¹²¹ Como uma convocação, a Granfina conseguiu seduzir possíveis consumidores a estarem presentes em sua grande inauguração.

De acordo com a matéria publicada no jornal “O Liberal”, destacamos o trecho abaixo.

Cabe, pois, ao nosso público, visitar “A Granfina” e contemplar o maravilhoso sortimento exposto, onde sobressaem os mais soberbos modelos que as reputadas fábricas FOX, POLAR, GALGO e tantas outras de igual fama, confeccionaram o capricho para assinalar o grande acontecimento da inauguração da “A Granfina.”¹²²

¹¹⁸ *Id. Ibid.*, p. 153.

¹¹⁹ *Id. Ibid.*, p. 154.

¹²⁰ *Id. Ibid.*, p. 155.

¹²¹ Jornal **O Liberal**. 31 dez. 1951.

¹²² *Ibid.*

Figura 22 - Propaganda no jornal “O Liberal”.



Fonte: O Liberal, 31 de dezembro de 1951. Editado pelo autor.

Podemos perceber que o sapato polar representava um aspecto importante da sociedade ao ilustrar o que havia de mais elegante a ser usado pela elite local. Para Gilda de Mello e Souza, na sociedade em que as classes buscam ferramentas para efetuarem as oposições entre si, uma dessas ferramentas é a vestimenta.¹²³ Assim, torna-se possível observar as distinções que separam os grupos atuantes em uma vida urbana,¹²⁴ em que se faz necessário, mesmo que obrigatoriamente, saber a que estatuto social cada indivíduo pertence e já deixar claro para quem os observa. Portanto, a vestimenta é o sinal mais forte de identificação¹²⁵ e diferenciação entre as classes sociais e os indivíduos que a elas pertencem, tornando-se uma linguagem simbólica, uma estratégia para tornar palpável e transmitir, além de pertencimento a um grupo, emoções, profissão, condição emocional,¹²⁶ cabendo analisar quais critérios da vestimenta buscam emitir as especificações já citadas.

Na Belém dos anos 50, um dos indicadores que assinalam as vestimentas como parâmetro de classe e estratégia social são as meias de liga masculinas e, principalmente, o sapato Polar. Acessórios utilizados por Lamarão e presentes na narrativa de *Belém do Grão-Pará*. Dito isto, realidade e ficção se misturam na escrita de Dalcídio, nos revelando que alguns aspectos da literatura dalcidiana, a qual enfatiza, por exemplo, a importância de se vestir, estão para além da demonstração de elegância e poder; a roupa certa também serviria como representação da moralidade no cotidiano da cidade. Assim sendo, pensando em sujeitos reais os quais possivelmente serviram de inspiração para Dalcídio, nos permitimos supor que o autor também

¹²³ SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas: a moda no século dezenove**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 125.

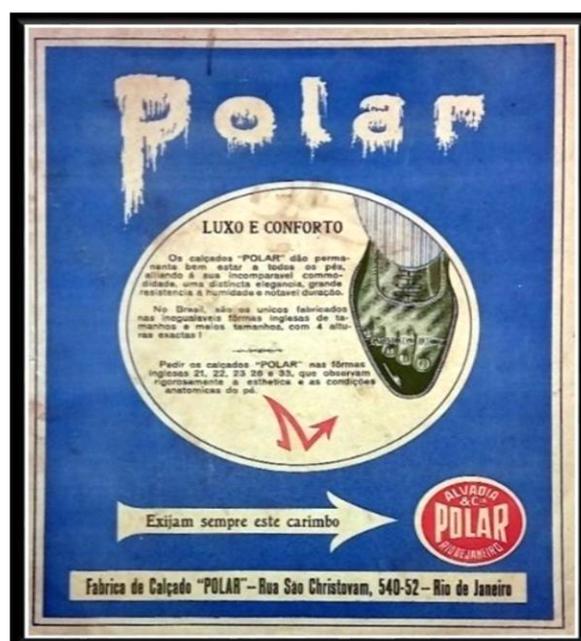
¹²⁴ *Id. Ibid.*, p. 118.

¹²⁵ *Id. Ibid.*, p. 119.

¹²⁶ (Cf. BALZAC, Honoré de. **Tratado da vida elegante: ensaios sobre a mesa e a moda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016).

identifica e apresenta o masculino, por meio daquilo que pode ser invejado por sujeitos desta sociedade retratada na obra e que a elegância de Lamarão simbolizava o padrão que se diferenciava dos demais homens na sociedade. Nessa perspectiva, é passível de admiração entre os homens quanto ao uso do tão desejado sapato como demonstração de grandeza. Abaixo, um anúncio do sapato Polar, o qual destaca seu conforto proporcionado pela inigualável forma, além de sua elegância, digna do grão fino Lamarão.

Figura 23 - Propaganda da fábrica de Sapatos Polar.



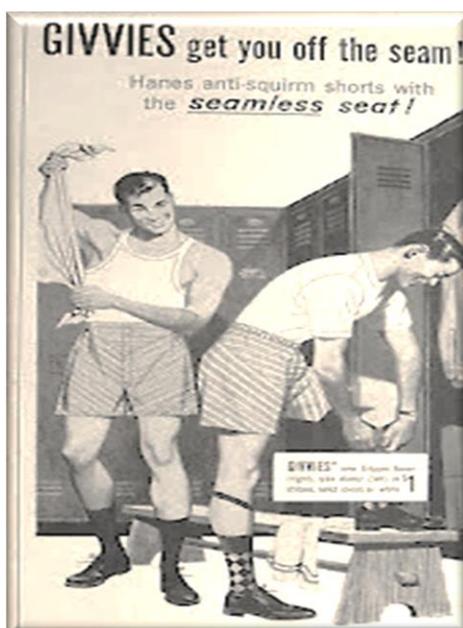
Fonte: Avenida Leilões - Livreiro e Antiquário, s.d.¹²⁷

Em certo momento da narrativa, o menino Alfredo se impressiona ao perceber Virgílio Alcântara, observando o sapato Polar utilizado por Lamarão: “foi surpreendido por seu Virgílio a mirar os sapatos polares tão usados por Lamarão, como tudo era fácil para o Lamarão, luxava e nem se dava por isso!”¹²⁸ Na figura 23, observamos um homem que ajusta a meia de liga, provavelmente o mesmo modelo utilizado por Lamarão e outros personagens da elite belenense retratados na obra, acessório muito comum durante os anos de 1950.

¹²⁷ Disponível em <https://www.avenidalivros.com.br/peca.asp?ID=13803290>. Acesso em: 15 fev. 2024.

¹²⁸ JURANDIR, Dalcídio. **Belém do Grão-Pará**. Belém: EDUFPA. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004, p. 156.

Figura 24 - Propaganda das meias de liga nos anos 50.



Fonte: Avenida Leilões - Livreiro e Antiquário, s.d. Editada pelo autor.

Retornando à narrativa, algo que chamava a atenção de Virgílio era o mistério sobre a fonte de renda de Lamarão e sua real condição financeira. Por ser retratado como alguém que é capaz de pagar todas as despesas daqueles que o cercam sem hesitar, incluindo a leitura de revistas novas; de morar no palacete mais bem conservado da cidade; de evitar que se aproximem da residência e que saibam mais sobre sua vida e, principalmente, da origem que sustenta uma rotina de elegância. Ao desenvolver Lamarão em sua obra, além do ar misterioso, Dalcídio Jurandir também injeta uma noção de ócio ao personagem, que a elegância não advém do trabalho, mas de possíveis irregularidades, o que denota a Lamarão que o grã-fino levanta suspeita e alerta para os que estão ao seu redor, pois sugere que este pertence a uma classe ociosa.

Nesse âmbito, é o que propõem Veblen e Balzac ao refletir sobre o pertencimento a um grupo social que não executa o trabalho extenuante, que exigiria esforço, o que dificultaria assim manter a elegância. O sapato Polar alinhado, usando as teorias de Veblen e Balzac, pode vir a ser um sinal da posição social a que estes indivíduos pertencem. Desse modo, Veblen afirma que:

A vantagem que o gasto com a roupa apresenta sobre outros métodos é que a vestimenta está sempre em evidência e oferece, à primeira vista, a todos os observadores, uma indicação de nosso padrão pecuniário.¹²⁹

¹²⁹ VEBLLEN, Thorstein. **A teoria da classe do lazer**. Lisboa: Actual Editora, 2018. (Cf. SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas: a moda no século dezenove**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019).

Balzac concorda com Veblen e complementa que:

Como a vaidade é a arte de se endominguar todos os dias, cada homem sentiu a necessidade de ter, como marca de seu poder, um sinal encarregado de avisar aos passantes o lugar que ocupa no grande pau de sebo em cujo topo os reis fazem ginástica. Foi assim que as roupas se transformaram, sucessivamente, em sinais materiais do maior ou menor número de fantasias que tinha o direito de satisfazer, do maior ou menor número de homens, de pensamentos, de trabalhadores que lhe era possível explorar. Então, um transeunte, apenas olhando, distinguia um ocioso de um trabalhador, uma cifra de um zero.¹³⁰

Lamarão certamente pode vir a ser um representante das afirmações de Veblen e Balzac dentro da obra, e sua rotina levanta suspeitas inclusive de seu colega de escola, Alfredo. O menino Alfredo chega a indagar a Lamarão: “De onde tu vens, que pai é teu, quem te botou naquela casa, onde o porão é ver uma sala de visita, onde tudo luze, se lustra, tapete, e lá em cima nunca se entra?”¹³¹ A casa que deixa Alfredo boquiaberto¹³² é o Palacete Augusto Montenegro,¹³³ conhecido pelas fotografias do álbum comemorativo ao centenário de Belém, que fica até hoje localizado na antiga avenida São Jerônimo, hoje avenida José Malcher, como bem podemos ver na Figura 24. A título de informação, atualmente o espaço do Palacete Montenegro está sendo ocupado como sede do Museu da Universidade Federal do Pará.

¹³⁰ BALZAC, Honoré de. **Tratado da vida elegante**: ensaios sobre a mesa e a moda. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 197.

¹³¹ JURANDIR, Dalcídio. **Belém do Grão-Pará**. Belém: EDUFPA. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004, p. 154.

¹³² *Id. Idib.*, p. 153.

¹³³ O Palacete foi construído em 1903 e é reconhecido como patrimônio histórico e artístico, legalmente protegido pela esfera estadual. O projeto arquitetônico é do italiano Filinto Santoro, que o desenvolveu para ser a residência particular do então governador do Estado, Augusto Montenegro. Reflexo dos períodos áureos da extração da borracha na Amazônia. (Cf. <https://www.ipatrimonio.org/belem-antigo-palacete-augusto-montenegro/#!/map=38329&loc=-23.545281142400903,-406.6584634780884,15>. Acesso em: 14 mar. 2024).

Figura 25 - Palacete Augusto Montenegro.



Fonte: Álbum do Centenário de Belém, s.d.¹³⁴

Ao retomarmos a discussão, enfatizamos uma indagação/indignação que aparece regularmente e que diz respeito a Lamarão: **Como pode um aluno morar em um palacete como esse?** Este tipo de surpresa e questionamento tende a nos dar a ideia de que sua invejável condição financeira pôde vir a não ser de boa procedência e que, conseqüentemente, não caracteriza fruto de trabalho árduo. Enquanto isso, dizem as más línguas, a pensão do que moravazinho,¹³⁵ um pouco de favor, no número 160, da avenida Gentil Bittencourt, despertava certa indignação.

Figura 26 - Vista da Av. São Jerônimo com o Palacete à sua esquerda.



Fonte: Álbum Centenário de Belém, s.d. Editado pelo autor.

¹³⁴ Disponível em: <https://www.museu.ufpa.br/index.php/historico.html>. Acesso em: 11 jan. 2024.

¹³⁵ Termo utilizado pelo personagem Alfredo e que faz referência às moradias mais simples. (Cf. JURANDIR, Dalcídio. **Belém-do-Grão-Pará**. Belém: EDUFPA, 2004, p. 155).

Acima, um cartão postal da Avenida São Jerônimo, conhecida hoje como Avenida Governador José Malcher. Ao lado esquerdo, no cruzamento com a Avenida Generalíssimo Deodoro, o palacete que pertenceu a Augusto Montenegro¹³⁶ e onde residia, na ficção, o grã-fino Lamarão, cercado de mistérios na *Belém do Grão-Pará*. Chama a atenção a escolha do palacete como residência de Lamarão, pois era uma demonstração de poder aquisitivo e de possível influência no campo político. Apesar do mistério criado pelo autor, acreditamos que a família de Lamarão não tenha sofrido as agruras da falência proporcionada pelo fim do ciclo áureo da borracha e sim que estivesse inserida naquela parcela da elite vinculada à indústria. Ainda em consolidação, de transformação de produtos nativos como óleos aromáticos, cana de açúcar para fabricação de aguardente e café, além da pecuária. De mais a mais, outras imagens, somadas ao vestuário, podem ser atribuídas por Dalcídio como representação da masculinidade, de status e de poder. O bigode fez parte desse simbolismo na década de 1920.

2.3 Pelos fios do bigode.

Outro aspecto que compõe o masculino e frequentemente destacado por Dalcídio Jurandir é o uso do bigode. Símbolo de virilidade, status e poder, acabou por se tornar bastante popular ao longo da história ao ponto de as sociedades das civilizações clássicas considerarem os pelos no rosto um indício de hombridade, o que era inclusive recomendado entre estes que deixassem apenas seus bigodes. Pois, as barbas poderiam ser agarradas durante uma batalha. Em verdade, com o passar dos anos, o mercado, principalmente externo, ditou o que deveria ser usado e o que deveria ser considerado adequado.

Houve um tempo em que as barbas de um homem poderiam ser vistas como símbolo de masculinidade, mas também serviram como porta de entrada a doenças, podendo assim considerar estes homens “repulsivos” para uma determinada sociedade. Além disso, os veículos de propaganda ajudavam a veicular esta imagem de limpeza e saúde tanto ao rosto liso como à feitura de suas barbas em casa.

¹³⁶ Governador do Pará entre os anos de 1901 e 1909. Foi o responsável pela conclusão da estrada de ferro Belém-Bragança. (Cf. MATTOSO, Ernesto. **O Dr. Augusto Montenegro**: sua vida e seu governo. Paris: T. Dussieux, 1907).

Figura 27 - Propaganda da Gillette, 1944.



Fonte: Revista “A Cigarra”, 1944. Editada pelo autor.

Assim, como toda representação de estereótipos na sociedade, o uso ou desuso de pêlos no rosto mudava conforme os padrões de cada época. Nesse cenário, foi sinônimo de masculinidade e poder, é considerado símbolo de prosperidade até pelo menos os anos 40, com um modelo mais discreto e de acordo com a moda dos filmes norte-americanos. Apesar de que, na década de 50, um rosto liso era a tendência do momento. Dalcídio escolheu o bigode tanto para representar o prestígio quanto o desleixo de alguns indivíduos, ao abordar de forma descritiva estes personagens, tendo como objetivo causar ao leitor uma compreensão destas características que integravam a aparência destes sujeitos.

De igual forma como o aspecto da gordura em Virgílio Alcântara, os jornais que circulavam em Belém durante os anos 1950 também utilizaram do mesmo recurso para identificar os sujeitos masculinos, tratados nas notícias como configuração de identificação, descrição ou em apelidos, como uma forma de apropriação do indivíduo, ou para enfatizar sua característica no caso do bigode. Nessa conjuntura, é comum encontrar matérias sobre os integrantes das forças armadas, propagandas de barbeadores e menções que utilizam o bigode como ponto norteador.

O Liberal C. Clube que se preparou convenientemente, deseja, levar de vencida o seu adversário por uma contagem inofismável. A direção técnica convoca os seguintes atletas: Tadi, Pato Preto, Carimbeiro, Mondrongo, Lambaio e Bigode de Vassoura.¹³⁷

Chama a atenção o caso do jogador de futebol intitulado “Bigode de Vassoura”, ao ser identificado na reportagem por esta característica e não pelo seu próprio nome. Percebemos desta maneira, a apropriação sobre o atleta por meio do seu estereótipo, o qual dá a impressão de possuir uma maior importância que o próprio sujeito. Ademais, o bigode também passou a

¹³⁷ Jornal **O Liberal**. 28 jun. 1951, p. 4.

ser determinante para identificar os masculinos ao noticiar as punições disciplinares que consistiam muitas vezes em expulsão de praças da unidade militar por incapacidade moral.

Carlos Alcantarino, filho de Ambrósio Alcantarino e Raimunda Alcantarino, nascido em 8-10-1931, natural de Fortaleza, Estado do Ceará, solteiro, funcionário público, cor parda clara, cabelos castanhos escuros ondulados, olhos castanhos médios, barba e bigode raspados.¹³⁸

Para mais, o bigode passa a ser um fio condutor para a moral e o compromisso com a palavra, como foi o caso do cumprimento do repasse de verbas para Salinópolis ao se questionar a confiança depositada no governo local e na própria República, ao sugerir que a monarquia passaria mais confiança aos ordenamentos da sociedade, pois, “no Brasil não possuímos mais reis, nem tronos, nem impérios, monarquias ou dinastias. Mas, para substituí-los, criamos, ao que se diz, para aperfeiçoar o regime chamado democrático, as figuras de Presidente e de Governadores.”¹³⁹ Em tom de incredulidade com a ação governamental, conforme publicação do jornal “O Liberal” de 1951, “neste Estado ainda vive muita gente do tempo em que um fio de bigode valia mais do que uma assinatura.”¹⁴⁰

Figura 28 - Propaganda de jornal.



Fonte: O Liberal, 02 abr. 1951. p. 2. Editado pelo autor.

¹³⁸ Jornal **O Liberal**. 05 de março de 1951. p. 2.

¹³⁹ Jornal **O Liberal**. 23 out. 1951. N° 809.

¹⁴⁰ *Ibid.*

No anúncio de 1951, a propaganda da Gillette Azul e a preocupação em manter a barba sempre bem-feita como sinônimo de limpeza. Entretanto, chama a atenção para o contexto em que o fazer da barba está propaganda do jornal. O personagem Zé Barbado passa por uma situação na qual é colocado em risco. Sob tal ótica, a propaganda revela um comportamento masculino em relação às mulheres, em que o homem está prestes a apanhar da sogra, a qual é retratada como alguém que o maltrata após chegar de uma festa. Contudo, após realizar a retirada da barba, tudo é resolvido para o Zé Barbado. Logo, vemos que as referências que Dalcídio Jurandir realiza na obra sobre a barba e o bigode nos remetem a um contexto social em relação aos aspectos masculinos presentes em Belém, nos anos 1950, período em que Dalcídio está produzindo sua obra.

A preocupação com o rosto limpo após a barba feita pode ser uma provocação para com outros sujeitos existentes na obra, como o caso de seu Bento, que é ferreiro e possui barba de ferrugem.¹⁴¹ A característica da barba é decisiva para atribuir o desleixo com a aparência de seu Bento, assim como a coceira do cachorro que é transmitida a Alfredo, acaba por nos remeter à sensação de descuido e sujeira tanto em seu Bento como em seu animal de estimação. Já o seu Lício, outro personagem, parece se encaixar na exigência que a propaganda do Zé Barbado sugere, já que possui cara lisa,¹⁴² indicando que a barba está sempre feita, assim como o já conhecido Dr. Pennafort e seu ar lascivo.

Além dos já mencionados, temos também o *pianista do terceto*, apresentado como cara de cebola,¹⁴³ o que nos cabe interpretar como um homem pálido e que possivelmente possuía barba rala, contendo alguns fios esparsos como em uma cebola, além de ser curvo, possuindo um côncavo em sua coluna que sugere uma imagem depreciativa do corpo como um todo. Zito Neiva, o “pueta, o bigodinho, o canalinha”,¹⁴⁴ foi o primeiro namoro sério de Emília, o qual foi desfeito rapidamente por Dona Inácia, que se referia a Zito como “bigodinho”, mais uma vez como forma depreciativa. Já que trabalhava como despachante na Recebedoria de Vendas e ela não o julgava como um bom partido para Emília, tendo em vista os anseios mais ambiciosos para a filha, como um casamento que pudesse garantir um futuro melhor para a família como um todo.

¹⁴¹ JURANDIR, Dalcídio. **Belém do Grão-Pará**. Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004, p. 170.

¹⁴² *Ibid.*, p. 400.

¹⁴³ *Ibid.*, p. 230.

¹⁴⁴ *Ibid.*, p. 73.

Podemos demonstrar então que a barba é um marcador importante, para orientar, identificar, descrever e construir características relacionadas às masculinidades presentes na obra de Dalcídio, que transita entre o cuidado com a aparência e o desinteresse em se manter aceitável. Portanto, assim como o personagem que transmite lascívia, sendo a barba e o bigode um fio norteador para identificar o masculino que Dalcídio projeta na Belém dos anos 1920, a partir do contexto em que vive e produz a obra.

Conclusão

É possível concluir com este capítulo que a masculinidade apresentada na obra de Dalcídio Jurandir permeia uma pluralidade de características e representações. Devido à farta descrição do autor em seus personagens, é possível identificar, compreender e classificar as faces da masculinidade que se entremeiam por vários aspectos que compõem uma sociedade. Sob essa visão, a saber: a vestimenta; a aparência; o cuidado; e, o desleixo sendo associados à barba e ao bigode; a condição física de ser gordo ou magro; a identificação do estatuto social por meio de itens que compõem a vestimenta, como o sapato Polar. Para delinear os parâmetros entre Alfredo e Lamarão, a moradia também estabeleceu uma diferença entre a condição econômica, do *moravazinho* de Alfredo ao Palacete em que Lamarão vivia.

O diálogo e confronto da obra literária com os jornais impressos da época demonstraram a relação entre as temporalidades que Dalcídio Jurandir seleciona e o contexto em que se encontra durante os anos 1950, demonstrando que o autor utiliza referências e características presentes na imprensa da década de cinquenta, projetando tais peculiaridades para os anos “decadentes” de 1920. Essas demonstrações elucidam a importância da obra de Dalcídio Jurandir como uma porta aberta nos convidando a conhecer a cidade de Belém, a Amazônia, o homem urbano amazônida e as múltiplas facetas de suas masculinidades.

CAPÍTULO 3: AS MASCULINIDADES “PÉ NO CHÃO.”

Aquilo que compreendemos como masculinidade parte do princípio de uma construção criada pela sociedade e que tem por objetivo demonstrar o comportamento dos homens. Mas, para além de ações, ela também permeia o campo do sentir e de como se expressar e tende a acompanhar e se adaptar às transformações da sociedade. Isto, em parte, vai ao encontro da tese defendida pela filósofa Judith Butler, a qual destaca que, o gênero é construído por meio de gestos, atos e discursos capazes de fazer com que as pessoas possam performar, como em uma peça teatral, a fim de que seu comportamento possa vir a se encaixar na sociedade. Ou seja, os indivíduos (homem ou mulher) acabam por não demonstrar sua real identidade de gênero, pois isto poderia não ser tão agradável no meio social, é o que Butler chamou de performatividade de gênero.¹⁴⁵

O gênero não é inscrito no corpo passivamente, nem é determinado pela natureza, pela linguagem, pelo simbólico, ou pela história assoberbante do patriarcado. O gênero é aquilo que é assumido, invariavelmente, sob coação, diária e incessantemente, com inquietação e prazer. Mas, se este ato contínuo é confundido com um dado linguístico ou natural, o poder é posto de parte de forma a expandir o campo cultural, tornado físico através de performances subversivas de vários tipos.¹⁴⁶

Importante destacar que esta teoria tem referência ou inspiração em Michel Foucault, a partir do princípio que este conclui que as normas sexuais fazem parte de uma construção social utilizada como instrumento de poder para moldar os sujeitos em sociedade. Logo, isto se dá por meio dos discursos e práticas repetidas e legitimadas pela sociedade. Desta feita, tanto para Butler como para Foucault, a qualidade de ser homem ou mulher não é algo exclusivamente determinado pela questão biológica.¹⁴⁷

Sendo assim, este capítulo irá destacar características do masculino e da masculinidade em personagens que consideramos importantes na obra *Belém do Grão-Pará* e que foram, para Dalcídio, seu maior ponto de interesse. Os chamados “pé-no-chão”, sujeitos menos favorecidos cuja condição financeira era limitada e que passavam por dificuldades reais, como qualquer trabalhador, e, que, por estas características, apresentariam uma maior identificação do leitor

¹⁴⁵ HADDAD, Rogério Delbone; HADDAD, Maria Irene Delbone. Performatividade, constituição de gênero e teoria feminista. In: V SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES. 2017, Salvador, **Anais V ENLAÇANDO** Salvador: UNEB, 2017. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/30620>. Acesso em: 18 abr. 2024.

¹⁴⁶ BUTLER, Judith. Atos performativos e constituição de gênero. Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: MACEDO, Ana Gabriela; RAYNER, Francesca (Org.). **Gênero, cultura visual e performance**. Minho: Universidade do Minho/Húmus, 2011, p. 87.

¹⁴⁷ FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. São Paulo: Graal, 2005.

com a obra. Não devemos esquecer que, por compreendermos que as experiências de vida de Dalcídio estão inseridas em sua obra, utilizamos fontes jornalísticas para identificar certos padrões de masculinidade que podem ter servido de inspiração a Dalcídio na composição dos sujeitos de sua trama.

3.1 Seu Lício e Virgílio Alcântara: o masculino e o consumo de álcool.

O universo dalcidiano está repleto de personagens interessantes que tendem a representar o cotidiano vivenciado por Dalcídio. A partir de sua obra, *Belém do Grão-Pará*, podemos identificar sujeitos como Seu Lício, um encadernador que faz parte do grupo de trabalhadores da obra - assim como Mãe Ciana - e que foram representados como sujeitos de ideais socialistas, que faziam muita balbúrdia nas ruas e que nutriam o hábito da bebida¹⁴⁸. É interessante mencionar que, acerca de seu Lício, por intermédio das cartas enviadas de Ritacínio¹⁴⁹ a Dalcídio, foi possível supor que a inspiração para a criação deste personagem foi o romancista Bruno de Menezes, devido às semelhanças entre o operário rebelde que insuflava as massas e o escritor que semeava palavras de protesto para o jornal “O Semeador”.¹⁵⁰ Todavia, para além da rebeldia socialista, Seu Lício também demonstrava duas características importantes: a grosseria/brutalidade no jeito de se portar e sua fraqueza para com as mulheres. Este traço de sua personalidade pode ser percebido no trecho em que seu Lício “sempre arriscava olhar para uma saia e não se cansava de olhar”,¹⁵¹ como um gavião em busca de sua presa.

Já Virgílio Alcântara acumulou, como consequência de sua ruína moral, não apenas o consumo do álcool que resultou na tentativa de agressão a Alfredo, no desrespeito para com dona Inácia e na expulsão de Antônio, mas também, seu envolvimento com atos ilícitos, no caso, o contrabando. São estas peculiaridades, como as apresentadas por seu Lício e Virgílio, que irão ajudar a identificar e compreender o comportamento dos indivíduos masculinos retratados nos periódicos e que serviram de inspiração a Dalcídio na composição de sua obra.

¹⁴⁸ JURANDIR, Dalcídio. **Belém-do-Grão-Pará**. Belém: EDUFPA, 2004, p. 186.

¹⁴⁹ Irmão de Dalcídio Jurandir.

¹⁵⁰ MAIA, Maíra Oliveira. **Para além da decadência: a “aristocracia do pé no chão” na Belém de Dalcídio Jurandir**. Orientadora: Maria de Nazaré Sarges. 2017. Tese (Doutorado em História Social da Amazônia) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017, p. 26.

¹⁵¹ JURANDIR, Dalcídio. **Belém-do-Grão-Pará**. Belém: EDUFPA, 2004, p. 482, 483.

Ao dividir sua obra por representatividade de classes, Dalcídio destaca que o trabalho¹⁵² é um aspecto fundamental para compor os personagens “pé no chão”, pois é por meio do tipo de atividade laboral que o indivíduo desenvolve sua integridade moral, como se o trabalho servisse de mecanismo de avaliação e de conduta a ser definida. Esta avaliação é feita tanto pelo autor como pelas matérias jornalísticas.

Na contramão do “pé no chão”, temos Lamarão, o nosso já conhecido grã-fino da *Belém do Grão-Pará*, que não possui um ofício definido e que, por residir em um refinado palacete, acabou por ser alvo de desconfiança, já que não se conhece a origem dos seus recursos. Os personagens chamados “pé no chão” são pessoas simples e que possuem um trabalho que facilmente identificamos por ser uma atividade árdua, principalmente caracterizada por trabalhos braçais. Esta relação entre classes entendemos ser proposital, haja vista que, faz parte do projeto político e estético do jornalismo de Dalcídio Jurandir, a crítica ao sistema capitalista, principalmente, em virtude do autor já se encontrar envolvido nas causas defendidas pelo Partido Comunista do Brasil, durante o processo de escrita do romance.

Porém, nosso ponto central é a masculinidade e, desta feita, retornamos a Seu Lício. Fica explícito no decorrer da narrativa que o encadernador possui problema com o álcool e que, por este motivo, tal sujeito exala um odor fétido. Certamente, seu Lício, muito mais que Virgílio, bebe além do que podemos considerar “normal”, do ponto de vista social.

Esta relação entre seu Lício e o vício nos permite estabelecer associações entre a literatura de Dalcídio Jurandir e a realidade de uma Belém, vivenciada pelo autor nos anos quarenta e cinquenta. Lembrando que, para nossa pesquisa, os fios da *Belém do Grão-Pará* representam a narrativa da obra, enquanto os rastros, as fontes de uma época.¹⁵³

Posto isto, destacamos que o consumo excessivo do álcool foi retratado como uma série de desvantagens elencadas em um manifesto escrito por Oscar Carneiro, na seção intitulada “Alvorada Espírita” do jornal “O Liberal”.¹⁵⁴ O texto destaca uma seleção de motivos, no qual o consumo de álcool pode comprometer não apenas a sobriedade do sujeito, mas também sua conduta, além de arruinar as relações sociais estabelecidas ao seu redor.

Um aspecto relevante é que o texto está direcionado aos homens, possuindo um entendimento de que, para esta sociedade, o consumo de álcool está restrito ao masculino, não levando em conta que este vício possa fazer parte do cotidiano feminino. Isto talvez se deva em

¹⁵² Entende-se por trabalho qualquer atividade que seja geradora de remuneração, independentemente de sua formalidade.

¹⁵³ Fazendo uma alusão ao livro “Os Fios e os Rastros” de Carlo Ginzburg.

¹⁵⁴ Jornal **O Liberal**, 1951.

virtude da figura da mulher, neste caso a década de 20, estar vinculada à imagem que esta deve passar para a sociedade de esposa e mãe dedicada. Afinal, para os costumes, era mais provável a presença masculina na boemia belenense.

Figura 29 - Jornal “O Liberal”, 1951.



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional, 1951.

O primeiro aspecto é um apelo às mães: “Filho! Pensa um momento naquela velhinha santa que é tua mãe e que, cheia de inquietações, ora a Jesus, enquanto te entregas ao efêmero gozo do álcool.”¹⁵⁵ A mulher, enquanto mãe, é entendida como quem irá deter o sentimento de sofrimento ao ver um filho sob o consumo de álcool. Posto isso, as doenças adquiridas são um fator explicitado no texto: “aos poucos, vai corroendo a matéria até levá-lo ao leito de um hospital onde os mais acerbos sofrimentos te esperam.”¹⁵⁶ O comportamento modificado pela embriaguez é levado em consideração como atitudes que podem comprometer a conduta de um homem: “pensa ainda na tua volta ao lar onde, com o hálito degradante e as atitudes desatinadas, fazes sangrar aquele boníssimo coração.” A mãe a que o texto se refere é uma mãe idosa que sofre pelas noites em claro à espera de seu filho. “Filho! Não roubes mais à tua mãe, as noites

¹⁵⁵ Jornal *O Liberal*. 8 nov. 1951, p. 02.

¹⁵⁶ *Ibid.*

de sono e os dias de tranquilidade tão necessários ao equilíbrio do seu organismo envelhecido.”

157

O texto continua com os apelos àqueles que excedem o consumo alcoólico: “Irmão, abandona o vício do álcool que faz cometer os maiores desatinos, que assistem ao aniquilamento da mãe comum; Esposo! Lembra-te de que foi com promessas de felicidades que arrancaste dos braços carinhosos de seus pais, esta que é hoje tua fiel companheira, por quem trocas agora a mesa traidora do bar.”¹⁵⁵ Por fim, o apelo a Deus: “os atos desacertados de um alcoolizado, longe de eximi-lo de culpa, mais responsável o tornará perante Deus.”¹⁵⁸

Percebemos que a relação com o álcool não é benéfica e está associada ao grupo masculino e que o feminino é utilizado como fator de comoção para o convencimento do abandono do consumo de álcool, seja a mulher na condição de mãe idosa que sofre ao ver o filho no vício do álcool ou da esposa que confiou ao homem a condição de fazê-la feliz e agora o aguarda em casa ao retornar do bar. São características comportamentais que atribuem ao homem e à mulher.

Outro aspecto associado ao uso do álcool é a violência. Por conseguinte, a relação é feita no sentido de que o consumo exagerado de álcool pode despertar ações violentas que em sobriedade possivelmente não aconteceriam. O relato de 1951 exprime essa ideia: “Hoje pela manhã, no bairro da Cidade Velha, ocorreu cena brutal de sangue originada pela perversidade de um indivíduo que descarregou seu ódio brusco contra um menor que lhe furtara um paneyro de farinha, aplicando, covardemente, várias punhaladas em outro senhor que nem ao menos conhecia o fato. Essa é mais uma tragédia escrita pelo álcool, pois o autor dela, um canoeyro residente na Ilha das Onças, dá-se ao vício do alcoolismo.”¹⁵⁹ Chama a atenção para o incidente, o trabalho exercido pelos envolvidos, um deles é canoeyro, um trabalho braçal e que exige condição física para seu desenvolvimento. O segundo envolvido é um sapateiro, que durante o ocorrido, exercia sua função em sua própria loja de remendos¹⁶⁰ e acabou ferido.

O álcool, os bêbados e a boemia estão interligados pelas questões que envolvem as desordens na cidade e a violência, em um período em que o discurso disciplinador da moralidade e dos bons costumes era parte do cotidiano da cidade. Nessa lógica, estar na boemia não era um fato exclusivo das classes menos favorecidas, o que ocorre é que, no subúrbio, este discurso moralizante talvez fosse mais difícil de ser assimilado. Sabemos que a Belém

¹⁵⁷ *Ibid.*

¹⁵⁸ *Ibid.*

¹⁵⁹ Jornal **O Liberal**. 1 mar. 1951, p. 02.

¹⁶⁰ *Ibid.*

representada por Dalcídio em sua obra já havia passado pelo período áureo da borracha e, conseqüentemente, pela modernização.

Nesse ínterim, esta evolução trouxe ao mesmo tempo embelezamento para a cidade – monumentos e prédios ainda hoje espalhados pela capital paraense – além do aumento da violência, que tende a se naturalizar e se tornar banal em decorrência da pobreza, e, da prostituição, principalmente nos bairros mais afastados do centro. Este movimento ocorria justamente por estes espaços estarem carentes de políticas públicas como educação, saúde e saneamento básico. Sendo assim, estes lugares acabaram por ser ocupados por campos de futebol, boates e bordéis.¹⁶¹

Os moradores da Avenida José Bonifácio, bairro do Guamá, escreveram-nos, solicitando providências da parte da polícia, para o abuso de uma meretriz de nome Antonieta, que costuma provocar seus vizinhos e promover desordens naquele bairro.¹⁶²

Na *Belém do Grão-Pará* de Dalcídio, a representação da prostituição também se fez presente, como um símbolo de decadência de uma época. Antes procurada pelos barões e agora parecendo um rascunho do que representou outrora. Neste caso, ela é retratada como um objeto que perdeu seu real valor de mercado.

Encontrou na esquina ao pé da Caixa d'água uma mulher morena, gorda um pouco, de chinelos, mas tão pálida, que, a luz das lâmpadas que acendiam se tornava arroxeadada, os lábios roxos-roxos, como machucados. Sua palidez no escuro, agora que seguiam por uma travessa escura, lembrava um rosto passado no azeite de dendê.¹⁶³ Pois falavam de minha formosura. Sim, que eu tinha, o espelho me dizia, eu é que nunca me dei preço mesmo. Nunca me avalei bem. Me fiz barata, bem barata. Mas, uai. Deus não me deu a formosura de graça? Distribui de graça, ora esta.¹⁶⁴

Esta realidade romanesca, a qual estão inseridos os vícios, a prostituição e a violência, pode ser vislumbrada no cotidiano de Belém nos anos quarenta e cinquenta, a exemplo dos trabalhadores braçais Januário Amorim, e Lucio Gonzaga, que, após serem detidos na Central de Polícia por estarem perambulando embriagados pela zona do meretrício, lugar considerado predileto por Januário e Lucio, foram acusados de estarem forçando as entradas nas casas de

¹⁶¹ DIAS, JÚNIOR, José do Espírito Santo. Entre Cabarés e Gafieiras: um estudo das representações boemias na periferia de Belém do Pará, 1960-1980. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. 2011, São Paulo, *Anais...*, São Paulo, jul. 2011, p. 04. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_SP-1_d29bc748c8e108b78e5c56526448f2ea. Acesso em: 15 jul. 2024.

¹⁶² Jornal *O Imparcial*, 1933, p. 05.

¹⁶³ JURANDIR, Dalcídio. *Belém-do-Grão-Pará*. Belém: EDUFPA, 2004, p. 495.

¹⁶⁴ *Ibid.*, p. 499.

família que ali residiam.¹⁶⁵ Aqui abro uma pequena observação para reiterar que, na década de 1920, era proibido, de acordo com as leis municipais de conduta estabelecidas por Antônio Lemos, que famílias residissem no quadrilátero do amor.¹⁶⁶ Todavia, após este período e com o fluxo migratório aumentando na capital, algumas famílias ocuparam este espaço e passaram a identificar suas casas como de “família” a fim de evitar mal-entendidos,¹⁶⁷ como bem podemos observar na imagem abaixo.

Figura 30 - Portas de residências familiares na área do meretrício em Belém.



Fonte: Belém Antiga¹⁶⁸, s.d. Editado pelo autor.

Apesar de esta região estar em constante vigilância e ser alvo de julgamentos pejorativos associados à ordem e à moral vigente desde o início do século XX e de alguns periódicos que circulavam pela cidade denunciarem o contexto de “arruaça”, promovido por seus frequentadores exigindo algum tipo de providência por parte das autoridades.¹⁶⁹ É inegável que os mais abastados também por ali circulavam, fossem comerciantes, políticos ou atores como foi o caso do ator australiano Errol Flynn, que no auge da fama e, em breve passagem pela

¹⁶⁵ Jornal **O Liberal**. Diário Vespertino. 25 nov. 1946, n. 09.

¹⁶⁶ Estabelecido em 1921, como medida para o controle dos corpos, o quadrilátero do amor compreendia as ruas Riachuelo, Carlos Gomes e General Gurjão, sendo ainda utilizado para esse fim até os dias atuais.

¹⁶⁷ DIAS JUNIOR, José do Espírito Santo. **Entre Cabarés e Gafieiras**: um estudo das representações boemias em Belém (1950 a 1980). São Paulo: Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: PUC-SP, 2013, p. 109.

¹⁶⁸ Disponível em: <https://belemantiga.blogspot.com/2014/10/curiosidades-as-misteriosas-placas-de.html>. Acesso em: 5 mar. 2024.

¹⁶⁹ *Ibid.*, p. 99.

capital paraense no ano de 1940, chegou bêbado e passou duas noites na melhor pensão na Rua Riachuelo.

Para mais, de acordo com o jornalista Antônio Contente, em companhia de Raimunda Bastos, a qual chamou sua atenção por sua beleza e que soube usufruir da fama repentina.¹⁷⁰ Fala-se à “boca miúda” que Raimunda comprou uma casa com os dólares que ganhou do ator hollywoodiano e, que passou a ter uma clientela cativa e seleta, a partir do momento em que a fama de “mulher de Errol Flynn” se tornou pública. Diz ainda que, depois de alguns anos de serviço, passou a viver com uma boa aposentadoria e que o vultoso valor mensal foi possível graças à interferência de um governador da capital paraense que por ela havia se apaixonado.

Figura 31 - Chegada de Errol Flynn ao Brasil, 1940.



Fonte: Acervo Belém Antiga, 1940. Editada pelo autor.¹⁷¹

Mesmo não sendo o objeto desta pesquisa, há um fato curioso acerca do ator. Quando de sua passagem pelo Brasil, em específico na cidade do Recife, na qual permaneceu por apenas um dia, Flynn acabou por ser fichado pelo DOPS¹⁷² e, de acordo com o seu prontuário na polícia política do governo Vargas,¹⁷³ havia suspeitas de que o ator era comunista, pois seu nome fazia parte de um rol produzido pela polícia dos Estados Unidos intitulado “Astros Comunistas” que, por sua vez, foi publicado no jornal “Diário da Manhã” em 1935. Para os órgãos de segurança

¹⁷⁰ Crônica originalmente publicada no jornal Correio Popular. Disponível em: <https://50anosdetextos.com.br/2010/a-mulher-de-errol-flynn/>. Acesso em: 5 mar. 2024.

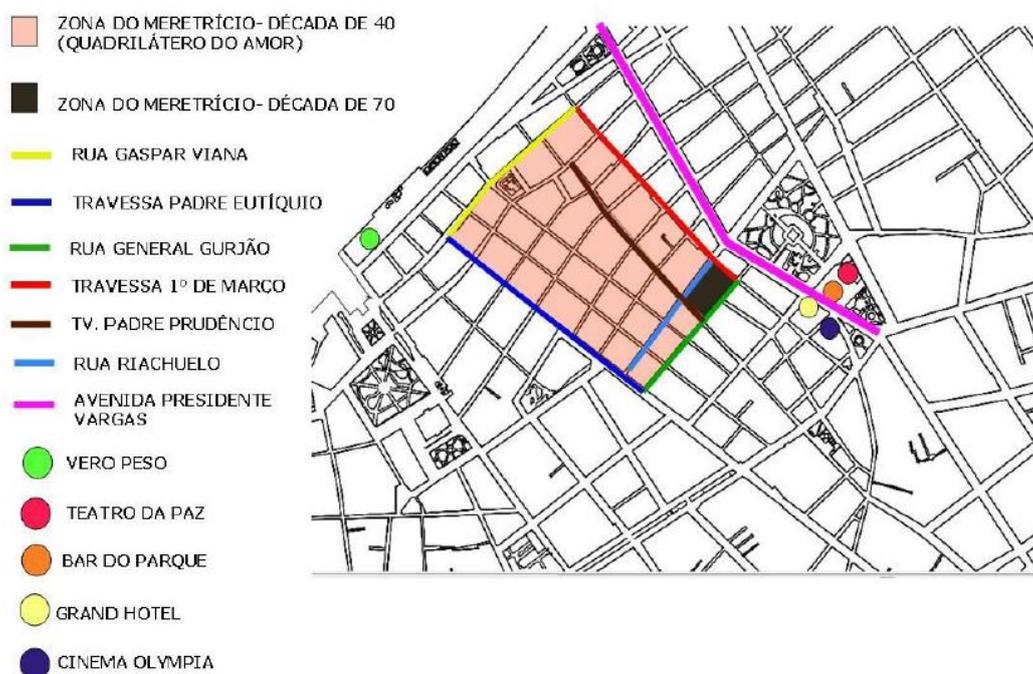
¹⁷¹ Disponível em: <https://belemantiga.blogspot.com/2014/10/curiosidades-desconhecida-amante.html>. Acesso em: 15 ju. 2024.

¹⁷² Departamento de Ordem Política e Social.

¹⁷³ **Arquivo Público Jordão Emerenciano** - Apejê, fichas e prontuários individuais. Fundo SSP-DOPS/PE.

do período, além da presunção do comunismo, o astro de *Hollywood* foi também taxado de mulherengo, sedutor e mundano por patrocinar muitas festas regadas a muito álcool (seu maior vício) e mulheres.

Figura 32 - Mapa da chamada zona do meretrício entre as décadas de 1940 e 1970.



Fonte: elaborado por José do Espírito Santo Dias Junior, s.d.

Os comportamentos considerados inadequados, fosse provocado pela presença do ator, de autoridades, membros da elite ou pessoas comuns, causaram grande incômodo aos moradores da região meretrícia de Belém e foi algo, em certa medida, combatido através das incursões policiais conduzindo os infratores das classes populares até a Polícia Central.¹⁷⁴ É sobre a atribuição de comportamentos considerados socialmente corretos ou incorretos que homens e mulheres estão inseridos e, este parâmetro moral nos parece ser parcial, sendo resultado de pré-julgamentos, como pode ter sido o caso de Lúcio e Januário. Tendo em vista que, a manchete do jornal nos apresenta apenas a versão das autoridades, baseada na denúncia dos moradores, e, em nenhum momento, nos apresenta o depoimento dos envolvidos na suposta “arruaça.”

Estes pré-conceitos observados comumente na sociedade e presentes nos relatos de jornais e na narrativa de Dalcídio são classificados pelo sociólogo Erving Goffman como

¹⁷⁴ DIAS JUNIOR, José do Espírito Santo. **Entre Cabarés e Gafeiras**: um estudo das representações boemias em Belém (1950 a 1980). São Paulo: Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: PUC-SP, 2013, p. 109-111.

estigmas sociais, destacando neste caso uma de suas tipologias: ¹⁷⁵ o estigma de caráter individual, entre os quais destacamos os vícios, o desemprego; a prisão e os distúrbios mentais, haja vista que o consumo excessivo de álcool pode levar a este comprometimento da saúde mental.

Assim, os estigmas sociais estão vinculados aos indivíduos que não possuem uma plena aceitação da sociedade, independentemente de seu *status quo*, que por sua vez os enxerga como desqualificados, menosprezados e inabilitados. Desta feita, estes indivíduos passam a ser considerados indesejáveis e muitas vezes taxados como delinquentes perante os padrões sociais estabelecidos.¹⁷⁶ Este foi o caso do jornalista, deputado estadual e redator-chefe do jornal “O Liberal” e secretário-geral do PSD, Lindolfo Mesquita, que teve sua imagem e reputação comprometidas por acusações de embriaguez. Todavia, tais apontamentos estavam possivelmente ligados a querelas políticas e, mesmo assim, o então deputado respondeu às acusações as quais ele classificou como difamatórias e afirmou, que “de vez em quando, senhores deputados, a imprensa a que me refiro procura me atazanar e o mínimo que diz da minha pessoa é que sou um ébrio, um desmoralizado, um viciado no álcool.” Graças a Deus, não sou nada disso.”¹⁷⁷

Compreendemos que a sociedade belemense vivenciada por Dalcídio já percebia os vícios sociais como um problema que desvirtua os sujeitos e que os consome desde comportamentos relacionados à agressividade, ao comprometimento das relações sociais familiares e pessoais, além de depreciar a imagem de pessoas públicas que não poderiam estar associadas a estes vícios, como o álcool, por exemplo. Esses aspectos nos levam a perceber como a sociedade concebia este problema e construía subterfúgios para o seu combate, lembrando que, apesar de em muitos casos parecer associado a grupos específicos na sociedade, como no caso dos trabalhadores braçais, os estigmas sociais poderiam deixar à margem todo aquele que estivesse disposto a pagar o preço pela tribulação em nome da ordem, recebendo a classificação de “classes perigosas”.¹⁷⁸

¹⁷⁵ Erving Goffman, três tipologias de estigmas sociais: a primeira, chamada abominação do corpo, que consiste em deficiências físicas; a segunda, as culpas de caráter individual, algumas já destacadas no texto. A terceira são os estigmas tribais de raça, nação e religião que, na maioria das vezes, são transmitidos de geração a geração. (Cf. GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. LTC, 1981).

¹⁷⁶ GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. LTC, 1981, p. 04.

¹⁷⁷ Jornal **O Liberal**. Vibrante discurso do deputado Lindolfo Mesquita destruindo os ataques de uma imprensa difamadora. 25 set. 1947. N. 258.

¹⁷⁸ DIAS JUNIOR, José do Espírito Santo. **Entre Cabarés e Gafeiras**: um estudo das representações boemias em Belém (1950 a 1980). São Paulo: Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: PUC-SP, 2013, p. 109-112.

3.2 O paradoxo masculino em Inácia Alcântara: o feminino que incomoda ou o masculino que fracassou?

Inácia Alcântara é uma personagem singular e interessante de *Belém do Grão-Pará*. Esposa de Virgílio Alcântara e mãe de Emília, está na trajetória de decadência com a família desde o rompimento político com Lauro Sodré, o que os colocou em situação de perda de *status* social. Com a mudança de hábitos da família, Inácia engordou junto com o marido e perdeu o vislumbre da morena que um dia foi. Entretanto, o que chama atenção para a personagem é o seu comportamento arrojado que lhe permitiu assumir as rédeas da casa e tomar decisões que envolviam os interesses da família.

Enquanto isso, Virgílio Alcântara demonstrou uma postura mais cuidadosa, menos ousada, não estava disposto a correr riscos e suas decisões envolviam, após a decadência da família, possuíam um caráter duvidoso. Inácia é representada como uma mulher que se assemelha ao homem, cujo comportamento é, na verdade, um comportamento masculino em oposição ao que deveria pertencer ao homem, sugerindo que Virgílio Alcântara falhou no seu papel quando não assumiu o posicionamento que lhe era devido como chefe da família.

Não é com precavidos, não, que o mundo anda, meu filho. Anda com os de cabelo na venda, rédea solta. Ai, sim, eu me calo. Ah, eu homem!¹⁷⁹
Tinha o coração na mão quando devia ter o chicote, exclamou uma noite dona Inácia, olhando de revés para o marido.¹⁸⁰

Inicialmente, devemos lembrar que a década de cinquenta, os chamados anos dourados¹⁸¹, trouxe progresso para o país e, junto dele, o temor de uma parcela da sociedade de que ocorresse uma desvalorização dos padrões femininos, isto é, mulheres que fossem criadas para serem boas mães e esposas obedientes, ao ponto de aprenderem prendas domésticas nas escolas, para moças na capital e, dentre as disciplinas ofertadas, estavam economia doméstica, cozinhar, costurar, bordar, além de desenhar e pintar. Tanto as escolas mais tradicionais quanto os educandários preparavam as moças para, por assim dizer, “cumprir seu destino.”

Aliás, esta preocupação pela manutenção do comportamento tradicional da mulher foi algo bastante estimulado, por meio da imprensa e de periódicos que possuíam como slogan “a revista de maior penetração no lar”, como foi o caso do “Jornal das Moças”. Esta publicação semanal fez parte do cotidiano da sociedade brasileira, até sua última edição em 1965. Nessa

¹⁷⁹ JURANDIR, Dalcídio. **Belém-do-Grão-Pará**. Belém: EDUFPA, 2004, p. 49.

¹⁸⁰ *Id. Ibid.*, p. 62.

¹⁸¹ O termo “anos dourados” refere-se a um conjunto de transformações políticas, sociais e econômicas que ocorreram durante os anos 1950, sob influência estadunidense.

lógica, além de destacar assuntos sobre saúde, principalmente, acerca do bom funcionamento dos órgãos reprodutores femininos, tratou também do comportamento e da utilização correta de produtos de beleza, como batons, por exemplo, ao ponto de publicar anúncios os quais comparavam as maquiagens entre as intituladas “mulheres do bem” e a meretriz.¹⁸² Vale ainda destacar que, o jornal enaltece a importância de se casar e a obrigação de saber manter o cônjuge ao seu lado. Desta feita, o mote principal deste tipo de publicação estava inteiramente associado a reforçar o estereótipo da mulher como esposa, mãe e do lar, ou seja, a submissão feminina ao homem.

Figura 33 - Jornal das Moças, anúncio de creme dental e sabonete, 1935.

ORNAL DAS MOÇAS 15 - 6 - 1935

**CONQUISTOU-O!
SABERÁ CONSERVAL-O?**

A FINAL a sua beleza venceu! Dentro de poucas horas casa-se. As doces ilusões serão uma esplendida realidade. Moça inteligente, sabe que se na conquista do marido surgiram transtornos, a maior dificuldade, entretanto, será conserval-o. Ha tantas moças que são um perigo para a sua paz de casada! Mas não cahitá em desleixos que a inferiorizem aos olhos do esposo. Ella está no firme proposito de cultivar os atractivos naturaes, para poder apresentar ao eleito do coração, o semblante sempre agradável. a cutis macia e aveludada e o sorriso encantador. Allis, já resolveu o problema com perfeita clarividencia: vai usar, como sempre, Sabonete Eucalol á base de eucalypto que activa a renovação diaria da epiderme, e o Creme Dental Eucalol que neutraliza a acidez da saliva, impede a formação do tartaro e tonifica as gengivas.

Eucalol

Standard - 5 - 422 - 1

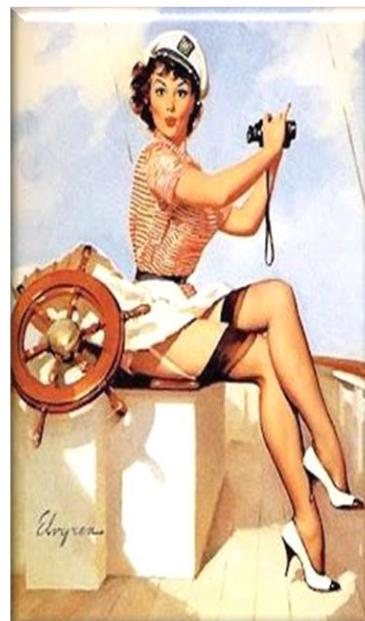
Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional, 1935. Editado pelo autor.

Todavia, apesar de a sociedade tradicional tentar impor suas regras ao comportamento feminino, os anos cinquenta também representaram um período de transformação. Os governos de Vargas e, posteriormente, de Juscelino Kubitschek, trouxeram para uma parcela da sociedade brasileira um novo estilo de vida que viria a afetar principalmente a classe média urbana.

¹⁸² (Cf. ALMEIDA, Nukácia Meyre Araújo. **Jornal das Moças**: leitura, civilidade e educação femininas. 2008, 261f. Orientadora: Andréa Borges Leão. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/3186>. Acesso em: 8 nov. 2024).

Sob tal conjuntura, um período que, apesar de os manuais de padronização da boa esposa estarem em voga, as influências externas advindas do cinema com as *pin-ups*¹⁸³ (Marylin Monroe, Jane Russel e Brigitte Bardot), da tv e da música, principalmente o rock and roll estadunidense com Elvis Presley, Jerry Lee Lewis e Chuck Berry e da música nacional a exemplo de Nora Ney,¹⁸⁴ Tony e Celly Campelo que conseguiram influenciar o comportamento feminino de uma época, fosse no vestuário (saias rodadas, jeans, meia soquete, cabelos presos e sapatos baixos), assim como, em seus posicionamentos, ou seja, uma tendência que pode vir a ser considerada como o início de uma revolução cultural como bem podemos ver nas imagens abaixo.

Figura 34 - Marta Rocha (Miss Brasil); Marilyn Monroe é uma pin-up símbolo de influência nos anos 50.



Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, s.d.

¹⁸³ Termo surgido com a primeira guerra e que servia para se referir a mulheres que apresentavam uma atitude mais sensual.

¹⁸⁴ Nora Ney foi considerada a primeira a gravar rock no Brasil quando, em outubro de 1955, junto com o Sexteto Continental, fez a versão brasileira do clássico Rock Around The Clock pela gravadora Continental. (Cf. Jornal **O Globo**, 14 jul. 2013).

Figura 35 - O uso de jeans e calças cigarretes como marcador de quebra de padrões nos anos 50.



Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional.

Figura 36 - Entre com o QR CODE e escute a versão de Nora Ney para o clássico de Bill Haley.¹⁸⁵



Foi nesta sociedade cheia de contradições que Dalcídio escreveu *Belém do Grão-Pará e Dona Inácia*, uma mulher com atitudes que não são compatíveis com a elite urbana de Belém dos anos 20. Desse modo, pode ser a representação desta nova mulher dos anos 50, ao tomar a frente de sua família e demonstrar em seu cotidiano falas e atitudes mais condizentes com o mundo masculino. Assim, em nosso entendimento, dona Inácia pode significar a construção de uma crítica ao homem, ao comportamento masculino, que não está em adequação ao que a sociedade espera, e essa “desordem” pode ser confrontada com as fontes históricas, demonstrando que as atitudes de dona Inácia são uma tendência que faz parte da sociedade em que Dalcídio Jurandir viveu suas experiências e, que as mudanças apresentadas pelas mulheres

¹⁸⁵ Youtube

da década de 50 geram desconforto em um ambiente em que o homem e a mulher possuem padrões pré-estabelecidos.

Vale ainda destacar que a *new woman* dos anos dourados está brigando por uma escolarização mais adequada, levando em conta seus anseios não apenas familiares, mas também profissionais, pois, apesar de, após a Segunda Guerra Mundial, a sua inserção no mercado de trabalho ter diminuído, retornando, em um quantitativo de quase 40%, às atividades domésticas,¹⁸⁶ a experiência da liberdade da “emancipação” financeira durante a guerra não seria esquecida, pois, de acordo com Françoise Thébaud:

Para as mulheres, a guerra constitui uma experiência de liberdade e de responsabilidade sem precedentes. Em primeiro lugar, pela valorização do trabalho feminino ao serviço da pátria e pela abertura de novas oportunidades profissionais, em que as mulheres descobrem, geralmente com prazer, o manuseamento de utensílios e técnicas que desconheciam. A guerra destrói, por necessidade, as barreiras que opunham trabalhos masculinos e trabalhos femininos e que vedavam às mulheres numerosas profissões superiores.¹⁸⁷

Essas mulheres que possuem seus direitos cerceados, lembrando que no Brasil a legislação do ano de 1943 concedeu licença para a mulher trabalhar sem prévio consentimento do marido, em contrapartida, o código civil vigente o mantinha na chefia da família,¹⁸⁸ é a mesma que irá em busca de profissionalização de ocupação do espaço público no que se refere ao lazer e à cultura. É o momento de maior autonomia sobre o corpo e a atividade sexual, e o desenvolvimento de atividades esportivas ocupa tendências na moda.¹⁸⁹ A imersão em um contexto de modernidade relacionado ao desenvolvimento tecnológico e o pós-segunda guerra mundial são fatores que condicionam a condução dessas mudanças.

Assim, em personagens como dona Inácia, podemos verificar uma correlação entre a construção do feminino e do masculino expressas mediante os jornais na década de 1950 e como o feminino está sendo visualizado pela sociedade, por meio de opiniões encontradas nestes periódicos. Percebemos que Jurandir transpõe um comportamento masculino ao

¹⁸⁶ FERNANDEZ, Brena. Avanços e retrocessos da participação feminina no mercado de trabalho brasileiro nas décadas de 1920/40/50: o que mudou entre o pré e o pós-segunda guerra mundial. Rio Grande do Sul: **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, v. 15, n. 30, jan./jun., 2023, p. 142.

¹⁸⁷ THÉBAUD, Françoise. A Grande Guerra: o triunfo da divisão sexual. In: DUBY, Georges, PERROT, Michelle (Org.). **História das Mulheres no Ocidente: o século XX**. Porto: Afrontamento, 1995, p. 49.

¹⁸⁸ PRIORE, Mary Del. **Sobreviventes e Guerreiras: Uma breve História da Mulher no Brasil de 1500 a 2000**. São Paulo: Editora Planeta Brasil, 2021, p. 203.

¹⁸⁹ FONTENELE, Sabrina. A década em que as mulheres tomaram as ruas das metrópoles brasileiras. **Jornal El País**, São Paulo, 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/23/opinion/1556047588_745215.html. Acesso em: 29 jun. 2024.

feminino, que jamais poderá efetivamente se realizar, pois o comportamento masculino só poderá ser realizado, de fato, por homens, o que leva dona Inácia a lamentar que se fosse homem, seria capaz de fazer tudo aquilo que Virgílio Alcântara não é capaz de fazer.

É neste contexto de modernidade que o avanço feminino passa a fazer mais sentido com a autonomia da mulher em espaços considerados masculinos. Neste contexto, no Brasil, nota-se um aumento da presença feminina em espaços públicos, não mais confinados ao lar. Assim, as mulheres reivindicam seu espaço e trabalham, circulando entre as calçadas e áreas centrais das cidades brasileiras. Entretanto, o emergente movimento feminino não é compreendido como uma mudança saudável aos considerados padrões da sociedade.

A “mulher moderna” retratada entre os anos de 1930 e 1960, por meio do jornal “O Estado de São Paulo”¹⁹⁰, exatamente nas décadas de efervescência cultural, indica um contraste entre o novo modelo de mulher que está surgindo e o conceito estabelecido de feminino. As modificações sugerem que a vida moderna está criando mulheres infelizes que optam por ser solteiras ou não terem filhos.

O cenário é de inconformidades com a nova posição social feminina de emancipação social em detrimento do modelo patriarcal, seja perante o lar, seja pelas cobranças masculinas do que viria a ser mulher. Enquanto o momento representa avanços para o grupo feminino, existia ainda a preocupação de que as mulheres deveriam se casar na idade considerada correta, que seria a partir dos 18 anos,¹⁹¹ para que pudessem constituir uma relação duradoura e habituada ao comportamento do cônjuge. As mulheres que não se encaixavam nesse modelo eram consideradas levianas¹⁹² e não poderiam representar uma boa mulher para o casamento.

O uso de roupas mais curtas e a demora para constituir um relacionamento sério eram vistos como falta de seriedade e compromisso para com o matrimônio. O jornal “O Cruzeiro” estipulava regras em relação ao casamento entre jovens e à conduta da mulher para que sua imagem se mantivesse íntegra em relação aos homens.

[...] marido e mulher quando são jovens adaptam-se melhor [...] A mulher jovem tem mais energia para a criação dos filhos. [...]. Além disso, marido e mulher, quando são jovens, adaptam-se melhor, é como se se afinassem por um mesmo diapasão – o dos interesses comuns.¹⁹³

¹⁹⁰ *Ibid.*

¹⁹¹ MITTANCKY, Vanuza Alves. As mulheres de 1950: seu comportamento e suas atitudes. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11 & 13 WOMENS’S WOLRDS CONGRESS, 2017, Florianópolis. Anais...* Florianópolis, 2017, p. 1.

¹⁹² *Ibid.*, p. 6.

¹⁹³ Jornal **O Cruzeiro**, 11 abr. 1953, p. 75

Depende muito da moça a maneira como é tratada pelos rapazes. Se dá preferência a modas e modos provocantes, perde o direito de queixar-se se o rapaz quiser avançar o sinal. O estímulo quem deu foi ela. [...] chamar a atenção dos rapazes [...] com gestos estudados e sensuais é depreciativo para a moça.

Os automóveis são um excelente meio de condução. Mas às vezes levam a moça longe demais. É preferível evitá-los pelo menos em passeios fora da cidade ou lugares desertos.¹⁹⁴

Percebemos que os “anos dourados” representam uma forte contradição entre as mudanças que afetam o comportamento das mulheres e as condutas estabelecidas pela sociedade que já definia a conduta feminina em vários setores da vida. Assim, aparenta que dona Inácia Alcântara assumiu uma posição nova no quesito ser mulher, sua postura arrojada, sua liderança perante a família para nortear os próprios interesses, se tornou a “cabeça da família”.

Ações que até então eram inerentes ao homem. Todavia, Virgílio Alcântara preferiu se ausentar destas funções e a miséria financeira e moral o consumiu de tal forma que, em certa medida, “obrigou” que sua esposa assumisse tais tarefas. A relação de dona Inácia com o contexto de mudanças femininas nos anos 1950 abre margem para compreendermos a atuação feminina na cidade de Belém nos referidos anos.

Na esteira de Inácia Alcântara e seu comportamento, de acordo com a obra, incômodo devido ao seu caráter arrojado, identificamos que a sociedade também discutia esta chamada “conduta inadequada” feminina, mas que está cada vez mais disposta a estabelecer posições e ocupar espaço em meio à sociedade. Assim, o jornal “O Liberal” divulgou uma nota sobre um telefonema indiscreto que informava sobre um “pic-nic” na vila de Mosqueiro, que seria promovido pelo prefeito Lopo de Castro e que estava sendo classificado como uma “farra oficializada”, sua ocorrência era tratada como um acontecimento.

A presença feminina é cotada para o fato, mas não de maneira que orgulhe os leitores. O “elemento feminino”, como retratado, foi inserido de forma que figurasse menor relevância para a participação das mulheres, pois garantia que também “possuíam estômago” e o “direito de divertir”.¹⁹⁵ O posicionamento expresso no jornal transmite a ideia de que as mulheres, como frequentadoras de ambientes políticos e relacionados ao prefeito citado, representavam um evento de menor importância relacionando ambos. Chama a atenção o fato de que na mesma página, com destaque central, a manchete “hoje, dia do soldado e de exaltação a Caxias,”¹⁹⁶ destacou a bravura e condecorou os militares de patentes superiores e os novos soldados que

¹⁹⁴ Jornal *O Cruzeiro*, 24 de maio de 1958, p. 70

¹⁹⁵ Jornal *O Liberal*, 25 de agosto de 1951. N. 761.

¹⁹⁶ *Ibid.*

serviram a pátria. Percebemos a forma como o masculino e o feminino são apresentados ao leitor. Enquanto uma matéria enaltece os bons feitos de homens militares, o outro não diminui a presença dos homens em um ambiente de descontração, mas no caso das mulheres, há informações depreciativas e de caráter duvidoso.

Figura 37 - Jornal “O Liberal”, 1951.



Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional, 1951. Editado pelo autor.

Outra questão que afligia os leitores masculinos nos anos cinquenta foi apresentada por meio da crítica estabelecida pelo jornalista Othon Ribas, a respeito do divórcio.¹⁹⁷ Em sua matéria, foi possível perceber que, mesmo não sendo seu lugar de fala, Othon reivindica a igualdade entre o comportamento masculino e o feminino, em que o masculino se coloca em posição de superioridade no quesito de direitos e com ações que são permitidas para o homem e consideradas abomináveis para as mulheres. Ao observar posturas de cobrança pela autonomia com relação à mulher em uma sociedade em que os comportamentos são definidos pelo masculino para o feminino, é possível verificar que tais condutas buscavam redimensionar a participação da mulher na sociedade. A matéria buscou evidenciar alguns aspectos que podem compor a visualização do questionamento de ações masculinas e femininas.

¹⁹⁷ Jornal **O Liberal**, 1951. N. 760

Figura 38 - Jornal “O Liberal”, 1951.



Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional, 1951.

E questiona-se ainda a ideia de “duas morais”¹⁹⁸ que são utilizadas pelos homens para definir suas ações e as ações femininas, em que uma é utilizada para uso masculino e a outra para uso feminino. Na esteira da moralidade dupla recai a moral do Evangelho,¹⁹⁹ que também é utilizada como recurso para estabelecer as fronteiras entre o permitido e o proibido entre homens e mulheres. A moralidade pesará mais sobre a mulher do que sobre o homem, um exemplo é o incentivo e conveniência entre os homens sobre o tema da castidade, em que são vorazes pela sedução de várias parceiras sexuais. Posto isso, enquanto as mulheres precisam se dedicar a um voto de fidelidade sexual que somente elas assinaram, os respectivos companheiros na relação podem quebrar o código com facilidade e com justificativa de que não estão cometendo nenhum erro ou infringindo alguma lei matrimonial.

Othon Ribas conclui que deve ser incentivado na sociedade para que as mulheres, por meio do casamento, possam obter mais autonomia dentro de suas relações conjugais, para que possam se manifestar com segurança contra possíveis desmandos masculinos dentro da relação. Seu manifesto contra o que considera descabida decisão judicial com as mulheres no divórcio, como o que considera um “comportamento infame”²⁰⁰ dos maridos, que além de estabelecerem

¹⁹⁸ Jornal *O Liberal*, 25 de ago. de 1951. N. 761.

¹⁹⁹ *Ibid.*

²⁰⁰ Jornal *O Liberal*, 25 de ago. de 1951. N. 761.

permissões e proibições com base em seus próprios princípios, tomaram a liberdade de simular a infidelidade da mulher para que configurasse adultério e assim expulsá-la de casa.

A figura de dona Inácia na obra *Belém do Grão-Pará* pode representar uma forma de subversão com relação aos costumes de sua época. Sua relação com a família não nos parece ser de subserviência, pois sempre demonstrou ser pessoa de opinião própria e capaz de impor sua vontade sobre a realidade a que está submetida. Seu comportamento arrojado reflete uma condição em que as mulheres estariam procurando ocupar a cada dia seu espaço em meio a padrões estabelecidos pelo masculino. Inácia Alcântara é o feminino em construção que está estabelecendo um contexto de regras estabelecidas por homens, em que as rédeas precisam ser tomadas de maneira similar à de homens, tornando a aparência de nossa personagem confusa entre o masculino e o feminino.

Conclusão

Logo, a partir da investigação das masculinidades presentes na obra *Belém do Grão-Pará* de Dalcídio Jurandir, foi possível constatar que o literato elucida diversas características que compõem o masculino e que posteriormente classifica um homem. Transitando entre as classes sociais, comportamentos, vestimentas, aparências, vícios e as dificuldades que cada indivíduo enfrenta para a manutenção de suas vidas. Nesse âmbito, os aspectos elucidados ao decorrer desta pesquisa historiográfica revelam uma característica valiosa da obra de Dalcídio Jurandir, que é a pluralidade de temas que podem ser abordados mediante suas construções literárias. Sua escrita é multifacetada e permite diversas concepções a cada nova leitura projetada sobre seu trabalho, permanecendo inabalável até mesmo ao tempo e sua implacabilidade.

O capítulo um, intitulado Dalcídio Jurandir, o ilustrado “pé no chão” da Amazônia, refaz a conhecida trajetória do escritor, perpassando desde sua chegada à cidade de Belém, sua história como militante do partido comunista que resultou em suas prisões e um curto período no cárcere. Em seguida, no item 1.1 - Dalcídio Jurandir: escritor, cidadão e sujeito, verificamos a atuação de Dalcídio como um sujeito que exerce sua cidadania em que utiliza a literatura como arma, seu engajamento possibilita mensagens de comunicação com os leitores, refletindo sua crítica social de maneira contundente. Ademais, no item 1.2 - A obra *Belém do Grão-Pará* e sua recepção pela crítica, pode ser verificada a forma como a obra foi recebida pela crítica especializada em literatura, que reconhece a qualidade da escrita literária do literato, o que demonstra sua dedicação na elaboração das obras.

No item 1.3 - As imagens do escritor: o masculino que sorri, verificamos um aspecto que podemos considerar novo, em que o sorriso do escritor pode ser problematizado. Em uma entrevista concedida à sua amiga e escritora Eneida de Moraes, um aspecto do autor foi abordado: o sorriso. Adentrando nesse aspecto, “calado e difícil de manter um diálogo longo”, definiu a escritora Eneida, que registrou uma foto de Dalcídio sorrindo mesmo sem o seu consentimento e autorização, refletindo o contraste entre a imagem de seriedade do escritor e o seu sorriso, um aspecto humano que pertence a todos.

O capítulo dois, intitulado: Os masculinos na *Belém do Grão-Pará* de Dalcídio Jurandir, apresenta o conceito de masculinidade seguindo uma linha de pluralidade, em que várias características que compõem o masculino são apresentadas na obra e que puderam conferir verificação de que os homens retratados na obra são compostos em diversas características atribuídas ao período em que Jurandir escreve sua obra, os anos de 1950. Dando continuidade, o item 2.1 - A Belém “decadente” pós Antônio Lemos apresenta a contextualização da obra,

identificando o período dos anos 1920 e a ideia de “decadência” evidenciada pelo autor após o fim da intendência de Antônio Lemos. Verificou-se que a decadência é uma ideia utilizada pelo autor que compõe a historiografia paraense em relação a Lemos e ao declínio econômico da exploração do látex para a produção da borracha e sua exportação. Além do mais, a Belém descrita por Dalcídio Jurandir mais compreende a Belém que ele vive enquanto escreve sua obra do que a Belém de 1920, sendo demonstrado por meio dos aspectos que a obra contém.

No item 2.2 - Virgílio Alcântara, o masculino decadente, e Lamarão, o grã-fino da “Belém do Grão Pará”, foram analisadas as masculinidades que compõem uma pluralidade de características que se integram para definir as masculinidades. Nesse âmbito, constata-se que os elementos oferecidos pela obra são identificados nos jornais que circulam pela cidade, demonstrando a preocupação com a aparência, as meias e o sapato polar que foi um símbolo de refinamento entre os homens do período. Os homens representados na obra *Belém do Grão-Pará* e os que viviam na década de 1950 se preocupavam com a maneira como se vestiam e a imagem que transmitiam na sociedade.

No campo das aparências, encaixam-se as referências aos sujeitos gordos sendo representados por Virgílio Alcântara. Os jornais utilizam a característica da gordura como forma de identificação e depreciação aos sujeitos retratados nas colunas de opinião, sendo um recurso utilizado por Jurandir. Para mais, o item 2.3 - Pelos fios do bigode, demonstra a preocupação dos homens com a barba e quais as impressões que elas poderiam transmitir, desde o rosto sem barba nenhuma até a “barba de ferrugem” que poderia demonstrar que aquela figura masculina não possuía o menor cuidado com sua aparência, proveniente da barba. Em suma, é notório que os jornais utilizavam a barba e o bigode como referências para identificar os indivíduos, sendo o mesmo recurso utilizado por Dalcídio Jurandir.

O capítulo três, nomeado: As masculinidades com o “pé no chão”, representa as masculinidades em oposição aos grã-finos da *Belém do Grão-Pará*, retrata os homens que trabalham arduamente todos os dias para conseguir o seu sustento e possuem problemas que integram as dificuldades e as preocupações do trabalho, como o álcool. Nessa lógica, o alcoolismo é representado como um grande problema para seu Lício, o qual “bebe ao ponto de feder” e suas “barbaridades” o identificam como um homem direto e grosseiro. A sociedade em 1950 está travando uma verdadeira batalha contra o uso excessivo do álcool, tendo o alcoolismo como uma categoria de doença mental que destrói o seu usuário e aqueles que se encontram ao seu redor, reforçando a ideia sustentada de que os problemas presentes na sociedade em que Jurandir vivia estão sendo projetados para a sua obra literária.

O item 3.2 - O paradoxo masculino em Inácia Alcântara: o feminino que incomoda ou o masculino que fracassou? aborda o curioso caso de Inácia Alcântara, que toma as rédeas da mão de seu marido Virgílio Alcântara, tornando-se uma mulher arrojada que decide os rumos da família, o emprego de Virgílio, o namoro de Emília, decisões sempre voltadas a recuperar o status da família que um dia declinou após o apadrinhamento político com Antônio Lemos. Nesse ínterim, é importante destacar que a personagem de Inácia é a mulher que está reivindicando seu espaço de maneira contundente e coletivizada, que assume posições até então consideradas masculinas e que transmite uma impressão desconfortável para uma sociedade que atribui padrões femininos às mulheres mediante uma régua masculina social. Inácia Alcântara é um incômodo feminino de uma sociedade em constante mudança que não irá retroceder aos padrões considerados corretos a partir do olhar masculino.

Os problemas enfrentados durante a pesquisa são dois, a saber: um se refere à temporalidade e o outro à relação entre a produção literária e as fontes históricas selecionadas para a correlação com a literatura dalcidiana. Nessa perspectiva, a temporalidade insere-se entre os anos de 1920, ano em que o autor ambienta a família Alcântara, e os anos de 1950, período em que o literato escreveu sua obra. Ao longo do processo, verificou-se que a obra estabelecida nos anos de 1920 possui diversas características dos anos em que foi escrita, sendo possível perceber que aspectos que compõem a sociedade estão sendo transpostos para Belém em decadência após os anos do Intendente Antônio Lemos. Assim, a pesquisa esteve entremeada entre a memória em reconstrução de Dalcídio Jurandir e os aspectos que perpassam a sociedade em que ele viveu, utilizando os recursos disponíveis ao seu redor e lançando para sua obra.

O segundo problema é referente às fontes históricas utilizadas, de maneira predominante: os periódicos. Como já mencionado, a obra oferece inúmeras e ricas possibilidades para exploração, porém, as fontes que norteiam o trabalho do historiador devem estabelecer o confronto literário. Nesse sentido, as fontes ofereciam uma limitação no estabelecimento de nexos entre a escrita contida na obra e nos periódicos. Essa relação exigiu o desenvolvimento de uma tarefa trabalhosa para a identificação de elementos que estabeleçam conexão ou confrontem a informação presente na obra. Apesar de árdua, foi uma tarefa prazerosa na construção de uma análise que poderá contribuir para os estudos que cercam as obras de Dalcídio Jurandir.

O problema de maior pertinência é em relação ao estabelecimento de conexões entre as fontes históricas, em que, para realizar a conexão entre a ficção e as fontes, é necessário que a literatura ou outras produções pertencentes ao autor possam oferecer subsídios para o estabelecimento de ligações. Assim, em pesquisas futuras, será proposta a consulta à

documentação pessoal de Dalcídio Jurandir, que está sob a guarda do Centro de Memória da Amazônia e da Fundação Casa Rui Barbosa, que contém anotações pessoais e informações que foram desenvolvidas pelo autor para a criação das obras. Essas poderão oferecer novas possibilidades de pesquisa para além das obras produzidas por Dalcídio e em uma possível expansão das masculinidades nas obras que compõem o Ciclo Extremo Norte.

FONTES IMPRESSAS

ARQUIVO PÚBLICO JORDÃO EMERENCIANO - APEJÊ. **Fichas e prontuários individuais.** Fundo: SSP-DOPS/PE. Recife: s.d.

CENTRO DE MEMÓRIA DA AMAZÔNIA. Fundo: TJE/PA/ Série: Cível/ Subsérie: Autos Cíveis de Reclamação/ Procedência: Comarca dos Interiores/ Anos: 1943 / Notação: E/ Caixa 73.

CENTRO DE MEMÓRIA DA AMAZÔNIA. Fundo: TJE/PA/ Série: Cível/ Subsérie: Autos Cíveis de Embargo (Autos de Agravo) / Procedência: Comarca dos Interiores / Anos: 1939 / Notação: E / Caixa 73.

JURANDIR, Dalcídio. **Belém-do-Grão-Pará.** Belém: EDUFPA, 2004.

JURANDIR, Dalcídio. **Tragédia e Comédia de um Escritor Novo do Norte.** Rio de Janeiro, 1940.

MORAIS, Eneida de. **Belém do Grão-Pará, de Dalcídio Jurandir.** Rio de Janeiro: Diário de Notícias, Suplemento Literário, 14 ago. 1960.

BELÉM (PA). **Relatório Municipal:** 1897-1902. Belém, 1902.

JORNAIS E REVISTAS

Jornal **Folha do Norte**, 23 out. 1960.

Jornal **O Cruzeiro**, 11 abr. 1953.

Jornal **O Cruzeiro**, 24 maio 1958.

Jornal **O Globo**, 14 jul. 2013.

Jornal **O Imparcial**, 1933.

Jornal **O Liberal**. Diário Vespertino. 25 nov. 1946.

Jornal **O Liberal**, 25 set. 1947.

Jornal **O Liberal**, 1 mar. 1951.

Jornal **O Liberal**, 05 mar. 1951.

Jornal **O Liberal**, 02 abr. 1951.

Jornal **O Liberal**, 07 jun. 1951.

Jornal **O Liberal**, 28 jun. 1951.

Jornal **O Liberal**, 25 ago. 1951.

Jornal **O Liberal**, 23 out. 1951.

Jornal **O Liberal**, 8 nov. 1951.

Jornal **O Liberal**, 10 dez. 1951.

Jornal **O Liberal**, 31 dez. 1951.

Jornal **O Liberal**, jun. 2021.

Jornal **O Liberal**, jun. 2024.

Jornal **Imprensa Popular**, 20 set. 1955.

Jornal da **União Brasileira de Escritores**, out. 2002.

Revista **Dom Casmurro**. 31 ago. 1940.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Nukácia Meyre Araújo. **Jornal das Moças**: leitura, civilidade e educação femininas. 2008, 261f. Orientadora: Andréa Borges Leão. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/3186>. Acesso em: 8 nov. 2024).

BALZAC, Honoré de. **Tratado da vida elegante**: ensaios sobre a mesa e a moda. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BASSALO, Célia Coelho. **O Art Nouveau em Belém**. Brasília-DF: Iphan/Programa Monumenta, 2008. Disponível: <https://fauufpa.org/wp-content/uploads/2011/03/o-art-nouveau-em-belc3a9m-cc3a9lia-bassalo.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2024.

BARBOSA, Wilson Ferreira. **A recepção crítica da obra de Dalcídio Jurandir**: Rio de Janeiro e Belém do Pará (1940 – 1980). Orientador: Carlos Alexandre Baungarten, 2016, 193 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016, f. 128. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/6509>. Acesso em: 11 dez. 2024.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, v. 1, 2006.

BOLLE, Willi. Boca do Amazonas: roman-fleuve e dictio-narium caboclo em Dalcídio Jurandir. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, Belém, v. 6, n. 2, mai./ago., 2011, p. 426.

BUTLER, Judith. Atos performativos e constituição de gênero. Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: MACEDO, Ana Gabriela; RAYNER, Francesca (Org.). **Gênero, cultura visual e performance**. Minho: Universidade do Minho/Húmus, 2011, p. 87.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, Luiz Maklouf. **Cobras criadas**. David Nasser e O Cruzeiro. São Paulo: Senac, 2001.

CARVALHO, Lorena Bolsanello de; SILVA, Marcia Cabral. Dalcídio Jurandir: do peixe frito às páginas de Dom Casmurro. Rio de Janeiro: **Revista Teias**, v. 25, n. 78, jul/set., 2024, p. 270. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/83718>. Acesso em: 29 abr. 2024.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHEMELO, Thainá Oliveira; MAIA, Maíra Oliveira; NUNES, Paulo Nunes. Narrativa e memória na Amazônia de Dalcídio Jurandir. **Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**, n. 34, jul./dez. 2020, p. 56. Disponível em: <https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/561>. Acesso em: 26 ago. 2024.

COIMBRA, Adriana Modesto. O clarão que iluminou a cidade: as concessões Bolonha e a derrocada da “Era Lemos” - modernização e disputas políticas na cidade de Belém do Pará. **Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**, [S.I.], v. 5, n. 2, jul. 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/login>. Acesso em: 21 abr. 2024.

CRACCO, Rodrigo Bianchini. **A longa duração e as estruturas temporais em Fernand Braudel**: de sua tese O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Felipe II até o artigo História e Ciências Sociais: a longa duração (1949-1958). Orientador: Hélio Rebelo Cardoso Júnior. 2009. 115 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2009. Disponível em: http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93349/cracco_rb_me_assis.pdf?sequence=1/>. Acesso em: 21 fev. 2024.

DIAS, JÚNIOR, José do Espírito Santo. Entre Cabarés e Gafieiras: um estudo das representações boemias na periferia de Belém do Pará, 1960-1980. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. 2011, São Paulo, **Anais...**, São Paulo, jul. 2011, p. 04. Disponível em: https://bdt.d.ibict.br/vufind/Record/PUC_SP-1_d29bc748c8e108b78e5c56526448f2ea. Acesso em: 15 jul. 2024.

ECO, Umberto. **O Nome da Rosa**. Rio de Janeiro: Editora O Globo, 2003.

FARIAS, Fernando Jorge dos Santos. **Dalcídio Jurandir e a Educação**: De letrado provinciano a intelectual nacional. Orientadora: Dislane Zerbinatti Moraes. 2018. 175 f. Tese (Doutorado em História da Educação e Historiografia) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-20032018-155518/publico/FERNANDO_JORGES_DOS_SANTOS_FARIAS_rev.pdf. Acesso em: 10 dez. 2024.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. São Paulo: Edusp. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. 2002.

FERNANDEZ, Brena. Avanços e retrocessos da participação feminina no mercado de trabalho brasileiro nas décadas de 1920/40/50: o que mudou entre o pré e o pós-segunda guerra mundial. Rio Grande do Sul: **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, v. 15, n. 30, jan./jun., 2023.

FONTENELE, Sabrina. A década em que as mulheres tomaram as ruas das metrópoles brasileiras. **Jornal El País**, São Paulo, 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/23/opinion/1556047588_745215.html. Acesso em: 29 jun. 2024.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. São Paulo, Graal, 2005.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. LTC, 1981.

HADDAD, Rogério Delbone; HADDAD, Maria Irene Delbone. Performatividade, constituição de gênero e teoria feminista. *In*: V SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES. 2017, Salvador, **Anais V ENLAÇANDO** Salvador: UNEB, 2017. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/30620>. Acesso em: 18 abr. 2024.

HAYNES, John. **New Soviet Man**: Gender and masculinity in Stalinist Soviet cinema. Manchester and New York: Manchester University Press, 2003.

LACERDA, Franciane Gama. Entre o sertão e a floresta: natureza, cultura e experiências sociais de migrantes cearenses na Amazônia (1889-1916). São Paulo: **Revista Brasileira de História**, v. 26, nº 51, 2006, p. 198. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/CM9bsZGrPQQqZhsfhpcdzcx/>. Acesso em: 19 jan. 2024.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. *In*: BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

LIRA, Osileide de Jesus. Dalcídio Jurandir: uma leitura da cultura cabocla paraense e a educação. Orientadora: Luiza Batista de Oliveira Silva. 2016. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Sociedade e Processos Formativos) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Francisco, Itatiba, 2016. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4066330. Acesso em: 11 abr. 2024.

MAIA, Maíra Oliveira. **Para além da decadência** – A “aristocracia do pé no chão” na Belém de Dalcídio Jurandir. Tese (Doutorado em História Social da Amazônia) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017, f. 158. Disponível em: <https://www.dalcidiojurandir.com.br/pdf/estudos-academicos/para-alem-da-decadencia-a-aristocracia-do-pe-no-chao-na-belem-de-dalcidio-jurandir.pdf>. Acesso em: 10 de dezembro de 2024.

MAIA NETO, José. A Economia da Borracha e o Esforço de Guerra: os Soldados da Borracha na Amazônia. FILHO, Armando Alves. SOUZA JUNIOR, José Alves (Org.). **Pontos de História da Amazônia**. Belém: Editora Paka-Tatu, v. 2, 2000.

MATOS, Maria Izilda de. Cabelo, barba e bigode: masculinidades, corpos e subjetividades. Juiz de Fora: LOCUS: **Revista de História**, v. 17, n. 2, 2011.

MITTANCKY, Vanuza Alves. As mulheres de 1950: seu comportamento e suas atitudes. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11 & 13 WOMENS'S WOLRDS CONGRESS, 2017, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2017.

MOURÃO, Leila. Memórias da Indústria Paraense. *In*: XII CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA ECONÔMICA E 13ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DE EMPRESAS. 2017, Niterói. **Anais...** Niterói: ABPHE, 2017. Disponível:

<https://www.abphe.org.br/uploads/ABPHE%202017/10%20Mem%C3%B3rias%20da%20ind%C3%BAstria%20Paraense.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2024.

NETO, Lira. **Getúlio: da volta pela consagração popular ao suicídio (1945-1954)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

NUNES, Benedito. Belém do Grão-Pará. Crônica de Belém: “Belém do Pará. (Org.). **Marques Editora; Casa de Cultura Dalcídio Jurandir**. Belém: Estudos Dalcidianos, 4ª ed., 2015.

NUNES, Benedito. **Dalcídio Jurandir, romancista da Amazônia: literatura e memória**. Belém: SECULT/PA. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 2006.

PRIORE, Mary Del. **Sobreviventes e Guerreiras: Uma breve História da Mulher no Brasil de 1500 a 2000**. São Paulo: Editora Planeta Brasil, 2021.

REIS, Daniel Aarão. **Luís Carlos Prestes**. Companhia das Letras, São Paulo, 2014.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. **Gordos, magros e obesos: uma história do peso no Brasil**. São Paulo: Estação Liberdade, 2016, p. 22.

SARGES, Maria de Nazaré. Um outro olhar sobre a Paris dos Trópicos. *In*: SOLER, Maria Angélica; MATOS, Maria Izilda (Org.). **A cidade em debate**. São Paulo: Olho d’água, 1999, p. 49-74.

SARGES, Maria de Nazaré. **Memórias do velho intendente**. Belém: Paka-tatu, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 2003, 2 ed. p. 29.

SOARES, Karol Gillet. **As formas de morar na Belém da Belle-Époque (1870-1910)**. 2008. 247 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas: a moda no século dezenove**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

THÉBAUD, Françoise. A Grande Guerra: o triunfo da divisão sexual. *In*: DUBY, Georges, PERROT, Michelle (Org.). **História das Mulheres no Ocidente: o século XX**. Porto: Afrontamento, 1995. p. 09-28. Disponível em: Acesso em: 10 dez. 2024.

THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa**. São Paulo: Paz e Terra, v. 1. A Árvore da Liberdade, 2011.

TORRES, Breno Machado; FURTADO, Marli Tereza. O reino de marinatambalo: um conto de fadas em Três Casa e Um Rio, de Dalcídio Jurandir. *In*: ANAIS ELETRÔNICOS DO XIV CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC, 2015, Belém, PA. **Anais [...]**, Belém, PA: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, 2015. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1456146586.pdf. Acesso em: 15 jan. 2025.

APÊNDICE

Personagens masculinos e suas características na narrativa dalcidiana.

Personagem	Função Narrativa	Aparência/cor da pele	Aparência/forma física	Vestuário	Bigode/Cabelo	Local	Comportamento	Comparações
Virgílio Alcantara	Imigrante cearense Administrador do Mercado de São Brás e funcionário da alfândega após ser demitido. Verificar.	Branco pág.51 Peixe-boi deitado na rede pág. 108.	Gordo pág. 51 Fiel pág. 58 Voz nordestina pág. 60 Não sabia cumprimentar pág. 62.	Colarinho imposto pela filha. Pág. 374. Cerzidinh a a camisa, puindo o colarinho, os bolsos do avesso. p, 486	Curto e esbranquiçado pág. 49.	Pouco frequentava a sociedade, pouco frequentava os jardins. Preferia a Cidade Velha pág. 62 Mercado de São Brás, preferia uma briguinta de galo na José Bonifácio do que uma sessão cívica no Teatro da Paz pág.62	Come muito. Comia como se boiasse a própria mulher pág. 162 Impaciência gluttona pág. 164 Comendo folha a folha como um jabuti. Pág. 164 Hábito de dormir em rede pág. 168 Ele ronca pag. 178 Preocupação com a traição de Inácia. Pág. 219. Não tinha hábito de tomar banho. Pág. 270. Não é frequente na religião. Irmão em São Vicente de Paula. Pág. 404.	O velho Quatipuru endemoniado. Pag. 265.
Alfredo		Rosto de rapadura pág. 48	Barrigudinho pág. 52	Meias com ligas de borracha, (marcas de ferida na perna) sapato sem descrição pág. 79.	Cabelo, chega tem crina pág. 89 Cabelo na moda da cidade pág. 91. Cabelo matagal pág. 96		Andar de menino do interior. Matuto, tio-bimba pág. 81. Tímido na frente das meninas. Pág. 173. Ouviu ladrão? Coragem e já era um homem pág.179.	
Major	Pai de Alfredo							
Dr. Leandro	Funcionário da alfândega,							

	conterrâneo do Ceará.							
Nenê	Sobrinho das tias Veigas e único homem da família							
Alemão da Manoel Barata	Afinador de piano, corcovado, dentes amarelos de latão, hálito de azinhavre. Pag. 78.							
Zito Neiva	Despachante da recebedoria de vendas, primeiro namorado sério de Emília. Namoro desfeito por D. Inácia pag. 73		Magro pág. 76. Profissão: bacharel pág. 76		Bigodinho, pueta, canalinha. Pág. 73			
Dr. Gurjão	Médico de crianças							
Padrinho Barbosa (padrinho do Alfredo)	Padrinho de Alfredo, possuía comércio na 15 de novembro, aviador do baixo amazonas. Aviava o comércio de Cachoeira			Chapéu, guarda-chuva, paletó, óculos, alvo colarinho engomado pág. 102.				
Coronel Bernardo	Aviado e amigo de Barbosa							
Major Alberto	Secretário Municipal do Coronel						Desajeitado e impaciente ao comer o peixe pag. 163	
Farias Brito	Conterrâneo de d. Inácia	Possui cabeça, é inteligente pág. 114						
Porteiro da Escola Rio Branco	Porteiro e Veterano de canudos	Homem escuro (negro) maneta pag. 122		Manga inútil no bolso do paletó de casimira, pag. 122			Voz encatarrada e impaciente. Pag. 122	
Professor Chiquinho	Professor de Matemática ou aritmética							
Joãozinho Rangel	Cachoeirense, pávulo golquíper de fama em cachoeira							
Lamarão	Amigo mais velho de Alfredo na escola. A amizade reflete um status e a			Tão bem-vestido que andava. Pág. 153.		Uma tarde no circo do Largo do Quartel.	Comportado na sala de aula, saíam em um só voo quando a	Frango de calça curta. Pág. 155.

	tentativa de impressionar os Alcântaras com a Amizade. Pag. 153			Sapato polar, meia esticada com liga sem defeito, pág. 154		Local que mora: São Jerônimo (palacete da fotografia do álbum comemorativo da cidade de Belém) pág. 153	<p>campanha batia. Pág. 173</p> <p>Sorria sempre, pagando sempre. Pág. 154</p> <p>Lamarão sempre de dente a mostra pág.154</p> <p>Misterioso palacete, desconfiança com o rico. Pág. 154.</p>	
Seu Bento	Ferreiro	Velho, barba cor de ferrugem pág. 170	Tem um cachorro que pegou pira pág. 170.					
Seu Agostinho								
Pianista do terceto da sala de espera	Pianista que lembra o pai do Alfredo.							
Juliano Gomes	Desembargador, Chefe de Polícia.	Velhice no rosto, uma prega escura pág. 231		<p>Chapéu na mão. Pag. 231</p> <p>Meia calva pág. 231</p> <p>Paletó pag. 232</p> <p>Ar escovado pag. 233</p>				
Dr. Magalhães	Delegacia fiscal							
Dr. Bezerra								
Antônio								
Soldado do 26 B.C								
Seu Lício	Encadernador pag. 186	Cara lisa. Pág. 400.				<p>Botequim de São Brás, Porto do Sal, Jurunas. Pág. 396.</p> <p>Cidade Velha, igrejas</p>	<p>Fuma cachimbo. Pág. 398.</p> <p>Toma cachaça a ponto de feder. Pág. 398.</p>	

						<p>e o paredão do seminário. Pág. 400.</p> <p>Ver-o-Peso, Antônio Barreto. Pág. 403.</p> <p>Ruas do bairro do Jurunas: Caripunas, Timbiras. Bairro da Campina., 478.</p>	<p>Cometia brutalidades. Pág. 403</p> <p>Observador das mulheres. p, 482, 483.</p>	
Dr. Pennafort	Dono da fábrica de gelo. Pág. 235	Rosto rapado Além dos sessenta (anos) pág. 235		Sempre de branco, impecável, flor na lapela, sapatos brancos, sem chapéu, que não usava "por higiene", óculos escuros, afetando um grande ar lascivo. Pag 236			<p>Conhecido por sagacidade como engenheiro e polemista. Pág. 236</p> <p>Abriu um leque. Pag. 237</p> <p>Fama de sultão. Pag. 236</p>	
Pianista do terceto	Pianista do terceto. Pag. 230	Rosto branco	Curvo pag. 230					Lembrava uma cebola descascada pag. 230
Poeta	Poeta no aniversário de Emília. Pág. 241.	Cabelo branqueando pág. 241						
Edmundo	Morador de cachoeira que estudou na Inglaterra pág. 242.							
Tio do Alfredo	Tio do Alfredo, morador de cachoeira.	Presença de um homem, negrume (negro,) Pag. 335.					<p>Labioso, altaneiro (arrogante) mordido de formiga taoca, de muita viagem, bom proceder e bem falar. Pag. 335.</p> <p>Cobiçado pelas mulheres por ter</p>	

							vido mordido pela formiga taoca, pág. 340	
Irmão de Isaura	Irmão da Isaura e marceneiro. Pág. 374.						Sapato Polar alinhado (bem cuidado). Pag. 374.	

Fonte: JURANDIR, Dalcídio. **Belém-do-Grão-Pará**. Belém: EDUFPA, 200

